

**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Andreia Fernandes de Sousa

**Perceções de Profissionais acerca dos  
Benefícios da Utilização da Entrevista  
Baseada Nas Rotinas no Apoio às Famílias  
em Intervenção Precoce**

janeiro de 2015



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Andreia Fernandes de Sousa

**Perceções de Profissionais acerca dos  
Benefícios da Utilização da Entrevista  
Baseada Nas Rotinas no Apoio às Famílias  
em Intervenção Precoce**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Educação Especial  
Área de Especialização em Intervenção Precoce

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Doutora Ana Paula da Silva Pereira**

janeiro de 2015

# DECLARAÇÃO

Andreia Fernandes de Sousa

Endereço Eletrónico: [andreiasousa321@hotmail.com](mailto:andreiasousa321@hotmail.com)

Número do Bilhete de Identidade: 13736647

Título dissertação

**Perceções de Profissionais acerca dos Benefícios da Utilização da  
Entrevista Baseada Nas Rotinas no Apoio às Famílias em Intervenção  
Precoce**

Orientadora:

Doutora Ana Paula da Silva Pereira

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado:

Mestrado em Educação Especial - Área de Especialização em Intervenção Precoce

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Assinatura:

## Agradecimentos

A construção deste trabalho de investigação permitiu-me aprender de que com esforço e dedicação tudo é possível. Apesar de humilde é para mim uma enorme conquista e um passo muito importante na minha vida pessoal e profissional.

Considero que não é apenas o resultado de um empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível. Por isso, não posso deixar de manifestar a minha gratidão a todos os que estiveram presentes nesta longa caminhada, com momentos de angústia, de ansiedade, de insegurança, de exaustão, de alegria, de entusiasmo, de satisfação.

À minha querida orientadora Dra. Ana Paula Pereira, que sempre tem um gesto de carinho e atenção para dar, que esteve sempre disposta a colaborar e a ajudar em todos os passos, a ouvir as minhas preocupações e a direcionar o meu olhar para as soluções, e que acreditou em mim e no meu trabalho.

Às profissionais que participaram prontamente no estudo, sem porquês nem quês, sem hesitações, e pelo amor ao que fazem, todos os dias, em IP.

Aos meus queridos pais e irmão, pelo amor e carinho, pela força, apoio e incentivo, pela paciência e consolo nas minhas horas mais angustiantes, por acreditarem em mim, por estarem sempre a meu lado, e que sem os quais nada seria possível.

Ao meu companheiro, pelas noites e fins-de-semana perdidos, por todos os gestos de carinho, por todos os momentos de alegria, pelo conforto nos momentos menos bons, e principalmente por estar sempre ao meu lado.

Aos meus amigos, por saber que posso sempre contar com eles, por não ter estado tão presente nos últimos tempos, e por todos os abraços de alma e palavras reconfortantes.

Um obrigada a todos que direta ou indiretamente estiveram envolvidos, bem-hajam. Quero que saibam que guardo cada pedacinho desta experiência no meu coração, com amor.



## Resumo

O presente estudo teve como finalidade: conhecer, compreender e sistematizar as percepções de profissionais acerca dos benefícios da utilização da Entrevista Baseada nas Rotinas (EBR) no apoio às famílias em Intervenção Precoce (IP). Para esse fim, e de acordo com a metodologia qualitativa, os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas, a seis profissionais que integram as Equipas Locais de IP (ELI), com pelo menos 2 anos de experiência na IP; que realizaram o Curso de Formação creditada “*Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família*”; e com experiência de utilização da EBR.

Os resultados obtidos permitem concluir que os profissionais ainda não decidiram um momento específico de implementação da EBR. A equipa salvaguarda que o profissional que implementa, independentemente do profissional que o ajuda, tem formação específica em intervenção baseada nas rotinas.

As participantes confessam que existe dificuldade em aceitar, apesar da formação e da experiência em implementar a EBR, as prioridades da família, e em posteriormente focar a intervenção nessas prioridades. E que ainda não estão a definir objetivos funcionais, embora refiram que existe essa preocupação.

As participantes referem: a necessidade de mais tempo e de mais recursos humanos para fazer a aplicação da EBR e a dificuldade em estabelecer com a família um dia, uma hora e um local compatível para a sua aplicação. Salientam também a necessidade de as formações serem acessíveis a todos os profissionais da ELI para que haja uma melhor adequação do trabalho em equipa e das práticas de apoio às famílias. Aludem que a EBR facilita e otimiza a participação da família em todo o processo de apoio e que ajuda a identificar e a implementar os objetivos que são prioritários para a família.

**Palavras-chave:** Intervenção Precoce; Práticas Centradas na Família e na Comunidade; Entrevista Baseada nas Rotinas; Percepções de Profissionais de IP.



## Abstract

This study aims to perceive, understand and systematize the perceptions of professionals regarding the benefits of using Routine-Based Interviews (RBI) in the support of families involved in Early Intervention programs (EI). Therefore, and according to qualitative methodology, data were collected through semi-structured interviews to six IP professionals with at least 2 years experience in EI and, with experience in the use of RBI, who conducted the training course on *Routine Based Practices of Early Intervention: How to Promote Family Participation*.

The results indicate that professionals have still not yet decided on a specific time for the implementation of RBI. However, the team safeguarded what the professional intended to implement, regardless of their help and, have specific training in intervention based on routines.

The participants confess that this is difficult to accept, despite the professional's training and experience necessary for the implementation of RBI, family priorities and then, focus that intervention on these priorities. Furthermore, they are still not applying the functional objectives, although they state that this is a cause for concern.

The participants also confirm that there is a need for more time and more human resources and, that it is difficult to establish a specific day or time to carry out interviews with families and also, a compatible site for their application. Furthermore, they highlight the need for training to be made available to all professionals so that there will be better cooperation within teams and more practical support to families.

Therefore, RBI facilitates and optimizes family participation in the whole process of support, and helps to identify and implement the goals which are of major importance to families.

**Keywords:** Early Intervention; Community and Family-Centered Practice; Routines-Based Interview; Perceptions of EI professionals.



## Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Introdução .....	13
Finalidade, Objetivos e Pressupostos.....	14
Organização e Conteúdos .....	14
CAPÍTULO I - A ENTREVISTA BASEADA NAS ROTINAS EM INTERVENÇÃO PRECOCE: CONCEITO, PROCESSO E BENEFÍCIOS	17
A Avaliação Centrada na Família em IP .....	19
A Entrevista Baseada nas Rotinas no Processo de Apoio em IP .....	23
Contextos Naturais de Vida da Criança e da Família: Sua Importância no Processo de Apoio em Intervenção Precoce .....	28
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO .....	41
Opção Metodológica.....	41
Questões e Objetivos da Investigação .....	42
Desenho da Investigação .....	43
Participantes.....	43
Instrumento de Recolha de Dados .....	44
Procedimentos de Apresentação e Análise dos Dados .....	47
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	49
Apresentação e Análise dos Dados.....	49
Discussão dos Dados .....	114
CONCLUSÃO, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES .....	129
Limitações .....	133
Recomendações.....	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	135

ANEXOS .....	143
Anexo A .....	144
Anexo B .....	147
Anexo C .....	151
Anexo D .....	155
Anexo E .....	158
Anexo F .....	162
Anexo G .....	167
Anexo H .....	171

## Índice de Quadros e Figuras

Quadro 1. <i>Síntese das Perspetivas de Beatriz no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.</i>	52
Quadro 2. <i>Síntese das Perspetivas de Beatriz na Participação da Família na EBR.</i>	53
Quadro 3. <i>Síntese das Perspetivas de Beatriz na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.</i>	54
Quadro 4. <i>Síntese das Perspetivas de Beatriz na Identificação das Competências da Criança.</i>	55
Quadro 5. <i>Síntese das Perspetivas de Beatriz em Relação aos Objetivos Funcionais.</i>	56
Quadro 6. <i>Síntese das Perspetivas de Beatriz nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.</i>	57
Quadro 7. <i>Síntese das Perspetivas de Daniela no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.</i>	61
Quadro 8. <i>Síntese das Perspetivas de Daniela na Participação da Família na EBR.</i>	63
Quadro 9. <i>Síntese das Perspetivas de Daniela na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.</i>	64
Quadro 10. <i>Síntese das Perspetivas de Daniela na Identificação das Competências da Criança.</i>	65

Quadro 11. <i>Síntese das Perspetivas de Daniela em Relação aos Objetivos Funcionais.</i>	66
Quadro 12. <i>Síntese das Perspetivas de Daniela nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.</i>	67
Quadro 13. <i>Síntese das Perspetivas de Eva no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.</i>	72
Quadro 14. <i>Síntese das Perspetivas de Eva na Participação da Família na EBR.</i>	73
Quadro 15. <i>Síntese das Perspetivas de Eva na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.</i>	74
Quadro 16. <i>Síntese das Perspetivas de Eva na Identificação das Competências da Criança.</i>	76
Quadro 17. <i>Síntese das Perspetivas de Eva em Relação aos Objetivos Funcionais.</i>	77
Quadro 18. <i>Síntese das Perspetivas de Eva nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.</i>	79
Quadro 19. <i>Síntese das Perspetivas de Helena no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.</i>	83
Quadro 20. <i>Síntese das Perspetivas de Helena na Participação da Família na EBR.</i>	84
Quadro 21. <i>Síntese das Perspetivas de Helena na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.</i>	85
Quadro 22. <i>Síntese das Perspetivas de Helena na Identificação das Competências da Criança.</i>	87
Quadro 23. <i>Síntese das Perspetivas de Helena em Relação aos Objetivos Funcionais.</i>	88
Quadro 24. <i>Síntese das Perspetivas de Helena nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.</i>	89
Quadro 25. <i>Síntese das Perspetivas de Isabel no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.</i>	92
Quadro 26. <i>Síntese das Perspetivas de Isabel na Participação da Família na EBR.</i>	94
Quadro 27. <i>Síntese das Perspetivas de Isabel na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.</i>	95

Quadro 28. <i>Síntese das Perspetivas de Isabel na Identificação das Competências da Criança.</i>	96
Quadro 29. <i>Síntese das Perspetivas de Isabel em Relação aos Objetivos Funcionais.</i>	97
Quadro 30. <i>Síntese das Perspetivas de Isabel nas Vantagens e Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.</i>	99
Quadro 31. <i>Síntese das Perspetivas de Joana no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.</i>	103
Quadro 32. <i>Síntese das Perspetivas de Joana na Participação da Família na EBR.</i>	105
Quadro 33. <i>Síntese das Perspetivas de Joana na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.</i>	108
Quadro 34. <i>Síntese das Perspetivas de Joana na Identificação das Competências da Criança.</i>	109
Quadro 35. <i>Síntese das Perspetivas de Joana em Relação aos Objetivos Funcionais.</i>	110
Quadro 36. <i>Síntese das Perspetivas de Joana nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.</i>	113
<i>Figura 1. Diferenças na influência dos pais/cuidadores e dos profissionais de IP sobre os resultados no desenvolvimento e na aprendizagem da criança (Adaptado de McWilliam, R., 2005).</i>	32
<i>Figura 2. Oportunidades de intervenção e sua eficácia (Adaptado de Jung, L., McCormick, K. &amp; Jolivette, K., 2004).</i>	33
<i>Figura 3. Componentes principais do modelo das PCM para fornecer às crianças pequenas oportunidades de aprendizagem baseadas em interesses (Adaptado de Raab &amp; Dunst, 2006).</i>	35
<i>Figura 4. Contextos de atividades quotidianas como oportunidades de aprendizagem em meio natural baseadas nos interesses da criança e fomentadoras de competências (Adaptado de Dunst, Raab, Trivette &amp; Swanson, 2012).</i>	37
<i>Figura 5. Processo de planificação, implementação e avaliação da eficácia das PCM (Adaptado de Dunst, Raab, Trivette &amp; Swanson, 2012).</i>	38
<i>Figura 6. Sistema de categorias.</i>	48

## Introdução

A Intervenção Precoce (IP) continua a percorrer mesmo nos dias de hoje um caminho duro, de constante luta pela aproximação da teoria à prática, mas, ao mesmo tempo, enriquecedor, quando observamos todos os passos atingidos e todos os benefícios e sorrisos que proporcionou a inúmeras famílias. Segundo Pereira (2002), o período de tempo mais distinto nesta área decorreu entre 1970 e 1995, com o surgimento de programas de apoio, e serviços para crianças e suas famílias, muito mais coerentes, com maior visibilidade, e melhor enquadrados nas suas necessidades. Estes programas centrados nas necessidades das famílias, baseiam-se nas comunidades locais em que as famílias se inserem, são capazes de integrar as contribuições das diferentes disciplinas, e ter a capacidade de planejar e coordenar apoios e serviços, tendo por base uma estrutura sistémica, sendo deste modo eficazes.

A Entrevista Baseada nas Rotinas (EBR) insere-se neste novo modelo recomendado de prestação de apoio às famílias. É um método de avaliação de excelência, recomendado na literatura e pela investigação realizada na área da Intervenção Precoce.

A EBR pode ser definida como sendo o passo essencial para a construção de um plano de intervenção funcional, centrado na família, incluído nas rotinas do dia-a-dia, respondendo às preocupações, prioridades e desejos de mudança da família, que permite além de um maior desenvolvimento da criança ao nível da autonomia, do envolvimento e das relações sociais no seu dia-a-dia, uma participação efetiva da família em todo o processo. Considerando-se desta forma, um método eficaz e promissor da implementação da abordagem centrada na família.

Apesar dos grandes esforços da investigação nos últimos anos, ainda é possível atualmente depararmo-nos com práticas que não estão a ir ao encontro do que a teoria pressupõe. Percebendo que este passo de ajuste entre a teoria e a prática é uma “caminhada”, ainda com muito trilho a percorrer e com alguns obstáculos, ela só será possível se todos os envolvidos neste processo focarem, em comum, como meta um apoio às famílias eficiente, de qualidade e colaborativa.

A escolha do tema Perceções de Profissionais Acerca dos Benefícios da Utilização da Entrevista Baseada nas Rotinas (EBR) no Apoio às Famílias em Intervenção Precoce (IP) resultou da curiosidade e da empatia pelas práticas centradas na família; e do desejo: de compreender, devido à pouca informação na literatura,

como a EBR é percebida pelos profissionais de IP e como a aplicam no processo de apoio às famílias em IP.

### **Finalidade, Objetivos e Pressupostos**

Seguindo esta perspectiva e na ânsia de compreender todo o trabalho entre profissional-família-criança, resultante da recolha de todo o conjunto de dados possível através da EBR, que enriquece e torna possível a intervenção baseada na família e nos contextos naturais de vida da criança, surge a finalidade deste estudo de investigação. Esta consiste na análise e compreensão das percepções de profissionais acerca dos benefícios resultantes da utilização da EBR no apoio às famílias em IP e integra as seguintes questões de investigação:

- Quando, como e em que circunstâncias os profissionais utilizam a EBR no apoio às famílias em IP?
- Quais os benefícios que os profissionais consideram obter, no apoio às famílias em IP, resultantes da utilização da EBR?
- Quais os benefícios que os profissionais consideram que as famílias apoiadas obtêm em resultado da utilização da EBR?

Foram também definidos objetivos de estudo, como meio para obter resposta a estas questões de investigação. Assim foram definidos os seguintes objetivos do estudo: a) compreender o processo de preparação para a utilização da EBR; b) analisar e compreender a importância da EBR no envolvimento das famílias em todo o processo de apoio na IP; c) compreender a importância da EBR na identificação das prioridades e recursos da família; d) compreender a importância da EBR na identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia); e) compreender a importância da EBR na definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção; f) identificar e compreender as vantagens e as dificuldades dos profissionais na utilização da EBR.

### **Organização e Conteúdos**

O presente estudo compreende três capítulos essenciais, o primeiro refere-se à revisão da literatura, onde são abordados pontos fulcrais da abordagem centrada na família em IP, nomeadamente: a avaliação centrada na família em IP; a EBR no

processo de apoio em IP, desde o conceito, ao processo e aos benefícios; e os contextos de vida da criança e da família, a sua importância no processo de apoio em IP.

O segundo capítulo diz respeito à metodologia de investigação, neste são apresentados os procedimentos metodológicos que serviram de base à realização do estudo. Este capítulo inicia-se com a caracterização do estudo qualitativo, prosseguindo para as questões e os objetivos da investigação. Segue-se o desenho da investigação que abarca a caracterização dos participantes; a apresentação do instrumento de recolha de dados utilizado; e por fim os procedimentos de análise e apresentação dos dados.

O terceiro capítulo abrange a apresentação, a análise e a discussão dos dados, neste são apresentados os resultados do presente estudo, organizados em duas partes. A primeira parte é dedicada às perspetivas individuais de cada participante, estruturada por categorias comuns, de forma a existir um alinhamento que facilite a compreensão das realidades encontradas. A segunda parte apresenta o cruzamento das perspetivas das participantes, com as perspetivas de diversos autores presentes na literatura existente sobre a temática em estudo.

Por último, são expostas as conclusões alcançadas através dos dados obtidos no presente estudo, em conjunto com reflexões debruçadas na literatura revista, sendo igualmente apresentadas as limitações deste estudo e as recomendações para futuros desenvolvimentos.



## **CAPÍTULO I - A ENTREVISTA BASEADA NAS ROTINAS EM INTERVENÇÃO PRECOCE: CONCEITO, PROCESSO E BENEFÍCIOS**

A Intervenção Precoce (IP) foi ao longo do tempo sofrendo várias e importantes alterações, que permitiram e proporcionaram a passagem de uma intervenção centrada na criança para uma intervenção centrada na família.

Segundo Pereira e Serrano (2010), esta grande mudança acarreta modificações significativas em vários passos da prestação de apoio, designadamente nos primeiros contactos com a família, na avaliação, no processo de tomadas de decisão, na relação família/profissional, e na forma de prestação e de organização dos apoios e serviços.

Esta nova visão prevê que o profissional adote um conjunto de práticas, comportamentos e atitudes que vão ao encontro da família e da criança como um todo, influenciando-a direta e indiretamente na prossecução da melhoria da sua qualidade de vida (Mott, 2005). Deste modo, o(s) tipo(s) de apoio e a forma como o profissional o(s) presta deve ser considerado em função da especificidade de cada família.

O profissional de IP, no âmbito do seu trabalho com as famílias, deve procurar prestar apoio de qualidade, ou seja, apoio emocional, material e informativo, direccionado para as preocupações e prioridades das famílias (R. McWilliam, 1999).

O Apoio emocional compreende da parte do profissional cinco características fundamentais: positividade/optimismo, orientação para toda a família, simpatia, sensibilidade e capacidade de resposta (Jung, 2012; R. McWilliam, 2005).

Este tipo de apoio promove um relacionamento positivo, de confiança e de colaboração entre o profissional e a família (R. McWilliam, 2005).

O Apoio material pressupõe assegurar às famílias os recursos que elas necessitam para atingir os seus objetivos. Inclui equipamento de acessibilidade, recursos financeiros e recursos básicos de saúde, alimentação, segurança e transporte. Uma família consegue prestar atenção suficiente/adequada e promover o desenvolvimento e a aprendizagem da sua criança se tiver as suas necessidades básicas asseguradas (Jung, 2012; R. McWilliam, 2005).

O Apoio informativo é um dos apoios mais solicitados pelas famílias, envolve fornecer informação sobre: a condição da criança ou da sua perturbação; o desenvolvimento típico das crianças (o que a criança deveria fazer na idade cronológica que apresenta e do que se sucederia em termos de desenvolvimento); os

recursos e serviços existentes na comunidade; e o que fazer com a criança no dia-a-dia (estratégias de promoção de desenvolvimento e aprendizagem, cuidados/attitudes a ter perante as dificuldades da criança) (Jung, 2012; R. McWilliam, 2005). Estes são, segundo R. McWilliam (2005), os quatro tópicos mais abordados pelas famílias quando questionadas sobre o tipo de informação que consideram importante receber da equipa de IP.

O tipo de apoio e a forma como o apoio é fornecido à família, seja pela equipa, seja por outros recursos formais ou informais, devem ser descritos e tidos em conta em todo o processo.

A planificação da intervenção com as famílias é uma prioridade no processo de prestação de apoio em IP, e um dos passos mais importantes de toda a intervenção. É através da realização de um plano de apoio para cada família que ficarão registados todos os recursos e apoios, bem como as preocupações e prioridades da família em relação a si própria, à criança e à família como um todo, e toda a informação de como se processará a prestação de apoio (quando, por quem, com quem, onde e como) (R. McWilliam, 2012a).

Os profissionais devem valorizar cada vez mais o processo de desenvolvimento de um plano individual de intervenção. A planificação da intervenção deve ser um processo contínuo, que abarque a troca permanente de informações entre os profissionais e a família, e a constante atualização do plano, face às preocupações, prioridades e recursos da família (P. McWilliam, 2003).

Para se poder elaborar um plano que faça sentido às preocupações e prioridades de cada família é necessário avaliar aquilo que a criança e a família precisam. Avaliar o que a criança necessita para que o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem seja otimizado, e o que a família necessita para que possa apoiar física e emocionalmente a sua criança, bem como para manter-se firme, estável e ativa em todo o processo de apoio (R. McWilliam, 2012a).

A recolha de informação sobre as famílias de forma a ir ao encontro das suas necessidades e prioridades é a base para a prestação de serviços de qualidade em IP (R. McWilliam, Casey, & Sims, 2009).

As preocupações e as prioridades foram muitas vezes simplesmente solicitadas pelos profissionais às famílias para o preenchimento e desenvolvimento do Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP) (R. McWilliam, et al., 2009).

Vários métodos de entrevista são atualmente utilizados para recolher informações sobre as famílias, desde métodos mais estruturados a conversas informais. Independentemente do processo utilizado para reunir informações, os profissionais devem ter em conta que a IP dirige-se a toda a família e não apenas à criança. Esta nova visão da IP, centrada na família, tenta responder a duas questões fulcrais: como interagir com as famílias e o que fazer com elas (R. McWilliam, et al., 2009).

A abordagem centrada na família prevê que o profissional estabeleça com a família uma relação positiva, amigável, e sensível, capaz de capacitar e dar poder à família, dar voz às suas preocupações e prioridades, respeita-la na sua individualidade, sem julgar e sobretudo acreditar nas suas capacidades (R. McWilliam, et al., 2009).

Vários estudos de investigação confirmam os benefícios desta abordagem, nomeadamente na forma como as intervenções centradas na família estão diretamente relacionadas com a melhoria de funcionamento em vários domínios na/da vida das famílias, nomeadamente no desenvolvimento e aprendizagem da criança (Dunst, Trivette, & Hamby, 2007; Mott, 2005).

A abordagem centrada na família tem sido descrita em IP desde, pelo menos, os anos 50, como uma forma específica de prestação de serviços e de apoios às famílias com crianças com necessidades especiais. Nesta reside o reconhecimento de que as famílias são o contexto básico e principal da promoção do desenvolvimento, da aprendizagem, da saúde e do bem-estar da criança; que é fundamental respeitar as escolhas e decisões da família; que se deve valorizar e potenciar a força da criança e da família, as suas competências e os seus recursos, e criar colaborações/relações de parceria entre família e profissionais envolvidos no processo de apoio (Allen & Petr, 1996; Dunst, et al., 2007; Raab & Dunst, 2006).

## **A Avaliação Centrada na Família em IP**

Atualmente as práticas recomendadas na avaliação em IP defendem que esta deverá ser um processo flexível de tomada de decisões, no qual as equipas e as famílias, de forma contínua, analisam os seus resultados e, conjuntamente definem mudanças necessárias para dar resposta às preocupações e prioridades da família (Grisham-brown & Pretti-frontczak, 2011).

The Division for Early Childhood of the Council for Exceptional Children (DEC) (2014) propõe aos profissionais de IP um conjunto de práticas recomendadas para avaliação em IP, nomeadamente:

- Determinar o processo de avaliação em conjunto com a família, e de acordo com as preferências da mesma;
- Reunir informações de vários profissionais de IP que contemplem a avaliação;
- Utilizar materiais e estratégias de avaliação apropriados para a idade cronológica e nível de desenvolvimento da criança e que caracterizem todas as particularidades da mesma (físicas, emocionais, culturais, e outras);
- Implementar avaliações que alcancem todas as áreas de desenvolvimento, por forma a apreender os pontos fortes, as necessidades, as preferências e os interesses da criança;
- Realizar avaliações na língua dominante da criança, e em idiomas adicionais se a criança está a aprender mais do que uma língua;
- Utilizar vários métodos de avaliação, incluindo a observação e as entrevistas, para reunir informações de várias fontes sobre a criança (outras pessoas significativas na vida da criança);
- Obter informações sobre as capacidades da criança em atividades diárias, presentes nas rotinas da família, e em diversos contextos (casa, creche/jardim-de-infância, casa de familiares, centros comerciais ou hipermercados, igreja, entre outros);
- Reunir as informações de cada área profissional presentes na equipa de IP, relativas à avaliação que fizeram sobre a criança, para determinar a elegibilidade e estabelecer com a família um plano individual de intervenção;
- Implementar a avaliação sistemática e contínua para identificar os objetivos e metas para a criança, planear as estratégias, avaliar se as estratégias estão ou não a ter sucesso, caso não estejam implementar novas estratégias, e monitorizar o progresso da criança;
- Utilizar instrumentos de avaliação que permitam detetar o progresso da criança;
- Descrever os resultados da avaliação numa linguagem compreensível para a família.

A avaliação em IP deve ocorrer assim nos contextos naturais da criança e da sua família, com materiais que fazem parte desses contextos e com pessoas que lhes são familiares, tendo em conta as competências funcionais necessárias nesses contextos (Bagnato, 2007; Grisham-brown; Pretti-frontczak, 2011; Serrano & Pereira, 2011).

Segundo P. McWilliam (2003) a integridade das intervenções dos profissionais de IP no processo de apoio às famílias pode ser posta em risco se o conteúdo das avaliações não levar em consideração o comportamento da criança no contexto das suas rotinas diárias.

A avaliação baseada nos contextos e mais especificamente nas rotinas da família engloba a identificação das habilidades da criança, a determinação das suas necessidades, bem como as preocupações e prioridades da família no seu todo (McWilliam & Freund, 2006).

Bagnato (2007) apresenta igualmente um conjunto de qualidades que permitem qualificar o atendimento às famílias, e que devem estar presentes nas abordagens atuais de avaliação da criança em IP, nomeadamente:

**Utilidade:** A avaliação deve conseguir alcançar informação útil da criança e da família para as múltiplas finalidades da IP, ao nível da: deteção, elegibilidade, planificação da intervenção, monitorização da intervenção e documentação do impacto da qualidade do programa. Os profissionais e as famílias, devem conseguir, através dos instrumentos e dos métodos da avaliação, identificar objetivos e metodologias de apoio adequadas;

**Consensualidade:** Os instrumentos, estilos, materiais e metodologias, devem ser dados a conhecer às famílias, e estas, por sua vez, devem aceitar ou não os mesmos. Deve ser estabelecido um mútuo acordo entre ambos sobre os mesmos;

**Autenticidade:** A avaliação deverá acontecer nos contextos naturais de vida da criança e da família. Desta forma, conseguir-se-á alcançar as verdadeiras competências e necessidades da criança e da sua família, bem como as suas prioridades ao nível da intervenção;

**Colaboração:** A avaliação deve ser um momento de colaboração entre as famílias e os profissionais, potencializando assim o trabalho em equipa. Os pais e outros membros da família devem ser parceiros ativos na avaliação da criança. Os instrumentos escolhidos devem apresentar uma linguagem acessível à família, para que a mesma os possa utilizar juntamente com os profissionais;

**Convergência:** A informação sobre a criança e sua família (desenvolvimento e progresso da criança, competências da criança, prioridades da família), nas suas rotinas diárias, deve ser recolhida junto da família, dos educadores e de outros profissionais, pois a convergência de diferentes perspetivas alcança um melhor e mais adequado conhecimento da família e criança em causa;

**Equidade:** A avaliação deve refletir as diferenças individuais. O princípio da equidade é fundamental para a adequação das instruções e do material aquando da avaliação, uma vez que, os materiais podem ser escolhidos para que a criança e a sua família demonstrem competências através de um conjunto diferenciado de respostas, contemplando as características sensoriais, afetivas e culturais, bem como os valores e crenças da família;

**Flexibilidade:** Os instrumentos e os materiais utilizados na avaliação devem ser sensíveis, quer ao desenvolvimento da criança, quer às necessidades e prioridades da sua família;

**Congruência:** Os instrumentos escolhidos para avaliação, pela equipa, em conjunto com a família, devem ser congruentes com a faixa etária em que a criança se encontra, bem como com os seus estilos de funcionamento e interesses.

Segundo P. McWilliam (2003) a avaliação da criança em IP levada a cabo pelos profissionais em conjunto com a família deve abranger um conjunto de objetivos: determinar e documentar a elegibilidade da criança para serviços de IP; fornecer à família a informação que esta deseja sobre a sua criança; sublinhar as capacidades da criança, assim como os contributos dados pelos pais para o desenvolvimento dessas capacidades; assegurar que a família toma decisões informadas em relação à sua criança; e obter informação útil acerca da criança, fulcral para o desenvolvimento de um plano de ação adequado e eficiente.

Uma das formas de realizar a avaliação da criança é entrevistar pessoas que a conhecem bem, através de entrevistas semi-estruturadas ou não estruturadas, que ao contrário de entrevistas estruturadas permitem ao entrevistado a oportunidade de refletir sobre as principais questões a abordar (McWilliam, 2012).

Segundo Bagnato (2007), é importante também perceber que a avaliação em IP tem de perspetivar um processo de desenvolvimento das competências da criança de forma integrada, articulada, sequencial e multidimensional para que possa ser elaborado um plano individual de IP (PIIP).

O PIIP deve ser um plano funcional, prático e viável que contemple: a identificação dos recursos e necessidades da criança e da família; a identificação dos apoios a prestar; a indicação da data do início da execução do plano e do período provável da sua duração; a definição da periodicidade da realização das avaliações, realizadas junto das crianças e das famílias, bem como do desenvolvimento das respetivas capacidades de adaptação; e os procedimentos que permitam acompanhar o processo de transição da criança para o contexto educativo formal, nomeadamente o escolar (Decreto-Lei 281/09).

### **A Entrevista Baseada nas Rotinas no Processo de Apoio em IP**

Segundo R. McWilliam (2003, 2012a), a Entrevista Baseada nas Rotinas (EBR), pode constituir-se como uma ferramenta fundamental para a elaboração do PIIP, pois possibilita identificar as preocupações e prioridades da família, podendo as mesmas ser alvo de intervenção.

A EBR pode ser o centro do processo de apoio e intervenção nos contextos de casa, creche e pré-escolar constituindo-se assim como um instrumento de avaliação e planificação fundamental no processo de operacionalização da abordagem centrada na família (McWilliam, 2010; McWilliam & Freund, 2006).

A EBR consiste em uma entrevista semiestruturada, conduzida por um profissional de IP, a pelo menos um dos pais, com o intuito compreender o funcionamento familiar, avaliar o desenvolvimento da criança, estabelecer uma relação positiva com a família e planificar os objetivos de intervenção, devendo ser realizada idealmente de três em três meses. (McWilliam & Freund, 2006; McWilliam, et al., 2009; McWilliam & Clingenpeel, 2003; McWilliam, 2003; R. McWilliam, 2012a; McWilliam, 2012; Woods & Lindeman, 2008).

Rotinas não são necessariamente coisas que acontecem diariamente, mas sim momentos/tempos específicos do dia. São definidas por atividades como levantar/deitar, almoçar/lanchar/jantar, tomar banho, ir às compras, passear, passar férias, ir para a creche/jardim-de-infância, coisas que qualquer família faz ou pode fazer no seu dia-a-dia (McWilliam, 1999; McWilliam, 2001; McWilliam, 2003; McWilliam & Clingenpeel, 2003; McWilliam & Freund, 2006).

As rotinas e os rituais familiares referem-se a práticas repetitivas específicas, que envolvem dois ou mais membros da família. No entanto, estes são distintos e

podem ser contrastados ao longo das dimensões da comunicação, do compromisso e da continuidade (Fiese et al., 2002).

As rotinas familiares são caracterizadas por um tipo de comunicação instrumental, que envolve um compromisso de tempo momentâneo, e são repetidas regularmente, não apresentando um significado especial. Em contrapartida, os rituais familiares envolvem comunicação com significado simbólico, estabelecendo e perpetuando a compreensão do que significa ser um membro do grupo. O compromisso de tempo e continuidade envolvidos na realização de rituais muitas vezes transcende o presente e podem-se repetir através das gerações. Os rituais podem ser celebrações (como um casamento de um amigo), tradições (tais como festas de aniversário dos membros da família), e interações padronizadas (como uma refeição em família) (Wolin & Bennett, 1984, citados em Spagnola & Fiese, 2007).

Apesar destes dois conceitos serem distintos, estão presentes e interligados em vários momentos do dia. Enquanto as rotinas podem ser comuns a várias famílias os rituais são exclusivos de cada família, refletindo a identidade da família, a cultura e os valores partilhados (Spagnola & Fiese, 2007).

As rotinas familiares são geralmente consideradas como experiências positivas, a família prevê realizar as tarefas de forma eficiente, de forma que atenda às necessidades dos seus membros (Fiese et al., 2002). No entanto, para famílias com crianças com necessidades especiais, mudanças nas rotinas familiares são muitas vezes necessárias e exigidas. Essas mudanças levam a um desequilíbrio no funcionamento familiar diário, que pode ser ligeiro quando as famílias estão rodeadas de fortes redes de apoios e redes de recursos, em contrapartida pode ser significativo quando as famílias apresentam poucos recursos e apoios (Spagnola & Fiese, 2007).

Quando as rotinas ou os rituais são interrompidos, o equilíbrio e a coesão da família pode estar em risco. Ambos têm um papel importante na manutenção da estrutura física e emocional da vida familiar diária (Spagnola & Fiese, 2007).

A estrutura de base da EBR engloba um conjunto de questões sobre as rotinas diárias, que permitem perceber os níveis de participação da criança, nomeadamente o seu nível de envolvimento, autonomia e as relações sociais que estabelece, bem como o grau de satisfação da família em cada momento de rotina (R. McWilliam, et al., 2009).

O objetivo da estruturação da entrevista em torno de rotinas familiares é identificar o que a família já faz e o que a família quer e pode fazer num futuro próximo (R. McWilliam, et al., 2009).

Os Profissionais de IP ao utilizar as rotinas diárias de uma criança como forma de avaliação compreendem em quais atividades/rotinas a criança está envolvida regularmente, o que é capaz de fazer nessas rotinas, e que habilidades necessita aprender para ser bem-sucedida em cada rotina em termos de independência, envolvimento e relações sociais (McWilliam & Freund, 2006); e prestam atenção às preocupações de todos os membros da família nos seus contextos de vida (McWilliam, et al., 2009).

A EBR é, deste modo, não apenas um instrumento de recolha de informação sobre as preocupações e prioridades da família, como também um método de avaliação e de medição de qualidade de vida da família, ao abordar a sua satisfação relativamente às rotinas/ao ajuste da criança nas mesmas (McWilliam, et al., 2009).

A EBR é utilizada para que os cuidadores da criança possam ser envolvidos de uma forma significativa no planeamento da intervenção. Idealmente todos os cuidadores, pais da criança, educadores e outros profissionais, deveriam participar na entrevista de modo a obter um quadro completo das rotinas diárias da família e da criança, bem como das suas preocupações em relação ao desenvolvimento e aprendizagem da criança (McWilliam & Freund, 2006; McWilliam, et al., 2009).

A EBR permite saber o dia-a-dia da família, o papel de cada membro nos momentos de rotina, como os pais se sentem em relação a esses momentos específicos do dia, o que gostavam de ver diferente em cada rotina, identificar as competências da criança (ao nível do envolvimento, das relações sociais e da autonomia) nesses momentos específicos, identificar as prioridades e os recursos da família, definir objetivos funcionais e selecionar estratégias para a intervenção englobando a participação/envolvimento efetivo das famílias em todo o processo de intervenção (Almeida, et al, 2011; McWilliam, 2001; McWilliam, 2003; McWilliam & Clingenpeel, 2003; McWilliam, et al., 2009; R. McWilliam, 2012a).

O nível de envolvimento da criança na rotina diz respeito à quantidade de tempo que a criança interage ativamente com o ambiente de forma adequada e eficiente e é avaliado em três níveis: o nível mais elevado diz respeito a comportamentos que revelem domínio, brincadeiras construtivas e interações sociais codificadas; o nível intermédio compreende a participação em rotinas que não pode ser vista como de nível elevado nem de nível baixo, com comportamento diferenciado e atenção focalizada; e, por fim, o nível baixo abrange um comportamento indiferenciado e atenção casual (Almeida, et al., 2011; R. McWilliam, 2012a).

Segundo McWilliam (2005) as relações com os objetos, as relações sociais, as características ambientais e as suas consequências, bem como o efeito da maturação nos níveis de competência da criança, são variáveis que influenciam o envolvimento.

O *Envolvimento* é também um índice de interesse de uma criança, que nos permite saber se esta se interessa ou não por determinada atividade, e em simultâneo prolongar e diversificar os seus interesses (McWilliam, 2012).

A *Autonomia* refere-se à capacidade da criança agir com e sobre o ambiente de forma independente, necessitando do mínimo de apoio na aprendizagem das competências necessárias às ações que pretende exercer/desenvolver com o mesmo. Está relacionada com o envolvimento, uma vez que uma maior autonomia pressupõe um maior envolvimento da criança (Almeida, et al., 2011; R. McWilliam, 2012a).

As *Relações Sociais* comportam a capacidade de a criança interagir de forma eficiente com outras pessoas presentes no seu meio. Englobam a comunicação, como forma de expressão e compreensão de necessidades, desejos e opiniões; e a capacidade de se relacionar positivamente com o outro, que permite estabelecer amizades, aprendendo a partilhar, a resolver problemas em conjunto, a respeitar as diferenças do outro. Também estão relacionadas com o envolvimento, pois uma maior participação social prevê um maior envolvimento da criança com o seu meio (Almeida, et al., 2011; R. McWilliam, 2012a).

No processo de construção da EBR a família desempenha um papel ativo, fornece informações sobre a criança e o seu dia-a-dia, bem como reflete e partilha as suas preocupações e prioridades e toma decisões sobre a intervenção.

McWilliam (2003) salienta que para a avaliação da eficiência do uso da EBR no processo de apoio às famílias em IP é necessário ter em conta a satisfação das famílias com as rotinas, bem como a sua auto confiança e a sua auto eficácia. Também se deve ter em conta que os resultados, obtidos através dos objetivos funcionais estabelecidos com a família, devem demonstrar o progresso da criança.

R. McWilliam (2012a) refere que existem algumas dicas fulcrais para uma entrevista de sucesso, como seguir o formulário da EBR; realizar questões de aprofundamento de qualidade, não definidas previamente; saber o suficiente sobre o desenvolvimento da criança e sobre o funcionamento da família; realizar questões de avaliação da satisfação da família com a rotina ou sobre a qualidade de ajuste entre a rotina e a criança; apresentar comportamentos não-verbais importantes (como o entrevistador sentar-se em ângulos retos relativamente à pessoa que responde à

maioria das questões, manter o contato visual, manter o papel numa posição baixa, permitindo que a família veja, se desejar, o que está a ser escrito); estar relaxada(o), não realizar um número exaustivo de perguntas; demonstrar interesse real sobre o que a família está a transmitir; aceitar e não julgar a família; ser expressiva(o) e empática(o); usar e abusar das qualidades, ser genuína(o).

A entrevista deve ser o mais individualizada possível e sensível face às reações da família (McWilliam & Freund, 2006). O profissional de IP não deve durante a mesma dar conselhos ou fazer juízos de valor, esse comportamento coloca a família em um papel passivo, de ouvinte sobre o que os profissionais têm a dizer sobre o seu filho, em vez de um papel ativo, onde a família partilha a informação sobre a sua criança e sobre a família como um todo, e sobre as suas preocupações e prioridades naquele momento (McWilliam & Freund, 2006).

Quando as famílias têm problemas em verbalizar e não conseguem descrever as suas rotinas o profissional de IP deve formular mais perguntas, esperar uma entrevista mais curta, e não evitar a entrevista com essas famílias pois estas podem ser as famílias que mais beneficiam desta abordagem (McWilliam & Freund, 2006).

Relativamente a casos de crianças com menos de 6 meses de idade a EBR irá basear-se em menos rotinas, as perguntas devem-se direccionar mais para a alimentação, o sono, a muda de fralda, o banho, o tempo de brincadeira e o tempo em que está acordado. Por exemplo, "Conte-me sobre os tempos de alimentação? Quantas vezes por dia você alimenta o(a) seu(ua) filho(a)? Habitualmente, quanto tempo dura cada mamada? Você sente que o(a) tem dormido o suficiente/de forma tranquila? Habitualmente, quantas vezes acorda? Como corre a muda de fralda? Como corre o tempo de banho? (McWilliam & Freund, 2006).

Quando a família está satisfeita com as suas rotinas e refere não ter preocupações o profissional de IP deve colocar outras questões, nomeadamente o que pensam quando vão para a cama à noite, o que os faz ficar acordados, preocupados. E se pudessem mudar alguma coisa nas suas vidas neste momento o que seria. Muitas vezes essas perguntas trazem preocupações que podem ser abordadas no PIIP (McWilliam & Freund, 2006; McWilliam, et al., 2009).

Existe um conjunto de ferramentas úteis para ajudar os profissionais a implementar a EBR, nomeadamente, a Lista de Verificação da Implementação da EBR (R. McWilliam, 2012a); a Escala de Avaliação das Perceções dos Educadores acerca das Rotinas e do Envolvimento da criança – EAPERE (SATIRE) (Clingenpeel &

McWilliam, 2003); a Escala para a Avaliação da Satisfação Familiar com as Rotinas (EASFR) (Scott & McWilliam, 2000); os Passos para Construir um Objetivo Funcional para a Criança (McWilliam, 2006); a Escala da Funcionalidade dos Objetivos (McWilliam, 2009); a Lista de Verificação do Ecomapa (Jung, 2012); o Guião de Visita Domiciliária Vanderbilt (McWilliam, 2004); o Inventário para Visita Domiciliária em IP (McWilliam, 2010); a Lista de Verificação para Visitas Domiciliárias de Apoio (R. McWilliam, 2012b); a Escala de Avaliação de Serviços dirigidos a Famílias em Contextos Naturais (McWilliam, 2011).

Através da EBR, que consiste numa avaliação das preocupações e prioridades da família, é possível estabelecer com a mesma objetivos ou metas funcionais para a criança, que podem ser incluídos no PIIP (McWilliam & Freund, 2006; R. McWilliam, 2012a).

Um objetivo para ser funcional deve: enfatizar a participação da criança na rotina; afirmar especificamente e de uma forma mensurável e observável o que a criança vai fazer; evidenciar uma competência que é necessária/útil para a participação da criança nas rotinas, quer em casa, quer na escola, quer na comunidade; referir um critério de aquisição da competência; incluir um critério de aquisição com sentido, que demonstre um aumento do comportamento funcional, um critério de generalização e um critério de enquadramento temporal (McWilliam, 2009).

Segundo McWilliam e Clingenpeel (2003) a EBR é considerada como um dos componentes essencial e poderoso do modelo individual de inclusão no processo de IP, baseando-se nos contextos naturais de vida da criança em idade pré-escolar. Esta ênfase das rotinas, como base para a avaliação e a intervenção, pode aumentar a eficácia dos profissionais na resposta a variações individuais e culturais das famílias, garantindo a qualidade do ajuste entre as exigências das rotinas diárias e os interesses das crianças e suas famílias (Boavida, et al., 2013).

### **Contextos Naturais de Vida da Criança e da Família: Sua Importância no Processo de Apoio em Intervenção Precoce**

O modelo de IP inserido nos contextos naturais da criança e sua família foi concebido para colmatar quatro problemas existentes na intervenção precoce. Esses quatro problemas consistiam essencialmente em: haver uma procura incessante de serviços especializados para cada uma das problemáticas da criança; acreditar que um

maior número de terapias ou de horas que os profissionais interagem com a criança é mais favorável ao desenvolvimento e aprendizagem da mesma; utilizar nas visitas domiciliares os modelos clínicos/escolares, realizando-os com a criança “no chão da sala”, longe da família, e com “o saco de brinquedos” que os profissionais trazem consigo; e, por último, existir uma forte distância entre os profissionais e a família, em que o profissional resume a sua intervenção à criança, e aos métodos e estratégias específicas de que possuía conhecimento/da sua área profissional e não questiona a família nem a deixa intervir no processo de apoio (McWilliam, 2010).

O conceito de contexto natural de aprendizagem refere-se às atividades (planeadas, não planeadas, estruturadas, não estruturadas, intencionais ou de aprendizagem casual) que surgem no quotidiano da família e comunidade e que constituem fontes de oportunidades para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, situações essas nas quais as crianças aprendem aptidões funcionais e de adaptação relacionadas com o próprio contexto, que lhes permitem participar mais ativamente em atividades culturalmente relevantes e significativas (Dunst, Trivette, Humphries, Raab & Roper, 2001; Dunst & Bruder, 2002; Dunst, Raab, Trivette & Swanson, 2012).

A DEC (2014) recomenda que os profissionais de IP: a) prestem apoio em ambientes naturais da criança e sua família, nos momentos de rotina diários, para promover a participação da criança em experiências de aprendizagem culturalmente significativas; b) sensibilizem a família e os outros cuidadores da criança para a necessidade de modificar e de adaptar fisicamente (espaço, equipamentos, materiais, software's), socialmente (interações com colegas, membros da família, entre outros) e temporalmente (sequência, duração dos momentos de rotina e atividades) os contextos/as rotinas diárias para criar oportunidades e promover o acesso e a participação da criança em experiências de aprendizagem; c) tornem, em conjunto com a família, os contextos acessíveis e promotores de desenvolvimento e aprendizagem à criança.

As visitas domiciliares são o meio recomendado na literatura para estabelecer estes princípios, uma vez que pressupõem que um profissional de IP (mediador de caso) se desloque aos contextos naturais de vida da criança, e nesses, identifique e vá ao encontro das preocupações e prioridades da família. Podem ser descritas como um método que pretende providenciar recursos e serviços, fornecer apoio emocional, informativo e material, criar uma relação positiva, informal e de confiança com a família,

e ceder à família estratégias de atuação eficazes e adequadas ao desenvolvimento da criança (para que esta saiba o que fazer diariamente com o(a) seu(ua) filho(a) ao longo das várias rotinas diárias) (R. McWilliam, 2005).

Segundo R. McWilliam (2005), existe um conjunto de mitos em torno das visitas domiciliárias em IP, que devem ser esclarecidos. Desta forma, serão de seguida explicitados:

- Pensar que apenas o especialista consegue fornecer eficazmente informação aos pais sobre a sua área de formação, é um equívoco, uma vez que uma equipa transdisciplinar é capaz de partilhar entre os seus membros informação e de tornar o mediador de caso eficiente na passagem de informação adequada aos pais sobre as diversas áreas.
- Julgar que quanto mais visitas domiciliárias melhor também representa mais um erro de pensamento, uma vez que, não interessa a quantidade de visitas mas sim a qualidade das mesmas na prestação de apoio (emocional, informativo e material) às famílias. Um profissional que consiga passar a informação adequada às famílias e que tenha com as mesmas uma relação positiva consegue que as mesmas sejam eficientes na prestação de apoio à sua criança entre as vistas domiciliárias.
- A quantidade de horas disponibilizada pelo serviço não deve ser vista como a quantidade de horas de intervenção. Serviço e intervenção são conceitos que devem ser vistos de forma separada, serviço como sendo a prestação de apoio que o profissional de IP fornece à família, e intervenção como a prestação dos pais face à promoção de desenvolvimento e aprendizagem da sua criança através da informação fornecida pelo profissional de IP nos intervalos entre as visitas.
- As visitas domiciliárias abarcam um conjunto alargado de objetivos, tal como a formação parental, a resposta às preocupações dos pais em abordar aspetos que estes consideram mais importantes naquela fase/momento da vida familiar, compreender o que estes gostariam de ver diferente e levá-los a refletir sobre o que fazer para consegui-lo, dar apoio emocional, material e informativo.

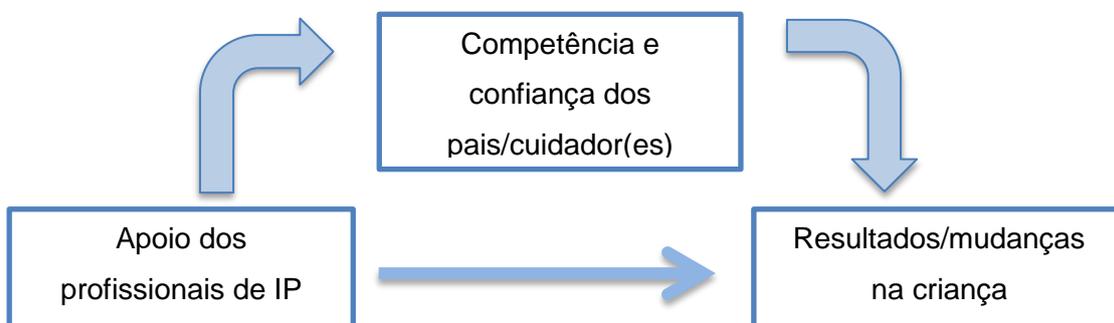
P. Mcwilliam (2012) e Weatherston (2010) salientam um conjunto de atributos pessoais que o profissional de IP devem abarcar, bem como as experiências que os pais acreditam que são cruciais para o sucesso das visitas domiciliárias:

- Características pessoais ou atributos do profissional: ser compreensivo, compassivo, perceptivo, paciente, atento, divertido, disponível, flexível, alguém que dá suporte, bem informado, alguém que faz sentir a família confortável, empático, confiável, fidedigno e útil.
- Fornecer apoio prático / concreto;
- Observar a criança e ouvir a família por forma a compreender a realidade;
- Criar oportunidades para o diálogo informal;
- Conversar com os pais sobre a criança, incentivando-os a dar opiniões e ideias, e oferecendo aos mesmos orientação sobre o desenvolvimento e informações específicas sobre a criança;
- Reconhecer as qualidades da criança e da família;
- Procurar entendimento/demonstrar um desejo sincero de compreender as motivações da família;
- Oferecer reforço positivo e incentivo aos pais sobre a forma como eles cuidam da sua criança;
- Demonstrar preocupação com toda a família;
- Oferecer responsividade emocional às famílias que enfrentam conflitos intensos, perdas não resolvidas, ou experiências traumáticas do passado e do presente, que interferem com o cuidado da criança e que despertam a expressão de muitas emoções complexas/ reconhecer e corresponder aos sentimentos;
- Oferecer um contexto em que os pais reflitam sobre si e sobre os seus filhos.

R. McWilliam (2012b), apresenta os cinco princípios chave que os profissionais de IP devem ter em conta nas visitas domiciliárias, nomeadamente:

- é a família que exerce maior influência sobre a criança e o profissional de IP pode influenciar a família;
- as crianças aprendem ao longo do dia e não apenas através de conjuntos de instruções ou terapias; a IP não significa intervir com a criança semanalmente de um para um em cenários descontextualizados dos contextos das rotinas regulares;
- toda a intervenção é realizada pelos pais e ocorre entre as visitas através do apoio que os profissionais forneceram aos mesmos durante as visitas;
- a criança necessita de intervenção máxima e não de serviços maximizados.

A seguinte figura, nesta sequência, indica quem tem maior influência sobre quem, e a diferença entre os pais/cuidadores e os profissionais de IP sobre os resultados no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, sendo que as setas que detêm uma maior espessura representam uma maior influência.



*Figura 1.* Diferenças na influência dos pais/cuidadores e dos profissionais de IP sobre os resultados no desenvolvimento e na aprendizagem da criança (Adaptado de McWilliam, R., 2005).

A figura 1 representa a importância da família no processo de apoio e como as visitas domiciliares podem capacitar a família para que esta promova o desenvolvimento e a aprendizagem da criança de uma forma eficiente e otimizada. O profissional de IP deve direcionar o seu apoio para a maximização da confiança e da capacidade dos pais ou cuidadores principais em relação à sua criança, para que estes últimos direcionem diariamente a sua atenção e o seu esforço para a criação e otimização de oportunidades naturais embutidas nas suas rotinas.

Desta forma, pressupõe-se um maior número de horas de oportunidades em que a criança pode desenvolver-se e aprender, devido à passagem de informação e estratégias eficazes, durante a visita semanal aos pais (ilustrada com 1h) para que estes entre as visitas possam intervir e proporcionar à criança uma infinidade de oportunidades que serão certamente mais que a hora da visita do profissional (ilustrada com 84h referentes a sete dias semanais e a 12h por dia em que a criança é provável estar acordada).

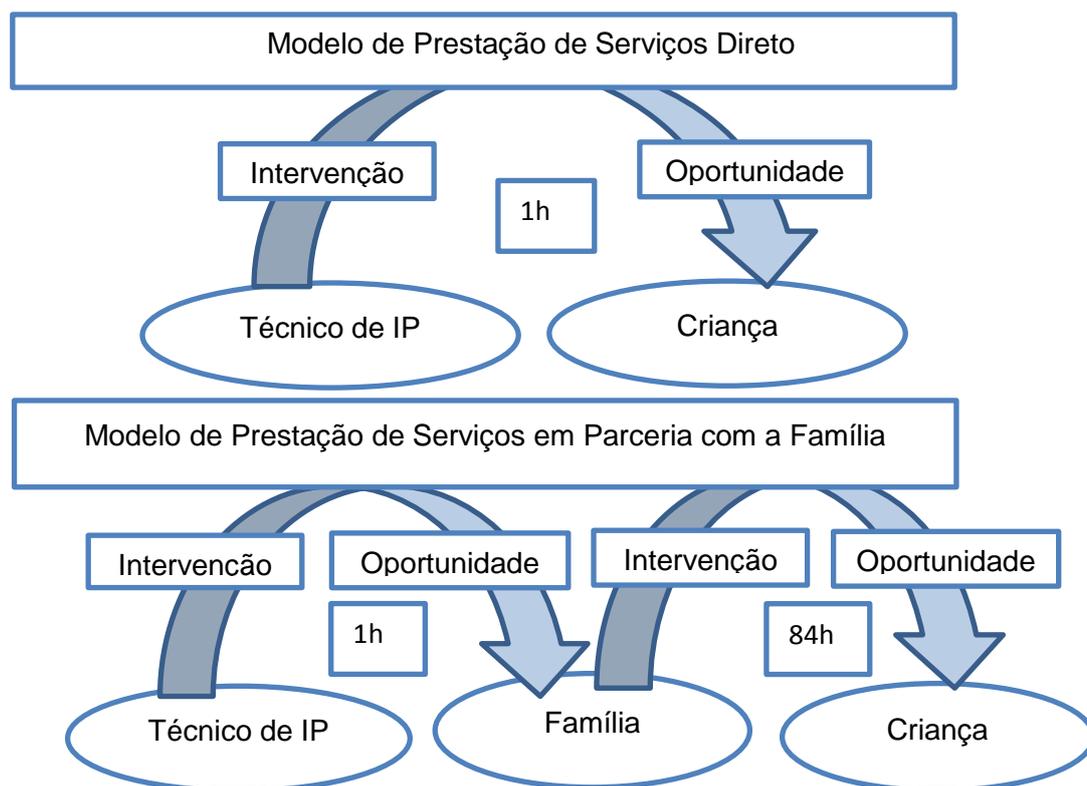


Figura 2. Oportunidades de intervenção e sua eficácia (Adaptado de Jung, L., McCormick, K. & Jolivette, K., 2004).

Esta forma de atuação trás benefícios às crianças que recebem apoio semanalmente, mas ainda mais às crianças que por diversos motivos (distância entre a residência e o local onde a ELI está sediada, por exemplo) se vê privada de visitas semanais, tendo apenas visitas mensais, sendo necessário aumentar o quanto possível a competência dos pais/cuidadores principais em relação ao desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Torna-se fundamental, desta forma, valorizar, cada vez mais, o papel ativo da família na promoção de desenvolvimento e aprendizagem da criança, bem como dos contextos naturais, como fonte de oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e sua família (Pereira & Serrano, 2010).

As oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para a criança que surgem na comunidade e no ambiente que a envolvem, incluem um conjunto alargado e variado de experiências e de acontecimentos (formais/informais, estruturados/não estruturados, intencionais/causais). Estas oportunidades fornecem à criança, enquadrada na faixa dos 0 aos 6 anos, cenários para praticar e reforçar capacidades/competências já adquiridas e para promover/aprender novas competências (Dunst, 2001; Dunst, et al., 2001).

A IP deverá englobar, nas suas práticas de apoio às famílias, três componentes essenciais: o uso de atividades do quotidiano como fontes de oportunidades de aprendizagem para a criança; o envolvimento pró-ativo dos pais na facilitação e no apoio dessa aprendizagem; e ter como foco a ampliação de competências, que servirá de medida de sucesso/eficácia das práticas de IP (Dunst, et al., 2012).

Para se abordar o tema de aprendizagem da criança no quotidiano em IP é fundamental explicar o conceito de Práticas Contextualmente Mediadas (PCM) e toda a sua abrangência estrutural e funcional.

As PCM são definidas por Dunst e colaboradores (2012) como:

Uma estratégia de intervenção que inclui: 1) a identificação dos interesses da criança e das atividades familiares e comunitárias que formam a vida da criança; 2) a selecção daquelas atividades que constituem as melhores oportunidades para uma aprendizagem baseada nos interesses da criança; 3) um aumento da participação da criança em oportunidades de aprendizagem quotidianas baseadas nos seus interesses; 4) o uso de diferentes técnicas de interação para apoiar e incentivar as competências da criança, bem como a exploração e o domínio das atividades; e 5) uma avaliação da eficácia das oportunidades de aprendizagem da criança no quotidiano, mediada pelos pais, em termos de benefícios tanto para a criança como para os pais. (p.16)

As PCM utilizam as atividades diárias familiares e da comunidade como contextos para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, e os interesses desta última como fator de motivação e de promoção do envolvimento da mesma nessas atividades (Dunst, 2006; Dunst & Swanson, 2006; Raab & Dunst, 2006).

Segundo McWilliam (2012) os dois tipos de forças mais relevantes para a IP são os interesses e os sucessos da criança. Neste prisma, para que o sucesso seja atingido, as famílias precisam de informação e as crianças precisam de desenvolver capacidades para ter sucesso nas suas rotinas (McWilliam, 2012).

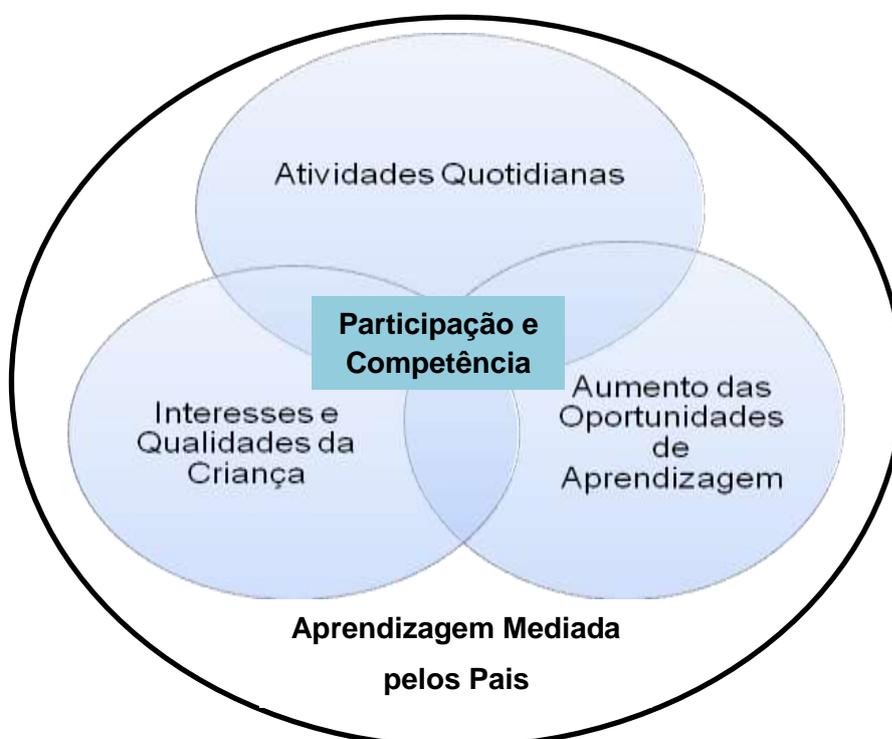
O principal objetivo das PCM é promover as competências da família, uma vez que estas se constituem como mediadores da participação da criança em atividades do quotidiano, aumentando o número, a frequência e a qualidade de oportunidades de aprendizagem desencadeadas pelos seus interesses (Dunst & Swanson, 2006).

Os profissionais de IP devem apoiar e fortalecer a capacidade dos pais em

prover à criança experiências e oportunidades úteis e eficazes na promoção e no aumento do desenvolvimento da criança no contexto natural quotidiano, de qualidade, através de práticas baseadas em evidência científica e empírica. Consequentemente estes serão mais confiantes e terão mais competências para corresponder às necessidades da criança e do meio envolvente (Dunst et al., 2012; Serrano, 2012).

Em suma, os pais deverão, através deste modelo ser capazes de: identificar os interesses da criança; identificar as atividades diárias que constituem a vida da família e da comunidade da criança; usar os interesses da criança para a seleção de atividades que podem ser utilizadas como fontes de oportunidades de aprendizagem diárias; aumentar o número, a frequência e a qualidade da participação da criança nas atividades diárias; apoiar a participação e a expressão de conhecimentos da criança, através de estilos interacionais responsivos e de ajuda; identificar e utilizar novas oportunidades de aprendizagem da criança (Raab & Dunst, 2006).

O modelo de PCM engloba as atividades quotidianas, os interesses da criança, as oportunidades de aprendizagem acrescidas para a criança e a aprendizagem mediada pelos pais, tal como observado na figura 3. Este pressupõe principalmente a participação no contexto da atividade e maior competência e confiança da criança e do(a) cuidador(a) (Dunst, et al., 2012; Raab & Dunst, 2006).



*Figura 3.* Componentes principais do modelo das PCM para fornecer às crianças pequenas oportunidades de aprendizagem baseadas em interesses (Adaptado de Raab & Dunst, 2006).

Segundo Dunst e Bruder (1999), podemos definir as atividades quotidianas em três vertentes:

- as atividades diárias que acontecem no contexto familiar, que são acontecimentos como vestir e despir, tratar da higiene pessoal, comer, brincar, entre outras;
- as atividades diárias que acontecem na comunidade que são acontecimentos como ir a igreja, ao supermercado, a casa dos amigos, ao restaurante, ao parque, ao cinema, andar de autocarro, entre outras;
- as atividades diárias que acontecem nos programas de educação de infância, que ocorrem nas rotinas da sala de creche/jardim-de-infância, nas várias atividades quer de grande grupo quer em áreas de atividade como a casinha, a biblioteca.

Dunst et al. (2000) identificaram 11 categorias de atividades comunitárias e 11 categorias de atividades familiares como fontes de aprendizagem para a criança no quotidiano.

Na categoria de saídas em família temos como exemplos: apanhar folhas/pedras, fazer refeições fora, visitar pais no trabalho/familiares/colegas de creche/jardim-de-infância/vizinhos, entre outros. Na categoria de atividades familiares temos como exemplos: comprar produtos de mercearia, ir buscar irmãos à escola, reciclar, fazer viagens de carro/comboio/autocarro, fazer recados, ir pagar contas com os pais, ajudar nas limpezas, entre outros (Dunst, et al., 2001; Dunst, et al., 2012).

Outro aspeto salientado na figura 3, denominado de interesses e qualidades da criança, direciona o olhar do profissional e dos pais/cuidadores para a importância da participação da criança em atividades que vão ao encontro dos seus interesses (gostos, preferências, qualidades, pontos fortes, entre outros, podendo ser pessoais ou situacionais), pois estas promovem a participação da mesma ao suscitar o seu interesse, motivação e envolvimento (Dunst, 2000; Dunst, et al., 2012; Pereira, 2003).

Segundo Dunst et al. (2012), a investigação tem demonstrado que quando as oportunidades de aprendizagem da criança são baseadas nos seus interesses promovem o funcionamento e o comportamento da mesma de uma forma mais positiva, e conseqüentemente, levam a que esta adote uma atitude pró-social. Assim, a aprendizagem aumenta quando a criança participa em atividades sociais e não-sociais (com pessoas e objetos) através do seu próprio interesse e motivação. Adquirindo, desta forma, oportunidades para praticar aptidões adquiridas, adquirir novas aptidões e

explorar o contexto social e não-social em que se encontra envolvida (Dunst, 2001; Raab & Dunst, 2006).

Segundo Dunst et al. (2012) os interesses são encarados como um agente de influência pessoal e ambiental sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, pelas razões supracitas, como pode ser constatado na figura 4.



*Figura 4.* Contextos de atividades quotidianas como oportunidades de aprendizagem em meio natural baseadas nos interesses da criança e fomentadoras de competências (Adaptado de Dunst, Raab, Trivette & Swanson, 2012).

As atividades do quotidiano que permitem à criança demonstrar competências são as que mais promovem e incentivam à exploração. Essa exploração permite à criança compreender a relação causa-efeito dos seus comportamentos, e, desta forma, aumentar e reforçar o seu sentimento de controlo, que conseqüentemente, reforçará interesses existentes e levará ao desenvolvimento de novos interesses (Dunst, et al., 2012).

Aumentar as oportunidades de aprendizagem para a criança torna-se fulcral nesta perspetiva de PCM. As atividades do quotidiano promovem o desenvolvimento e a aprendizagem de uma forma positiva apenas se a criança tiver oportunidade de participar em diferentes tipos e essa participação existir num número significativo de vezes, ou seja, com bastante regularidade (Dunst, et al., 2012; Raab & Dunst, 2006).

As PCM adquirem uma dimensão mais positiva na vida da criança e da família quando os pais percecionam as mudanças que ocorrem no desenvolvimento e aprendizagem da criança e as relacionam com as oportunidades de aprendizagem que eles próprios criaram no dia-a-dia segundo os interesses da sua criança (Dunst, et al., 2012; Raab & Dunst, 2006).

O conceito de PCM na IP engloba três processos distintos, que são: a planificação, a implementação e a avaliação e o feedback, como pode ser observado na figura 5 (Dunst, et al., 2012).

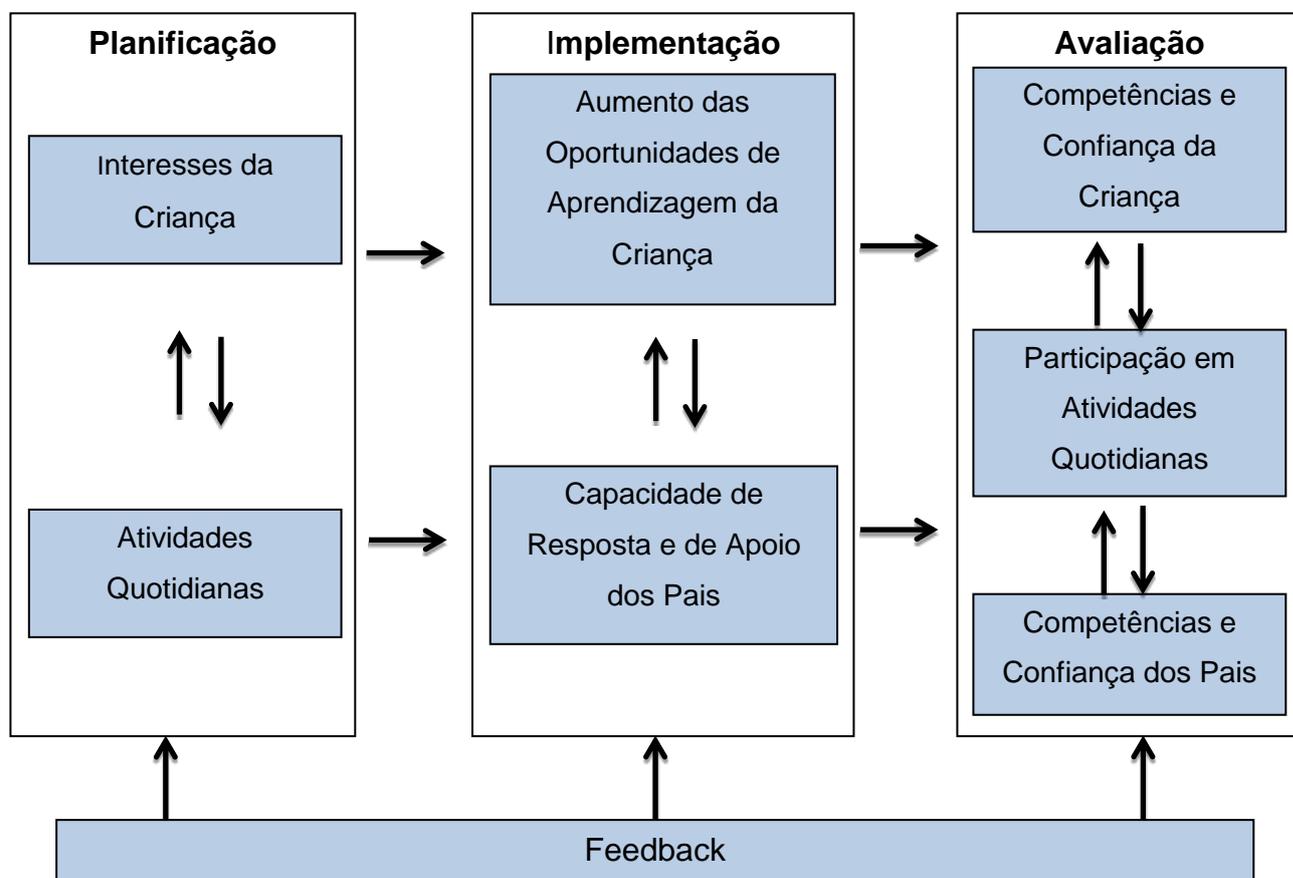


Figura 5. Processo de planificação, implementação e avaliação da eficácia das PCM (Adaptado de Dunst, Raab, Trivette & Swanson, 2012).

A planificação refere-se à identificação dos interesses da criança e, posteriormente, das atividades do quotidiano que constituem contextos de aprendizagem benéficos para a criança, que se encontram direcionados para os interesses da mesma. A implementação refere-se ao papel pró-ativo dos pais na promoção de oportunidades de aprendizagem à criança, e na capacidade dos mesmos de aumentar essas oportunidades bem como de dar apoio e resposta à criança, de a incentivar a aprender nessas atividades. A avaliação e o feedback constituem a reflexão dos pais sobre o seu papel e o seu esforço no sucesso e na demonstração de resultados positivos por parte da criança (Dunst, et al., 2012).

A IP seguirá, desta forma, uma perspetiva centrada nas capacidades da família e da criança, estabelecendo uma relação positiva com a família, acreditando no seu poder, nas suas qualidades, respeitando as suas prioridades e preocupações, e

perspetivando sempre o melhor para o desenvolvimento da criança. A família terá um papel ativo no desenvolvimento da sua criança, e saberá utilizar da melhor forma os recursos e os apoios que tem ao seu dispor, bem como aumentar as fontes de oportunidades de aprendizagem para a sua criança nos contextos naturais de vida, em casa, na escola e na comunidade diariamente.

Segundo Almeida et al. (2011) a aprendizagem das crianças pequenas não se sustenta em intervenções intensivas, num momento específico de um/dois dias da semana em cerca de uma hora por dia, mas sim através de uma aprendizagem diária, contínua, enlaçada pelo conforto afetivo dos principais prestadores de cuidados. São os principais prestadores de cuidados que abarcam o papel principal de influência e mudança sobre o desenvolvimento e aprendizagem da sua criança. Devendo assim estar envolvidos em todo o processo, de modo a incluir naturalmente nas suas rotinas estratégias que vão ao encontro dos objetivos funcionais estabelecidos para a criança, com relevância direta para toda a família, uma vez que emergiram das preocupações e prioridades da mesma.

Em IP, é fundamental fornecer às famílias uma intervenção eficaz de forma a alcançar em cada criança um pleno potencial de desenvolvimento e funcionalidade. A investigação nesta área permitiu que houvesse uma passagem de um modelo enraizado, centrado na criança, para um modelo centrado família, defensor das suas capacidades e funcionalidade. Contudo, as práticas no terreno parecem não ter seguido essa tendência, havendo ainda profissionais que não adotaram na prática o que sabem da teoria (Boavida, 2013).

A investigação tem demonstrado a persistente dificuldade que os profissionais têm em implementar o modelo centrado na família, apesar do investimento efetuado ao longo dos últimos 20 anos em propor estratégias para levar os resultados da investigação para a prática no terreno (Boavida, 2013).



## **CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos que serviram de base à realização do estudo. É iniciado com a caracterização de um estudo qualitativo, prosseguindo para as questões e os objetivos da investigação. Seguindo-se o desenho da investigação que abarca a caracterização dos participantes; a apresentação do instrumento de recolha de dados utilizado; e por fim os procedimentos de análise e apresentação dos dados.

### **Opção Metodológica**

O presente estudo procura conhecer, explorar e compreender as perceções de profissionais acerca dos benefícios resultantes da utilização da Entrevista Baseada Nas Rotinas (EBR) no apoio às famílias em IP. Assim, partiu-se do princípio que a elaboração deste estudo devia seguir um paradigma qualitativo, uma vez que existe pouca informação sobre esta temática, e que essencialmente se procura compreender os pensamentos, as atitudes, os comportamentos e as ações sociais dos participantes em relação à temática.

As investigações qualitativas fazem parte do paradigma naturalista. Este está associado a uma concessão holística do estudo dos seres humanos. Este paradigma defende que existem várias realidades e que cada realidade é baseada nas perceções dos indivíduos, modificando-se ao longo do tempo. O conhecimento desta realidade não tem sentido se não para uma determinada situação ou para um contexto particular (Fortin, 2009).

A questão central de um estudo qualitativo é frequentemente ampla e aberta, contudo, à medida que se vai realizando a pesquisa, tende a se tornar mais refinada e específica, e as questões e os problemas em torno da mesma surgem (Strauss & Corbin, 2009).

Segundo Fortin (2009), todas as investigações qualitativas dão significado ao fenómeno estudado que reveste os indivíduos. Os fenómenos são únicos e não previsíveis, e o pensamento está orientado para a compreensão total do fenómeno em estudo. Desta forma, o investigador escolhe um fenómeno, estuda-o em profundidade, reúne e liga várias ideias entre si, com a finalidade de construir uma nova realidade com sentido para os indivíduos que vivem o fenómeno em estudo.

O objetivo das investigações qualitativas é descobrir, explorar, descrever fenômenos e compreender a sua essência. Mais precisamente, o objetivo é considerar os diferentes aspectos do fenômeno do ponto de vista dos participantes, de maneira a poder, de seguida, interpretar este mesmo fenômeno no seu meio (Fortin, 2009).

Segundo Guerra (2010) existem etapas que o investigador deve seguir na construção do conhecimento indutivo, como definir, em profundidade, o fenômeno que se pretende explicar; formular um quadro hipotético provisório onde se situa as possíveis interpretações desse fenômeno; comparar cada caso observado com esse quadro, pretendendo determinar se ele é coerente com os fatos recolhidos; reformular as máximas conceituais, caso elas não correspondam aos fatos; chegar a uma convicção provável depois de ter analisado um pequeno número de casos.

Segundo Marconi e Lakatos (2004), a investigação qualitativa pode ser caracterizada essencialmente por contato direto e prolongado do pesquisador com a situação e as pessoas e/ou grupos selecionados; grande quantidade de dados descritivos; existência de um esquema aberto que permite permutar entre observação e análise, entre teoria e empirismo; e utilizar diferentes fontes e técnicas de recolha de dados (como observação, notas de campo, entrevistas).

Este estudo baseou-se substancialmente na realização de pesquisa bibliográfica e na aplicação de entrevista semi-estruturada aos participantes, na escuta e na observação do discurso e da linguagem não-verbal utilizada por cada participante no discurso. A escolha deste tipo de investigação revela-se ser a mais adequada face aos objetivos definidos para este estudo.

### **Questões e Objetivos da Investigação**

Tendo como pressuposto a finalidade deste estudo: Análise e compreensão das perceções de profissionais acerca dos benefícios resultantes da utilização da Entrevista Baseada nas Rotinas (EBR) no apoio às famílias em IP definiram-se as seguintes questões de investigação:

Quando, como e em que circunstâncias os profissionais utilizam a EBR no apoio às famílias em IP?

Quais os benefícios que os profissionais consideram obter, no apoio às famílias em IP, resultantes da utilização da EBR?

Quais os benefícios que os profissionais consideram que as famílias apoiadas obtêm em resultado da utilização da EBR?

No sentido de dar resposta a estas questões de investigação foram definidos os seguintes objetivos de estudo:

1. Compreender o processo de preparação para a utilização da EBR com as famílias apoiadas na IP.
2. Analisar e compreender a importância da EBR: no envolvimento efetivo das famílias em todo o processo de apoio; na identificação das prioridades e dos recursos da família; na identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia); e na definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção.
3. Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR.

## **Desenho da Investigação**

### **Participantes**

Neste estudo participaram inicialmente 10 profissionais, mas apenas 6 aceitaram integrar o estudo final de investigação. Dois dos dez participantes participaram numa entrevista exploratória que nos permitiu analisar as suas opiniões acerca da estrutura, da linguagem utilizada e das questões colocadas no guião da entrevista. Dos restantes 8 participantes no estudo, dois decidiram, após a leitura e validação da transcrição da entrevista, não participar no estudo por considerarem que não tinham prestado informações suficientes e adequadas para dar resposta aos objetivos de investigação definidos para este estudo.

Os seis participantes pertencem às ELI da Região Norte. Foram definidos os seguintes critérios de inclusão no estudo: profissionais com pelo menos 2 anos de experiência na IP; que realizaram o Curso de Formação sobre Práticas de IP Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família; e com experiência de utilização da EBR.

## **Instrumento de Recolha de Dados**

Neste estudo foi utilizada a entrevista semiestruturada como instrumento fulcral de recolha de dados sobre a perceção de profissionais de IP sobre os benefícios da EBR no apoio às famílias, bem como sobre a motivação dos mesmos na utilização da EBR, e sobre as dificuldades sentidas quer na utilização, quer na conseguinte formulação e implementação de objetivos funcionais fundamentais para o processo de apoio às famílias em IP.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), uma entrevista consiste numa conversa intencional, entre duas ou mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informação sobre a outra(s).

A entrevista apresenta um formato próprio para âmbito de investigação qualitativa, podendo ser estruturada, semiestruturada e aberta. Esta técnica de recolha de dados descritivos, na linguagem própria de cada participante, é utilizada pelo investigador por forma a compreender como o sujeito entrevistado interpreta determinado assunto que se pretende aprofundar (Bogdan & Biklen, 1994).

O principal interesse do investigador, desta forma, é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenómenos e eventos da sua vida quotidiana, utilizando os seus próprios termos (Marconi & Lakatos, 2004). Através deste tipo de recolha de dados é possível o investigador aprofundar também motivos e sentimentos, avaliando a forma como determinada resposta de determinado participante é dada, observando a expressão facial, a hesitação, o tom de voz, a linguagem não-verbal (Bell, 1997).

Como técnica de recolha de dados, a entrevista oferece várias vantagens e limites. As principais vantagens são que pode ser usada com todos os segmentos da população, há maior flexibilidade e oportunidade para avaliar atitudes e comportamentos, podendo o entrevistado ser melhor observado. Possibilita também a recolha de dados importantes que não se encontram em fontes documentais. Por outro lado, como limitações, pode existir alguma dificuldade de expressão, de comunicação ou não incorporação clara dos significados levando a uma falsa interpretação, e a possibilidade do entrevistador sofrer influência do entrevistado (Marconi & Lakatos, 2004).

A entrevista semiestruturada contém questões profundas formuladas de forma a permitir que o sujeito exteriorize os seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados em estudo. Estas questões de carácter subjetivo, fazem uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados

de fatos e comportamentos. Devem ser flexíveis, em que a sequência e as minúcias, bem como as respostas mais ou menos detalhadas e pormenorizadas, seguem o fluir natural quer do discurso quer da dinâmica (Rosa & Arnoldi, 2008).

Segundo Rosa e Arnoldi (2008) deverá ser feito antecipadamente um guião de entrevista para o entrevistador, que consiste num documento que descreve os aspetos fundamentais da entrevista, pelo qual o investigador se poderá guiar.

O guião de entrevista contém um conjunto de perguntas elaboradas com o intuito de aprofundar o tema em estudo, e são dirigidas aos participantes do mesmo. O investigador deverá encaminhar e colocar questões ao entrevistado, de encontro aos objetivos previamente estabelecidos, cada vez que o entrevistado se afaste ou não aborde determinado tópico fulcral para a compreensão do tema em estudo.

Segundo Manzini (2003), o guião deve garantir ao investigador, por meio das questões elaboradas para a entrevista, recolher o máximo de informação desejada e abordar todos os conceitos em estudo. Deve-se ter em conta, na construção do mesmo, aspetos como a:

- Linguagem utilizada nas questões - a escolha do vocabulário pode mudar significativamente dentro de uma mesma comunidade, devido a utilização de jargão e palavras/expressões próprias;
- Forma das questões - estas devem ser colocadas ao entrevistado de uma forma clara e direta e devem ser curtas. Deve-se ter em ponderação o grau de dificuldade, quais as palavras e frases a utilizar (para não inibir ou indicar uma direção tendenciosa para a resposta do entrevistado), bem como evitar a utilização de palavras consideradas emocionais ou frases manipulativas (enviesamento inconsciente do investigador, sendo um tipo de viés) ou perguntas com múltiplas finalidades.
- Sequência das questões – devem-se colocar da forma o mais coerente e lógica possível de serem apresentadas, das questões consideradas mais fáceis para as mais difíceis de serem respondidas.

O guião, quando terminada a primeira versão, deve ser submetido a apreciação externa de modo a ser adaptado. Para esse efeito utiliza-se dois procedimentos, a apreciação externa (por juízes com experiência em entrevistar e em elaborar guiões de entrevista, ligados à investigação qualitativa e por juízes com experiência no tema em

estudo) e a entrevista piloto (a duas ou três pessoas, com as mesmas características dos participantes escolhidos para o estudo) (Manzini, 2003).

Segundo Manzini (2003), este procedimento permite fazer uma avaliação sobre a linguagem empregue, a compreensão das perguntas utilizadas pelo entrevistador e a verificação da necessidade de alteração ou de incorporação de questões ao guião original.

O guião construído e utilizado neste estudo foi analisado em conjunto com a orientadora, e posteriormente por dois participantes externos com as mesmas características dos participantes que integraram no estudo. Segundo as orientações destes últimos foram feitas alterações na estrutura, na linguagem utilizada, bem como na forma como as questões eram expostas.

### ***Procedimentos de Recolha de dados***

Segundo Marconi e Lakatos (2004), o investigador, antes da entrevista, deve informar ao entrevistado sobre o interesse, a utilidade e o objetivo do estudo; que tipo de entrevista será realizada e em que condições; o compromisso do anonimato e que a participação é voluntária. O investigador deve demonstrar motivação, confiança e credibilidade em toda a conversação com o entrevistado.

Nesta sequência, e de encontro com o mencionado anteriormente, é importante referir que uma investigação qualitativa pressupõe um conjunto de considerações éticas, e são os investigadores os responsáveis por essas decisões tomadas na realização de qualquer investigação (Carpenter, 2002).

Segundo Carpenter (2002), alguns dos princípios básicos na realização de uma investigação são: os que participam não devem ser prejudicados, de acordo com o princípio de não maleficiência; os investigadores devem obter o consentimento informado e a participação deve ser voluntária, de acordo com o princípio da autonomia; e devem garantir aos participantes que a confidencialidade e o anonimato serão respeitados, assegurando assim, o princípio de beneficência e justiça.

O paradigma qualitativo engloba, segundo Lincoln e Guba (1991) citado por Coutinho (2011) critérios de rigor, nomeadamente: a credibilidade (capacidade dos participantes confirmarem os dados); a transferibilidade (capacidade dos resultados do estudo serem aplicados em outros contextos); a consistência (capacidade de investigadores externos utilizarem/continuarem o método usado pelo investigador); e a

aplicabilidade ou confirmabilidade (capacidade de outros investigadores confirmarem as construções do investigador).

Ao encontro do que foi mencionado acima, os entrevistados do presente estudo foram devidamente informados sobre a integridade do estudo, bem como sobre a importância da sua participação na entrevista. O pedido e a combinação do dia, hora e local da entrevista foi feito numa primeira vez pessoalmente, e posteriormente, formalizado por mensagem via email e por chamada telefónica. Para a recolha de dados através da entrevista foi também pedido a cada participante o preenchimento de uma declaração de consentimento, que se refere à sua participação no estudo, à gravação da entrevista e à salvaguarda do investigador de todos os princípios éticos necessários perante os participantes neste tipo de estudos.

Os participantes escolheram o dia, hora e local que consideraram mais oportuno para a realização da entrevista, de acordo com o seu horário de trabalho e próximo ou mesmo na área de residência ou trabalho. Contaram, da parte da investigadora, com uma postura de ouvinte atenta, de observadora e de neutralidade crítica durante toda a entrevista.

A cada um dos participantes foi reconhecida a disponibilidade e o contributo no estudo. Ficando a promessa do envio da transcrição da entrevista, bem como posteriormente a informação dos resultados finais.

### **Procedimentos de Apresentação e Análise dos Dados**

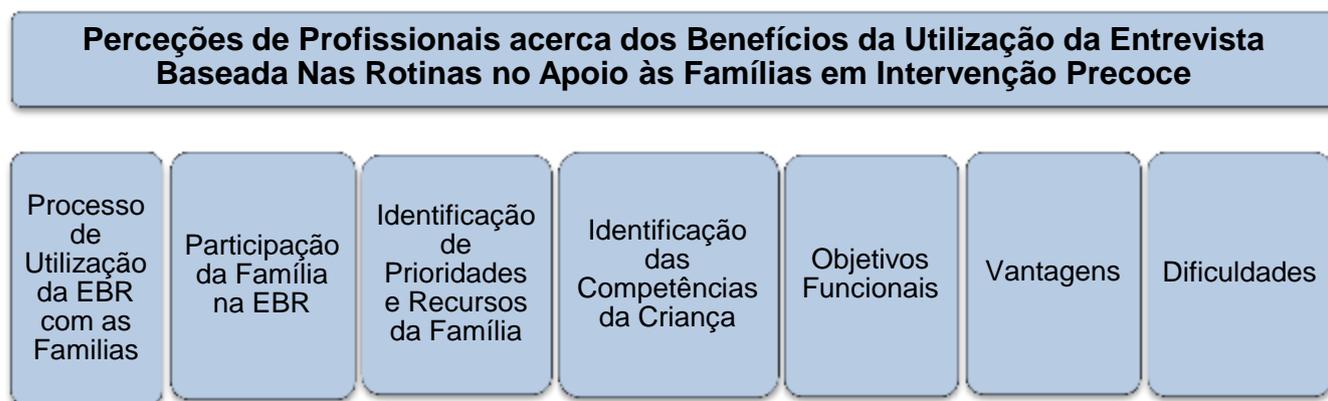
A apresentação dos dados é inicialmente feita por participante, e posteriormente, são analisadas conjuntamente as perspetivas de todos os participantes envolvidos no estudo, cruzando toda a informação obtida de acordo com as categorias de análise definidas. Pretendendo estabelecer uma relação congruente entre a literatura consultada e a perceção de cada participante. Os nomes atribuídos aos participantes (pseudónimos), presentes na apresentação e análise de dados, foram escolhidos pela investigadora, de forma a salvaguardar a identidade dos participantes. A análise dos dados foi realizada com recurso à técnica de análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é o processo de procura e de organização sistemático de transições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que são ao longo do tempo acumulados, com o objetivo de aumentar a compreensão desses mesmos materiais e de poder posteriormente apresentá-los (Bardin, 2011).

Segundo Bardin (2011), esta primeira leitura codificada (aos níveis temático, estrutura e expressão) tem por objetivo preparar a ou as grelhas categoriais transversais e fornecer hipóteses de interpretação.

Em suma, a análise de conteúdo, no seu todo, percorre e organiza-se em três núcleos cronológicos, que são a pré-análise; a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2011).

O sistema de categorias para este estudo foi construído após a revisão bibliográfica, em consonância com as questões orientadoras e os objetivos do estudo, como pode ser constatado na seguinte figura:



*Figura 6.* Sistema de categorias.

Foram definidas previamente 7 categorias, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR; e Dificuldades na Utilização da EBR. Algumas categorias ramificaram-se em subcategorias.

## CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados do presente estudo, organizados em duas partes. A primeira parte é dedicada às perspectivas individuais de cada participante, estruturada por categorias comuns a todos, de forma a existir um alinhamento que facilite a compreensão das realidades encontradas. A segunda parte apresenta o cruzamento das perspectivas das participantes, e em conjunto a fundamentação dessas perspectivas com as de diversos autores presentes na literatura existente sobre a temática em estudo.

### Apresentação e Análise dos Dados

**Beatriz: “Se a EBR nos ajuda a conhecer melhor as famílias, nos ajuda a identificar...os objetivos que poderão ser mais funcionais para essa família...então está a ajudar-nos a apoiar essa família...e a ir de encontro ao que ela precisa.”**

Beatriz tem 43 anos, é Educadora de Infância e trabalha na ELI há 7 anos. Ao longo destes anos sempre tentou enriquecer a sua formação de base, especializou-se em Educação Especial, e realizou, entre outros, o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família.

Abordei-a num primeiro momento por telefone, não tinha sido abordada num primeiro encontro que organizei após uma reunião de supervisão em Braga. Tomou conhecimento do meu estudo por uma colega que esteve presente e se disponibilizou a passar a informação às colegas, no caso de estarem interessadas em participar, posteriormente enviar-me-ia os seus contactos, e então eu poderia explicar melhor toda a envolvência do mesmo.

Beatriz disponibilizou-se logo a participar, permitiu que me fosse dado o seu número e logo nesse dia entrei em contato com ela. Marcámos o nosso encontro nessa mesma semana, depois do seu horário de trabalho, por volta das 18 horas, numa sala da escola onde ia ter uma reunião. A nossa entrevista iria decorrer no final da mesma. A entrevista ocorreu dia 14 de Janeiro de 2014, e teve uma duração de 14 minutos.

Consegui perceber logo nesse primeiro contato que Beatriz é uma pessoa simpática, prestável, e bastante objetiva. É também uma pessoa muito ocupada, sem muito tempo para extras à sua rotina diária. Notava-se que lutava contra o cansaço de mais um dia de trabalho, e pelo que me confidenciou entre os primeiros sorrisos ainda iria percorrer mais umas horas, entre ir buscar as filhas, preparar o jantar, e resolver alguns pormenores do trabalho, para conseguir descansar. Talvez por isso esta entrevista tenha sido mais curta do que as restantes, fluindo rapidamente de certa forma, sem grandes pausas entre questões.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

Na entrevista começa-se por colocar questões relativas ao processo de utilização pelos profissionais deste instrumento no apoio às famílias em IP. Num total de dez questões pretendeu-se perceber como o profissional manuseia a entrevista, como inicia, desenvolve e termina a mesma, que estratégias utiliza, e como coloca os pais perante a mesma.

Beatriz refere que começa por planificar com a família a avaliação com a EBR, contudo esta não é uma planificação muito extensa, engloba basicamente explicar a essência da entrevista e combinar o dia e a hora, “basicamente é isso...hora e dia, esse tipo de planificação” (¶1).

No dia da entrevista, como já explicou antes em que consistia a mesma, pede à família para se tentar lembrar de todas as rotinas e que as descreva com todos os detalhes possíveis, pois “todos os pormenores são importantes” (¶2). Depois deixa que seja a família a falar por si, a contar as suas rotinas, chamando a sua atenção apenas quando estas se desviam do momento que estão a descrever, pedindo-lhes que voltem a relembrar mentalmente esse momento e a descrevê-lo da forma mais detalhada possível, ou seja, esforça-se para que não se desviem muito do que estão a descrever, que “mentalmente façam o filme da rotina e se tentem lembrar do máximo de coisas possíveis” (¶3).

Expõe que atribui importância ao que cada membro da família tem a dizer sobre os momentos de rotina, pois ocorre frequentemente um ter um papel mais ativo numa rotina mas ser o outro a ter esse papel em noutra, salientando a opinião do pai e da mãe, que por norma, segundo ela, não estão os dois presentes na entrevista. “Quando estão os dois claro...há sempre rotinas em que participa mais uma...um membro do casal e há outras em que participa mais o outro” (¶4), ela tenta “dar importância aos

dois e que os dois relatem” (¶4), “eles às vezes complementam um ao outro ou até às vezes até se contrariam” (¶4). O importante, segundo o seu ponto de vista, é que “todos tenham a oportunidade de dizer...o que realmente acontece, a sua opinião” (¶4).

Os pais, segundo ela, referem com frequência rotinas como: “o acordar, o almoço, o lanche e o jantar” (¶5), e por vezes o “ir buscar à escola ir levar à escola” (¶5), “mas as refeições e o sono talvez sejam aqueles que nomeiam mais” (¶5).

No decorrer da entrevista menciona que utiliza estratégias/attitudes para que a família saiba que está interessada no que lhe está a transmitir, através de uma: “atitude de empatia...de..disponibilidade...de mostrar interesse e de ouvir com atenção tudo o que estão a transmitir. (¶6)

Beatriz em cada rotina questiona, de forma clara e direta, a família sobre o seu nível de satisfação com a mesma, dizendo-lhes que vão ter de “avaliar a rotina de um a cinco” (¶7), explicando, antes de estes darem qualquer resposta, o que significa cada valor.

O tempo que despense em cada entrevista varia, depende muito do caso, “há casos em que demora muito mais que outros” (¶8), e depende também da forma como as famílias relatam as suas rotinas, se são mais reservadas ou se são mais comunicativas, algumas “distanciam um bocadinho da EBR e vão falando de outras coisas” (¶8), mas que habitualmente dura “uma média de duas horas” (¶8).

Na realização da entrevista, quanto aos profissionais envolvidos, ela tenta “que sejam sempre dois” (¶9), mas nem sempre consegue, há famílias em que faz só ela, mas tenta sempre que vá “alguém da equipa” (¶9), “pode ser a psicóloga, pode ser a assistente social mas em princípio é mais a psicóloga” (¶10).

Quadro 1. *Síntese das Perspetivas de Beatriz no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.*

<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	
<b>Planificação da avaliação com a EBR</b>	“(…) combino com a família (….) um dia que dê jeito à família (..) explico o que é que vai acontecer, para eles irem pensando (….) sobre o que vão falar (….)”. (¶1)
<b>Desenrolar da entrevista</b>	“(…) como eu já explico antes o que vamos fazer depois é só dizer: “(…) vamos falar de todas as vossas rotinas (….) tentem lembra-se de todas as coisas possível, tentem descrever da melhor maneira possível tudo o que podem dizer que possa ajudar..todos os pormenores são importantes””. (¶2)
<b>Procedimentos utilizados para compreender momentos de rotina</b>	“(…) normalmente as famílias vão falando, vão descrevendo...quando eu vejo por exemplo que saltam alguma etapa volto a perguntar...faço com que as pessoas mentalmente façam o filme da rotina e se tentem lembrar o máximo de coisas possíveis”. (¶3)
<b>Importância da participação da família na EBR</b>	“(…) às vezes (….) não conseguimos estar com os dois (….) com o pai e com a mãe (….) tentamos dar importância aos dois e que os dois relatem (….)”. (¶4)
<b>Rotinas abordadas</b>	“(…) rotinas normais...o acordar, o almoço, o lanche e o jantar (….) ir buscar á escola ir levar á escola também às vezes...mas as refeições e o sono talvez sejam aqueles que nomeiam mais”. (¶5)
<b>Estratégias e atitudes utilizadas</b>	“Uma atitude de empatia...de..disponibilidade...de mostrar interesse e de ouvir com atenção tudo o que estão a transmitir”. (¶6)
<b>Avaliação nível satisfação</b>	“Questiono, sou clara e direta...digo que (….) vamos avaliar a rotina de um a cinco e explico o que significa cada valor (….) e pergunto qual o grau de satisfação de cada rotina de acordo com essa (….) numeração”. (¶7)
<b>Tempo gasto realização EBR</b>	“depende muito (….) há casos em que demora muito mais que outros (….) uma média de duas horas”. (¶8)
<b>Profissionais envolvidos na EBR</b>	“Tento que sejam sempre dois, mas nem sempre consigo (….)”. (¶9) “(…) normalmente é a pessoa que está mais envolvida comigo nesse caso (….)”. (¶10)

### **Participação da Família na EBR:**

Nesta categoria é pedido a Beatriz para refletir, através de cinco questões, sobre o envolvimento da família em todo o processo da EBR, mais precisamente no papel que esta tem face à EBR, que pode ser ativo ou passivo, e que poderá ser expandido a todo o processo de apoio, tendo como premissa que a EBR é um instrumento que permite ouvir as famílias e dar-lhes o poder da mudança relativamente à aprendizagem e ao desenvolvimento da criança.

Beatriz sente que as famílias habitualmente “reagem bem” (¶11) perante a EBR, pois nunca teve “uma má reação” (¶11).

Refere que “as mães” (¶12) são quem mais participa nesta entrevista. Que “normalmente é mais as mães, quando não podem estar os dois” (¶12). Realiza a entrevista “no domicílio sempre” (¶13). Ademais potencia, “em todos os momentos” (¶14), o envolvimento da família durante o processo de aplicação da EBR. Faz questão de reafirmar que “a família está sempre envolvida no processo de aplicação” (¶14).

Que no seu caso está porque está perto dela, vê o que ela está a escrever e porque vai relatando enquanto ela anota e conversa.

Beatriz considera obter com a EBR “informações....coisas pequeninas que às vezes os pais não dão muito valor e acham que não é uma coisa muito importante” (¶15) e até pequenas confissões como “que o filho dorme com eles..ou que...ainda toma o leite com o biberão” (¶15), “coisas que eles contam naturalmente num tipo de entrevista destas e que...se não recorrêssemos a esse tipo de entrevista não viriam” (¶15) a ser faladas espontaneamente.

Ela considera que as famílias com esta entrevista “prestam-se a esse tipo de situação..de conversa” (¶15) e “acabam por falar em coisas que se calhar não falariam noutra..noutro tipo de entrevista..noutro tipo de instrumento” (¶15), ou seja, dão com maior facilidade informações que dificilmente obteria com outro tipo de instrumentos ou situações.

Quadro 2. *Síntese das Perspetivas de Beatriz na Participação da Família na EBR.*

<b>Participação da Família na EBR</b>	
<b>Reações das famílias</b>	“Reagem bem (...) nunca tive uma má reação”. (¶11)
<b>Elementos da família que participam</b>	“(...) quando não podem estar os dois...habitualmente é a mãe”. (¶12)
<b>Locais ou contextos da avaliação com a EBR</b>	“No domicílio sempre”. (¶13)
<b>Estratégias que potenciam o envolvimento da família</b>	“(...) está perto de mim, vê o que estou a escrever e vai relatando e vou anotando e vou conversando com eles (...)”. (¶14)
<b>Informação obtida com a EBR</b>	“(...) coisas pequeninas que às vezes os pais não dão muito valor e acham que não é uma coisa muito importante...ou coisas (...) que eles contam naturalmente num tipo de entrevista destas e que...se não recorrêssemos a esse tipo de entrevista não viriam ter connosco a dizer (...)”. (¶15)

### **Identificação de prioridades e recursos da família:**

A identificação de prioridades e recursos da família foi igualmente um aspeto aprofundado nesta entrevista, para tentar perceber qual a importância que os profissionais de IP dão ao mesmo no seu trabalho com as famílias, se faz parte do processo de aplicação da EBR, se faz parte de um meio fulcral de prestação de apoio às famílias em IP e se lhe é atribuída importância pelos profissionais.

Beatriz faz a identificação das redes de apoio e recursos da família normalmente quando preenche “a ficha de caracterização da família que é anterior à aplicação da EBR” (¶17), diz que por vezes pode voltar a discutir esse assunto aquando da aplicação da EBR, mas não é nessa altura que faz “esse levantamento” (¶17), que “pode-se completar mas iniciar não é nessa altura” (¶17).

Aquando da aplicação da EBR faz “sempre a identificação das prioridades” (¶16) da família. Considera essa informação relevante, pois devemos ter a consciência de que sendo algo importante para as famílias estas irão estar mais motivadas e irão esforçar-se para atingir esse fim, e compara, põe-se nesse papel: “se calhar não temos a consciência disso mas quando não acreditamos que isso é importante e prioritário se calhar não fazemos...às vezes não se tem essa consciência” (¶16). É importante que seja a família a escolher o que “é mais urgente e mais necessário, mais importante” (¶16) trabalhar naquela altura porque é isso que os irá motivar e levar a agir.

Considera a identificação das prioridades e recursos da família importante para o processo de apoio, realçando que, “se a família não identifica como uma prioridade também não vai trabalhar nisso, não vai....aderir a esse objetivo” (¶18).

Quadro 3. *Síntese das Perspetivas de Beatriz na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.*

<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	
<b>Identificação das redes de apoio e dos recursos da família</b>	“(...) faço..normalmente quando preencho a ficha de caracterização da família que é anterior á aplicação da EBR (...) podemos voltar a discutir esse assunto (...) pode-se completar mas iniciar não é nessa altura”. (¶17)
<b>Identificação de prioridades da família</b>	“(...) faço sempre a identificação das prioridades (...) explico (...) às famílias que....é importante eles dizerem o que eles realmente consideram importante (...) e prioritário (...)”. (¶16)
<b>Relevância da identificação prioridades e recursos</b>	“(...) se a família não identifica como uma prioridade também não vai trabalhar nisso, não vai....aderir a esse objetivo”. (¶18)

### **Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

A identificação das competências da criança ao nível do envolvimento, das relações sociais e da autonomia, também surge como uma categoria nesta entrevista. Como parte integrante na EBR e sendo uma das partes da mesma que nos leva a refletir sobretudo sobre a resposta da criança face às rotinas, ao seu dia-a-dia, ao contexto e ao outro, e que nos revela os seus interesses.

Beatriz ficou um pouco em dúvida sobre como responder a esta questão, ela refere que avalia os níveis de envolvimento da criança na rotina apenas pelo que os pais lhe dizem, descrevem, através disso consegue perceber “se a criança está envolvida nessa rotina ou não...só assim” (¶19). No caso da autonomia da criança nos momentos de rotina que acontece “a mesma coisa” (¶20), que esse tipo de coisas avalia “sempre também a nível de rotinas de jardim” (¶20). O mesmo acontece nas

relações sociais da criança nos momentos de rotina, surge novamente a resposta “a mesma coisa” (§21). Foi notável um pequeno constrangimento com esta questão.

Quadro 4. *Síntese das Perspetivas de Beatriz na Identificação das Competências da Criança.*

<b>Identificação das Competências da Criança</b>	
<b>Avaliação dos níveis de envolvimento da criança</b>	“(…) avalio...pelo que os pais me dizem (...) os pais descrevem...e eu pelo que os pais descrevem consigo perceber se a criança está envolvida nessa rotina ou não...só assim”. (§19)
<b>Avaliação dos níveis de autonomia da criança</b>	“Da autonomia a mesma coisa (...) esse tipo de coisas avaliamos sempre também a nível de rotinas de jardim, a nível de rotinas de casa só pelo que os pais dizem mesmo...porque eu depois não estou lá a ver (...)”. (§20)
<b>Avaliação das relações sociais da criança</b>	“A mesma coisa”. (§21)

#### **Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

Nesta categoria foi pedido a Beatriz para relatar, com o apoio de três questões, como estabelece os objetivos de intervenção, se se preocupa em formular objetivos funcionais, que preocupações tem a esse nível, e como os implementa no decurso do seu trabalho de apoio às famílias.

Beatriz seleciona os objetivos de intervenção “que os pais consideram prioritários” (§22), “que acham mais importante trabalhar nesse momento e que é importante para eles e para o funcionamento do dia-a-dia deles e para o desenvolvimento da criança também” (§22). Tenta definir objetivos funcionais mas nem sempre consegue, afirma que tem essa preocupação mas que ainda existe um caminho a percorrer até aí, devido também “ainda se calhar com a forma de funcionar da equipa em geral” (§23). Confessa que na equipa ainda estão um pouco preocupadas com outros objetivos que não os funcionais, diz que toda a gente ainda faz da forma tradicional e refere que mesmo ela que tenta mudar para objetivos funcionais já se cansou de tentar.

Posteriormente ao estabelecimento dos objetivos funcionais para o PIIP, apenas refere que há uma procura das “melhores maneiras de implementar esses objetivos” (§24) para fornecer essas estratégias aos pais.

Quadro 5. *Síntese das Perspetivas de Beatriz em Relação aos Objetivos Funcionais.*

<b>Objetivos Funcionais</b>	
<b>Seleção de objetivos</b>	“(…) selecionamos os objetivos que os pais consideram prioritários (…) que acham mais importante trabalhar nesse momento e que é importante para eles e para o funcionamento do dia-a-dia deles e para o desenvolvimento da criança também”. (¶22)
<b>Definição de objetivos</b>	“Tentamos..tento! definir objetivos funcionais..mas nem sempre consigo....tenho essa preocupação (…) tem a ver também ainda se calhar com a forma de funcionar da equipa em geral e não só da minha (…) toda gente faz assim...eu já tentei fazer de outra maneira eee....cansei-me”. (¶23)
<b>Implementação de objetivos</b>	“(…) após a EBR (…) retiramos os objetivos da EBR para o PIIP...damos estratégias aos pais, tentamos (…) dar as melhores (…) maneiras de implementar esses objetivos”. (¶24)

### **Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

A última categoria, procura, de uma forma mais abrangente, perceber o que leva os profissionais a implementar esta entrevista, que dificuldades sentem como entrave para a sua realização, e que vantagens atribuem à mesma no apoio às famílias em IP, bem como se existe algum aspeto importante no qual devemos refletir que não tenha sido questionado.

O que motiva Beatriz a utilizar a EBR é esta ser “uma maneira acessível de...de saber coisas sobre as rotinas das crianças” (¶25) que não se saberia de outro modo, sente que “os pais estão à vontade normalmente e contam” (¶25) coisas que de outra maneira não chegaria lá ou perderia muito mais tempo, considera que é uma maneira fácil de chegar aos pais, que “ajuda um bocadinho nos relacionamentos” (¶25) e que se cria “alguma intimidade, apesar de tudo...as pessoas começam a falar de coisas do dia-a-dia deles que...acaba por haver um estreitamento de relações também na...durante a aplicação da EBR” (¶25).

As maiores dificuldades que sente na implementação da EBR são “nem sempre ter disponível outro técnico para ir” com ela fazer a EBR, e “ser um bocadinho demorado por vezes”. Pensa que “talvez essas serão as principais” (¶26) dificuldades para ela.

Em relação às vantagens da EBR no apoio às famílias em Intervenção Precoce Beatriz considera que esta entrevista “ajuda a conhecer melhor as famílias” (¶27), “ajuda a identificar os...os objetivos que poderão ser mais funcionais para essa família” (¶27), e por conseguinte, ajuda a apoiar essa família e a ir de encontro ao que ela precisa.

Beatriz julga que não é necessário obter mais nenhuma formação que lhe permita melhorar a sua utilização da EBR no apoio às famílias. Considera que a formação que teve “foi completa...e foi boa” (¶28) e que por agora é mesmo fundamental “praticar muito” (¶28). Considera ainda que “na formação a única coisa que falta é sempre a parte prática” (¶28) e que “uma coisa é nós ouvirmos, outra coisa é nós vermos fazer” (¶28), que sem dúvida tinha sido importante, mesmo considerando isso “exaustivo” (¶28) se pudessem ter assistido a algumas EBR’s antes de as aplicar, que “isso era o ideal” para as formações (¶28).

Beatriz acabou a entrevista referindo que não tem mais nenhum aspeto a referir ou comentário a fazer, apenas que explorei “bastante o tema” (¶29) e que agora será um trabalho árduo pôr tudo no papel.

Quadro 6. *Síntese das Perspetivas de Beatriz nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.*

Vantagens da Utilização da EBR	Dificuldades na Utilização da EBR
<p>“(...) saber coisas sobre as rotinas das crianças que não saberíamos de outro modo (...) os pais estão à vontade normalmente e contam (...) é uma maneira fácil de chegarmos aos pais (...) cria-se alguma intimidade (...) acaba por haver um estreitamento de relações (...)”. (¶25)</p> <p>“(...) conhecer melhor as famílias, nos ajuda a identificar (...) os objetivos que poderão ser mais funcionais para essa família (...) a ir de encontro ao que ela precisa”. (¶27)</p>	<p>“(...) nem sempre ter disponível outro técnico (...) para fazermos a aplicação...ser um bocadinho demorado por vezes (...)”. (¶26)</p> <p>“(...) na formação a única coisa que falta é sempre a parte prática (...) Uma coisa é nós ouvirmos outra coisa é nós vermos fazer (...) se pudessemos assistir a algumas EBR’s antes de aplicarmos (...) era o ideal (...)”. (¶28)</p>

### Em síntese:

No anexo A, apresento a sistematização e organização das perspetivas de Beatriz, no que concerne ao sistema de categorias que, juntamente com a minha orientadora desenvolvi para este estudo, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR e Dificuldades na Utilização da EBR.

**Daniela: “..É uma forma também de desabafo...eu acho que é..é..um momento muito importante por isso que eu acho que tem de ser um momento sem pressa sem..sem..que é a maior dificuldade para eles...sem pressa...um momento calmo em que as famílias podem falar..porque depois eles falam...falam...riem-se...dizem as coisas que eles acham graça da criança..outras vezes põem para fora as preocupações que eles têm...preocupações graves..eu acho que é importante isso”.**

Daniela tem 45 anos, é Educadora de Infância, com especialização em Educação Especial, e trabalha na ELI há 5 anos. Realizou, de forma a completar a sua formação de base e a sua pós-graduação, entre outros, o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família.

Abordei-a num primeiro momento no dia 25 de Novembro de 2013, no final de uma reunião de Supervisão em Braga. Juntamente com a minha orientadora expus o estudo, de uma forma sucinta, e convidei os presentes a participar no mesmo, uma vez que correspondiam às características que se pretendia. Pedi para quem estivesse interessado em participar me desse o seu contato, correio eletrónico ou telefone/telemóvel, e então dessa forma, eu poderia entrar em contato para combinar pormenores da entrevista, como dia, hora e local da realização, e esclarecer eventuais dúvidas.

Daniela disponibilizou-se logo a participar e deixou comigo o seu email. Marcamos o nosso encontro passado algum tempo dessa data, através de mensagem por mail e posteriormente por chamada telefónica, para o dia 24 de Janeiro de 2014, na sede da sua ELI, após uma reunião que ela tinha nesse dia. A entrevista foi realizada no período da manhã, perto da hora de almoço e teve uma duração de 25 minutos.

Daniela, pelo que pude sentir em pouco tempo de contato, é uma pessoa simpática, prestável e com muito gosto pela sua profissão e no seu trabalho em IP. Gosta de estar sempre atualizada no que toca à IP, confessando que procura frequentemente ler teses, artigos e outros trabalhos nesse âmbito.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

Daniela planifica com a família a avaliação com a EBR, acordando o dia, dia esse em que a família possa estar mais disponível, que “seja mais...que tem mais...jeito para eles fazerem” (¶1). Elucida e discute questões como: “quanto tempo vai durar...se é possível se não é...o local onde eles querem fazer a entrevista” (¶1). Reafirmando que faz “uma pequena planificação sim” (¶1).

Daniela inicia “explicando o porquê que é feita a entrevista..quais são os objetivos da entrevista” (¶2), e também elucida a família sobre “o tempo de duração” (¶2). Tenta, deste modo, levar a família a perceber a importância de realizar esta entrevista.

Para compreender os momentos de rotinas da família e o seu funcionamento, Daniela utiliza “um guião...que é o guião da EBR” (¶3). Faz “as perguntas que estão no guião” (¶3) para abarcar como “é que é o dia da família...como é que começa o dia” (¶3) em família, depois vai “perguntando pela criança” (¶3), “quais são as rotinas da criança...o que ela faz em cada rotina” (¶3), “como estão os outros elementos da família na rotina...nessa hora da rotina...se a criança..se ela colabora...se não colabora...” (¶3), esse tipo de perguntas. Esquemáticamente vai seguindo as questões do guião.

Refere também que atribui importância a cada membro da família no momento da avaliação das rotinas, “principalmente se são pessoas que fazem...que estão muito tempo com a criança” (¶4). Considera que o pai e a mãe são elementos importantes, “e geralmente ou um ou outro é que está...dificilmente estão os dois por questões de...de..trabalho de horário..essas coisas todas” (¶4). Daniela faz sempre perguntas se o pai está presente...quando o pai não está..se o pai está presente na rotina...o que é que ele colabora... porque é muito importante” (¶4). Ela expõe que “às vezes muitas crianças sentem falta mesmo...muitos problemas da criança são causados mesmo por falta que as crianças sentem de atenção...de...de..de..pronto de atenção..que os pais acabam por não dar ou às vezes por um novo membro entrar na família ou qualquer coisa assim” (¶4).

Daniela considera que a sua postura na entrevista vai “dependendo da situação” (¶4), uma vez que já conhece a família, e que “a entrevista nunca é a primeira coisa” (¶4) que faz com ela. Ela começa por “uma observação da criança” (¶4), por conhecer as “informações médicas” (¶4), ou seja, por “saber o máximo” (¶4) que pode sobre a criança.

Daniela faz “uma investigação de pelo menos um mês..uma observação de pelo menos um mês..antes de fazer a EBR...a EBR é praticamente a última parte” (¶4). Pois considera que é fundamental ter com a família “um pouco de intimidade” (¶4), a família tem de se sentir à vontade, tem de “conhecer um pouco” (¶4) o profissional e este “saber mais ou menos” (¶4), como ela diz “p’raquilo” (¶4) que vai, “qual é a problemática da criança...quais são as dificuldades dela...porque principalmente principalmente nessas entrevistas também são os momentos em que as mães perguntam muitas coisas também em relação à criança” (¶4). Perguntas como: “o que é que acha da nossa criança?...do meu filho.. o meu filho..o que é que...o que é que você sente?...acha que vai melhorar?...” (¶4) “são aquelas perguntas que

eles...aquela ansiedade que eles têm eles acabam por...por soltar nessas entrevistas” (¶4).

Em suma, Daniela procura sempre “observar bastante a criança” (¶4) “antes de fazer a entrevista” (¶4), deste modo, portanto, quando vai para a entrevista já leva consigo algum conhecimento sobre a mesma e sobre a família. Ela tenta saber “quais são as pessoas...os elementos da família que são importantes para a família” (¶4). Esses elementos habitualmente “não estão presentes na avaliação...geralmente não estão...geralmente a avaliação é feita pela mãe” (¶4) “ou com o pai” (¶4), “mas mais com a mãe...é mais provável ser feito com a mãe ou com uma avó...quem está mesmo a cargo da criança...quem tem tempo para fazer a avaliação” (¶4).

Daniela procura fazer perguntas em relação às pessoas da família presentes diariamente, “se há irmãos principalmente se há outras pessoas da família que estão presentes nas rotinas...ãhmm...tios tias primos...família alargada”, (¶4) “quando moram com mais elementos da família juntos” (¶4). E procura “fazer perguntas sobre essas pessoas” porque sabe “que são importantes na...na rotina da criança” (¶4).

Em relação às rotinas que as famílias nomeiam com mais frequência, Daniela afirma, que no seu caso, “é o acordar” (¶5), “o pequeno almoço...a higiene...a alimentação...os tempos livres que as crianças...que as famílias têm com as crianças” (¶5) e “o dormir” (¶5). Que “o dormir para eles é muito importante” (¶5). Posteriormente, após os pais falarem sobre os momentos de rotinas, procura questionar a família sobre qual o seu nível de satisfação com cada uma dessas rotinas mencionadas, através de “um cartão” (¶7) que a equipa fez, “com uma escala de zero a cinco” (¶7) e com “bonequinhos”, “para tornar mais fácil para algumas famílias”, “desde o pouco satisfeito...muito pouco satisfeito”, “ser uma rotina completamente desagradável até ao muito satisfeito”. Depois no suceder das visitas domiciliárias refere que vai fazendo a mesma coisa.

Daniela tenta, ao longo de toda a entrevista e no decorrer das visitas domiciliárias, utilizar estratégias/atitudes como: “ser muito atenta” (¶6) às “questões da família” (¶6), “fazer as coisas muito certinhas...ou seja, telefonar..estar preocupada” (¶6), para que a família saiba que está interessada no que lhe está a transmitir. Faz a EBR “com todas as crianças” (¶6), mesmo aquelas com quem só trabalha em contexto de “jardim-de-infância” (¶6), e por exemplo, se são os pais dessas crianças com quem tem menos contato, dado que está “mais no jardim-de-infância ou na creche” (¶6), ela procura “telefonar com antecedência” (¶6) “estar atenta aos problemas da criança” (¶6),

deixar o número de telefone com as mães caso elas precisem de alguma informação antes disso” (¶6), no fundo procura “estar atenta às necessidades deles” (¶6). Considera mesmo que “os pais acabam por perceber” (¶6) que está preocupada e atenta às situações.

Habitualmente, na realização de uma EBR, Daniela refere gastar cerca de “hora e vinte..hora e meia” (¶8). A entrevista envolve, no seu caso, “no momento um..dois no máximo” (¶9) profissionais. Considera que “qualquer técnico” (¶10) da equipa pode fazer uma EBR, mas que neste momento, no caso da sua ELI, só estão a “fazer as educadoras” (¶10), só elas “estão a implementar a avaliação com a EBR” (¶10), porque são as únicas que fizeram o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família. E também “porque a EBR é uma coisa que está a entrar devagarinho” (¶10) na sua equipa.

Daniela refere que para já, e como forma de todos poderem vir a implementar a EBR no seu trabalho de apoio às famílias, têm “uma formação agendada para fazer com os outros técnicos, para explicar o que é a EBR” (¶10), como funciona, para que serve e que benefícios traz ao apoio às famílias em IP.

Quadro 7. Síntese das Perspetivas de Daniela no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.

<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	
<b>Planificação da avaliação com a EBR</b>	“(..) consulto..as famílias..marcar o dia (..) explico quanto tempo vai durar (...) o local onde eles querem (..) faço pequena planificação (...)”. (¶1)
<b>Desenrolar da entrevista</b>	“(...) explicando o porquê que é feita (...) quais são os objetivos da entrevista (...) o tempo de duração (...) a importância (...)”. (¶2)
<b>Procedimentos para compreender momentos de rotina</b>	“Eu utilizo (...) o guião da EBR (...) como é que é o dia da família (...) quais são as rotinas da criança...o que ela faz em cada rotina (...) como estão os outros elementos da família (...) nessa hora da rotina (...)”. (¶3)
<b>Importância participação família na EBR</b>	“(...) eu atribuo principalmente se são pessoas (...) que estão muito tempo com a criança (...) fazer perguntas sobre essas pessoas porque eu sei que são importantes na...na rotina da criança”. (¶4)
<b>Rotinas abordadas</b>	“É o acordar (...) o pequeno almoço..a higiene...a alimentação...os tempos livres (...) e o dormir...dormir para eles é muito importante”. (¶5)
<b>Estratégias e atitudes utilizadas</b>	“muito atenta (...) às questões da família (...) telefonar..estar preocupada (...) deixar o meu telefone (...)”. (¶6)
<b>Avaliação nível satisfação</b>	“(...) a nossa equipa fez um cartão com uma escala de zero a cinco (...) para tornar mais fácil (...) depois da rotina eu peço (...) indicarem qual é o nível de satisfação que eles têm naquela rotina (...)”. (¶7)
<b>Tempo gasto</b>	“Hora e vinte..hora e meia”. (¶8)
<b>Profissionais envolvidos na EBR</b>	“No momento um..dois no máximo”. (¶9) “(...) só a fazer as educadoras (...) foram os que tiveram formação (...)”. (¶10)

## **Participação da Família na EBR:**

Daniela confessa que, em relação à forma como habitualmente as famílias reagem perante a EBR, “depende” (¶11) da família em questão, pois “há sempre aqueles que acham que é muito longa...que não têm tempo” (¶11) ”ou alguns acham que...foram assim um pouco surpresos com as perguntas” (¶11) que a EBR abrange. Por isso considera que é importante explicar antes tudo “direitinho para eles” (¶11), porque é que é são feitas perguntas desse tipo, e desse modo, no geral, eles acabam por aceitar “bem a entrevista” (¶11).

Habitualmente quem participa na EBR são “o pai e a mãe” (¶12). E esta realiza-se no “domicílio” (¶13).

O envolvimento da família durante o processo de aplicação da EBR, processa-se, segundo a Daniela, colocando questões a quem está presente no momento da entrevista e “que esteja envolvido com a criança” (¶14), e através de perguntas sobre os outros membros não presentes mas também envolvidos com a criança, uma vez que, na maioria das vezes, os elementos envolvidos nas rotinas da criança não estão todos presentes “na hora da entrevista” (¶14).

Daniela refere que a EBR, em comparação com outros instrumentos ou situações, permite recolher informações sobre as “rotinas das crianças...ou seja, as verdadeiras dificuldades que as crianças têm ao longo do dia...em cada rotina” (¶15). Ela explica com recurso a um exemplo: “uma criança tem uma dificuldade na linguagem” (¶15) mas, só se irá compreender que “tipo de dificuldade” (¶15) “exatamente” (¶15) tem quando for feita “a entrevista” (¶15), que permite saber “a que horas que é mais importante trabalhar com aquela criança e a que horas que ele tem mais dificuldades” (¶15) “ou que a família percebe que ele tem mais dificuldades” (¶15).

Esta entrevista, segundo Daniela, é importante também “para poder planear de uma forma muito mais eficaz” (¶15), pois, como referiu anteriormente, abarca “informações sobre a família” (¶15) que outro tipo de avaliação não faz.

No seu ponto de vista, “uma avaliação de gabinete não é uma avaliação completa” (¶15), “uma avaliação só de observação em sala de aula...só em um contexto nunca é uma avaliação completa” (¶15), para se conhecer uma criança verdadeiramente, para poder saber sobre em quê e como agir, para poder formular objetivos funcionais é necessário “ter uma avaliação também da família..dos contextos...de todos os contextos...de todos os momentos de vida da criança” (¶15), isso é extremamente importante.

Quadro 8. Síntese das Perspetivas de Daniela na Participação da Família na EBR.

<b>Participação da Família na EBR</b>	
<b>Reações das famílias</b>	“(…) há sempre aqueles que acham que é muito longa (…) alguns (…) foram assim um pouco surpresos com as perguntas (…) em geral (…) aceitam bem (…)”. (¶11)
<b>Elementos da família que participam</b>	“(…) nas minhas é o pai e a mãe”. (¶12)
<b>Locais ou contextos da avaliação com a EBR</b>	“Domicílio”. (¶13)
<b>Estratégias que potenciam o envolvimento da família</b>	“(…) se os membros estiverem (…) em casa naquela altura eu convido a participar (…)”. (¶14)
<b>Informação obtida com a EBR</b>	“(…) dificuldades que as crianças têm ao longo do dia...em cada rotina (...) a que horas que é mais importante trabalhar com aquela criança (...)”. (¶15)

### **Identificação de prioridades e recursos da família:**

Daniela faz a identificação das redes de apoio e recursos da família, para esse fim utiliza o “ecomapa” (¶17). Considera importante a identificação das prioridades e dos recursos da família para o processo de apoio, pois é, entre outros, uma forma de ela e da família ficarem a saber onde “podem procurar apoio”. Refere que “às vezes eles sabem” mas ao mesmo tempo “eles não têm noção”. Eles “sabem ok posso contar com isso, com isso, com isso, mas também se calhar também posso contar com a minha sogra...olha se calhar posso...”, e é desta forma que eles vão tendo consciência desses apoios e recursos.

Daniela expõe que a equipa também tem na sua posse uma pesquisa dos recursos existentes na área geográfica que abarca a família para casos em “as famílias não conhecem”, considera importante fazer “um levantamento dos recursos” existentes “para que a família saiba que pode procurar apoio nesses...nessas instituições e assim” (¶18).

Aquando da aplicação da EBR Daniela faz a identificação das prioridades da família, uma vez que considera essa componente da EBR importante. Daniela considera que “só assim vai conhecer a família vai conhecer quais são as dificuldades vai saber onde trabalhar com as crianças” (¶16), “sem prejudicar a rotina da família” (¶16).

Para Daniela trabalhar com a família significa: dar importância à família, às suas prioridades e não ao que ela pensa enquanto profissional que é o melhor para a criança. A família é que tem “que achar que é esse o problema” (¶16), lhe dizer qual é o problema que a criança tem, quais são as prioridades dela para ela poder trabalhar esses aspetos. A família é a detentora dessas decisões/escolhas não a Daniela.

Quadro 9. *Síntese das Perspetivas de Daniela na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.*

<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	
<b>Identificação das redes de apoio e dos recursos da família</b>	“(…) a gente também tem de ter uma pesquisa dos recursos que há na área (…) com quem eles podem contar (…)”. (¶18)
<b>Identificação de prioridades da família</b>	“(…) a família tem (…) me dizer qual é o problema que a criança tem, quais são as prioridades dela..pra eu trabalhar essas coisas...é a família sempre que vai (…) decidir isso (…)”. (¶16)
<b>Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos</b>	“Ecomapa (…) faço o ecomapa”. (¶17)
<b>Relevância da identificação prioridades e recursos</b>	“(…) a identificação das prioridades...é importante porque só assim vai conhecer quais são as dificuldades vai saber onde trabalhar com as crianças (…) sem prejudicar a rotina da família (…)”. (¶16)

### **Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

O envolvimento da criança nos momentos de rotina é avaliado, segundo Daniela, através de perguntas “dentro da rotina” (¶19), como por exemplo: “o que a criança faz naquele momento” (¶19), “se ela colabora, se ajuda” (¶19), “como ela se comporta” (¶19), “como ela está naquele momento” (¶19). Refere que faz “perguntas diretas” (¶19), objetivas, que a levem logo, pela descrição que os pais/cuidadores fazem, a compreender o nível de envolvimento em cada rotina.

Relativamente à autonomia da criança nos momentos de rotina, Daniela segue o mesmo padrão de avaliação anterior, através de questões diretas aos presentes na entrevista relativas ao papel da autonomia da criança em cada rotina. Refere que questiona “coisas básicas” (¶20), como por exemplo: “se faz, se participa, se...se ela é capaz de...de fazer uma certa atividade..se ela tem autonomia..é isso” (¶20).

Na parte da EBR relativa às relações sociais da criança nos momentos de rotina, Daniela procura questionar por exemplo: “se elas têm algum relacionamento com os outros membros da família, com os adultos, com as crianças...como é que é esse relacionamento...se ela brinca se não brinca...se ela procura..se as outras crianças também a procuram...se há crianças com quem ela..com quem ela pode brincar” (¶21), procura também “saber na família se há crianças na aldeia, se...pronto nessas aldeias mais isoladas...se..se as crianças brincam umas com as outras, se frequentam a casa umas das outras...se estão no jardim de infância ou não” (¶21), questões deste tipo, direcionadas para o contexto social da criança.

Esta preocupação de Daniela surge por estar incluída numa área geográfica de intervenção que apresenta uma zona de isolamento social. Ela expõe: “há locais em

que não há...tem crianças em que não há..não há outra criança para ela conviver..só ela e mais ninguém eee às vezes ao fim de semana vai um primo...ou às vezes de duas em duas semanas um primo uma prima..mas são pessoas, são crianças que..que tão muito sozinhas” (¶21).

Quadro 10. *Síntese das Perspetivas de Daniela na Identificação das Competências da Criança.*

<b>Identificação das Competências da Criança</b>	
<b>Avaliação dos níveis de envolvimento da criança</b>	“Dentro da rotina...eu pergunto (...) o que a criança faz naquele momento (...) se ela colabora, se ajuda (...) como ela se comporta...como ela está naquele momento..faço perguntas diretas”. (¶19)
<b>Avaliação dos níveis de autonomia da criança</b>	“Também pergunto a mesma coisa (...) coisas básicas..se faz, se participa, (...) se ela é capaz de (...) fazer uma certa atividade..se ela tem autonomia..é isso”. (¶20)
<b>Avaliação das relações sociais da criança</b>	“Pergunto (...) se elas têm algum relacionamento com os outros membros da família, com os adultos, com as crianças...como é que é esse relacionamento...se ela brinca se não brinca...se ela procura..se as outras crianças também a procuram...se há crianças com quem ela (...) pode brincar (...)”. (¶21)

### **Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

Daniela seleciona os objetivos de intervenção juntamente com a mãe, por ser o elemento habitualmente mais presente nas suas EBR's. Ela considera que a mãe deve referir primeiro quais são as “as áreas problemáticas” (¶22), para posteriormente, a Daniela a ajudar a “formular os objetivos funcionais” (¶22). E por fim, a mãe, deve “priorizar esses objetivos” (¶22), ou seja, colocar por ordem de prioridade de intervenção, colocar de forma a saber qual o objetivo que vai ser trabalhado em primeiro lugar e quais serão os seguintes.

Daniela tem como preocupação que os objetivos traçados “sejam mesmo funcionais, ou seja, que quem for...ãhmm trabalhar esses objetivos que, que, que tenha muito...muito definido..numa linguagem muito básica..que tenha quantas vezes vai fazer isso...em que momentos...e o que vai fazer...tudo muito claro...e de forma..ãhmm a não interferir muito na rotina dessa família...ou seja que...são momentos breves e que não vai interferir muito na vida dessa família, que não vão mudar muito as rotinas” (¶23). Ela considera “um problema mudar as rotinas...muito complicado mudar as rotinas das famílias” (¶23) e que “nem se deve” (¶23) tentar fazer isso.

Após a EBR, na implementação dos objetivos funcionais, Daniela usualmente deixa com a família “uma matriz” (¶24), “onde está lá muito bem explicado em quais os momentos, quantas vezes” (¶24) e o que “deve fazer” (¶24). Coloca habitualmente,

mas dependendo do objetivo, “por um período de tempo curto” (¶24), depois avalia “se foi realizado, se foi fácil de realizar ou não...” (¶24) “na próxima visita domiciliária” (¶24).

Quadro 11. *Síntese das Perspetivas de Daniela em Relação aos Objetivos Funcionais.*

<b>Objetivos Funcionais</b>	
<b>Seleção de objetivos</b>	“Os objetivos são selecionados (...) pela mãe (...) eu ajudo a formular os objetivos funcionais e ela depois vai priorizar esses objetivos, quais são os que a gente vai trabalhar primeiro (...) quais os que a gente vai trabalhar a seguir (...)”. (¶22)
<b>Definição de objetivos</b>	“(…) muito definido..numa linguagem muito básica..que tenha quantas vezes vai fazer isso...em que momentos...e o que vai fazer...tudo muito claro...e de forma...(…) a não interferir muito na rotina dessa família (...) momentos breves (...)”. (¶23)
<b>Implementação de objetivos</b>	“(…) geralmente deixo com a família (...) uma matriz (...) onde está lá muito bem explicado em quais os momentos, quantas vezes e quais são os objetivos funcionais que ela deve fazer...põe-se por um período de tempo curto dependendo do objetivo (...) e depois vai-se ver se esse (...) foi realizado, se foi fácil de realizar ou não (...)”. (¶24)

### **Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

O que o mais motiva a Daniela a utilizar a EBR é a possibilidade de “conhecer a criança..as rotinas da criança..fazer melhor a avaliação” (¶25).

Daniela considera que a EBR no apoio às famílias em Intervenção Precoce “tem todas as vantagens” (¶27) pois os pais/cuidadores colaboram em todo o processo e “no final acabam por participar também no crescimento da criança” (¶27), “no desenvolvimento da criança” (¶27).

Os elementos da família “vão trabalhar com a criança” (¶27), “vão ter consciência de várias situações que se passam no dia-a-dia deles que eles às vezes não se apercebem” (¶27), “vão recebendo dicas” (¶27), “falam das preocupações” (¶27). Acaba por ser “uma forma também de desabafo” (¶27).

Daniela considera que é “um momento muito importante” (¶27) e que por isso “tem de ser um momento sem pressa” (¶27), um “momento calmo em que as famílias podem falar..porque depois eles falam...falam...riem-se...dizem as coisas que eles acham graça da criança..outras vezes põem para fora as preocupações que eles têm...preocupações graves” (¶27).

As suas maiores dificuldades na implementação da EBR são: “fazer as entrevistas propriamente ditas” pois “às vezes é difícil encontrar um tempo em que a família possa..em que ela esteja disponível...”(¶26); a distância geográfica que tem entre cada caso que apoia, ainda dificulta mais o combinar com a família a realização

da EBR e a implementação; e o despendido de tempo que a EBR abarca, uma vez que por vezes é muito mais que a hora semanal de apoio, e que não se pode prolongar na hora pois é necessário esse tempo para percorrer a distância que a separa do outro caso a apoiar nesse dia. Entre alguns casos tem “sítios muito...muito distantes uns dos outros..sessenta quarenta sessenta quilómetros” (¶26) de diferença.

Daniela mesmo já tendo um curso de formação sobre a EBR considera necessário obter mais formação, “sempre” (¶28), pois como ela diz: “quanto mais a gente conhecer, quanto mais a gente souber melhor” (¶28). Ela refere que procura “ler muito sobre...sobre..muitas teses...procurar muita informação sobre as EBR’s” (¶28) pois considera que formação “parece sempre um pouco incompleta” (¶28), e as pessoas querem sempre “se aprofundar mais...saber fazer melhor” (¶28).

Ela expõe que considera muito importante ter mais formação para “saber atualizar, melhorar...fazer as coisas de uma forma mais correta” (¶28) porque muitas vezes, e por maior que seja o esforço, “há sempre um ponto” (¶28) em que se “pode melhorar alguma coisa” (¶28), “há sempre muitas dúvidas” (¶28), “muitas dúvidas sempre” (¶28) que surgem com a especificidade de cada caso, de cada entrevista.

Daniela no final da entrevista considerou importante referir que “as formações deviam estar mais disponíveis” (¶29), “deveria haver mais formação” (¶29), mesmo relativamente ao Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família, pois na sua equipa, “que é uma equipa grande” (¶29), apenas três profissionais têm esse curso. Ela considera que é fundamental e extremamente importante “haver mais formação em EBR para as equipas...deveria haver mais...um consenso maior entre as equipas em trabalhar com a EBR porque nem todas as equipas trabalham, nem todos os profissionais dentro das equipas trabalham” (¶29).

Quadro 12. *Síntese das Perspetivas de Daniela nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.*

Vantagens da Utilização da EBR	Dificuldades na Utilização da EBR
<p>“Conhecer a criança..as rotinas da criança..fazer melhor a avaliação (...).” (¶25)</p> <p>“(...) eles colaboram (...) acabam por participar também no crescimento da criança (...) no desenvolvimento da criança (...) vão recebendo dicas (...) falam das preocupações...é uma forma também de desabafo (...) põem para fora as preocupações que eles têm (...).” (¶27)</p>	<p>“Fazer as entrevistas (...) é difícil encontrar um tempo em que a família possa (...) eu faço (...) entrevistas em sítios muito (...) distantes uns dos outros (...).” (¶26)</p> <p>“(...) é muito importante a gente ter mais formação (...) há sempre muitas dúvidas (...).” (¶28)</p> <p>“(...) as formações deviam estar mais disponíveis (...) um consenso maior (...).” (¶29)</p>

### **Em síntese:**

No anexo B, apresento a sistematização e organização das perspetivas de Daniela, no que concerne ao sistema de categorias que, juntamente com a minha orientadora desenvolvi para este estudo, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR e Dificuldades na Utilização da EBR.

### **Eva: “...a EBR ajuda-nos a ir mesmo ao essencial....”**

Eva tem 46 anos, é Educadora de Infância e trabalha na ELI há 8 anos. Sempre tentou ao longo destes anos enriquecer a sua formação de base, tirou Mestrado em Educação Especial – Multideficiência e Problemas de Cognição, e realizou, entre outros, o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família.

Abordei-a num primeiro momento no dia 25 de Novembro de 2013, após uma reunião de Supervisão em Braga, em que juntamente com a minha orientadora expus o estudo, de uma forma sucinta, e convidei os presentes a participar no mesmo, uma vez que correspondiam às características que se pretendia. Pedi para que quem estivesse interessado em participar me desse o seu contato, correio eletrónico ou telefone/telemóvel, e então dessa forma, eu poderia entrar em contato para combinar pormenores da entrevista, como dia, hora e local da realização, e esclarecer eventuais dúvidas.

Eva disponibilizou-se desde logo a participar e deixou comigo o seu número de telemóvel. Marcámos o nosso encontro para realização da entrevista passado algum tempo depois dessa data, através de chamada telefónica, para o dia 27 de Janeiro de 2014, na Universidade do Minho, após uma reunião de supervisão que ela tinha nesse dia. A entrevista foi realizada no período da tarde, por volta das 14h e teve uma duração de 36 minutos.

Eva, pelo que pude sentir em pouco tempo de contato, é uma pessoa simpática e prestável. Realizou comigo a entrevista sempre sorridente, com um à vontade normal de quem está segura e feliz com o seu trabalho. E apesar de ter sido a entrevista que demorou mais tempo, considerámos que foi um momento agradável desde o início até ao fim, em que não se deu conta do tempo passar, fluir.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

Eva começa a entrevista por referir que não faz a planificação com a família da avaliação com a EBR, pois habitualmente “a EBR começa muitas vezes por ser iniciada” (¶1) quando a sua equipa faz “o primeiro acolhimento” (¶1). Nesse primeiro encontro com as famílias “elas já respondem a algumas questões e depois na continuidade” (¶1) “dos apoios com o gestor de caso” (¶1) aprofundam “um bocadinho a...pronto no fundo essa EBR sabendo quais as maiores dificuldades que as famílias têm...o que é que as crianças conseguem o que é que não conseguem...” (¶1).

Eva considera que a EBR na sua ELI acaba por ser um processo contínuo, não se resume a um só dia, ou seja, as questões da EBR vão sendo abordadas desde o primeiro acolhimento pelos encontros seguintes de apoio.

Eva para o desenrolar da entrevista utiliza “questões introdutórias” (¶2), geralmente “baseadas nas rotinas da criança” (¶2), começa por perguntar desde “o levantar” (¶2), as “refeições..como é que se processa” (¶2), “as saídas” (¶2), “o vestir..tudo o que envolve a rotina da criança” (¶2). Por exemplo quando a criança “se levanta..se corre tudo bem...na hora da refeição como é que se processa..se consegue comer se não consegue o que é que utilizam...”, “na hora do banho como é que corre...quais as dificuldades que os pais sentem...”. Em que as questões estão sempre “dependendo também depois muito da...da..da dificuldade da criança”.

Eva refere que no decorrer da conversa sobre os momentos de rotina por vezes “basta dar uma ótima dica” (¶3) aos pais para eles desenvolverem a conversa. Por vezes, até para começarem “a falar doutras coisas” (¶3), fugirem um pouco do assunto da conversa contando outros pormenores do dia-a-dia deles, saltando para outros momentos da rotina. O importante é ir sempre “registando” (¶3) o que considera “essencial” (¶3) e que pode posteriormente ajudar para que o apoio seja o “melhor em função da criança” (¶3).

Eva refere que coloca estas questões no sentido de posteriormente saber “como..dar resposta às dificuldades que as famílias têm em relação às crianças” (¶2).

Eva considera que atribui importância a cada membro da família no momento da avaliação das rotinas, refere que qualquer elemento envolvido no dia-a-dia da criança pode fazer a EBR, quer seja por exemplo: “a avó” (¶4), “uma tia” (¶4). Para Eva “todos os elementos da família são fundamentais” (¶4), “uma vez que ao perceber quem está à volta da criança” (¶4) e como se processa o seu dia-a-dia melhor a poderá apoiar.

O que acontece “muitas vezes” (¶4) a Eva é que depois no momento de avaliação com a EBR “todos querem falar” (¶4). Consequentemente por vezes acabam discordar. Nestas situações acaba por dizer, por exemplo: “também é importante o que a avó disse mas pronto então vamos por partes então a mãe diz o que tem a dizer e depois a avó também fala...também tem o direito” (¶4), tentando assim “valorizar toda a gente para poder...captar o máximo de informação no sentido depois de perceber o funcionamento da família” (¶4) para poder “ajudá-los” (¶4).

Relativamente às rotinas “que as famílias nomeiam com bastante frequência” (¶5) Eva considera ser, “a hora da refeição” (¶5) principalmente, mas no geral “tudo o que envolve a autonomia” (¶5). Em crianças com pouca idade, mais pequenas, Eva considera que “os pais preocupam-se muito que eles aprendam a comer bem aprendam a andar” (¶5), que “comecem a fazer as coisas sozinhos” (¶5), em contrapartida, nas crianças mais crescidas os pais começam a preocupar-se mais com a entrada na escola, “com a parte mais académica” (¶5) da criança.

Eva para que a família saiba que está interessada no que lhe estão a transmitir tenta ser o mais simples possível e o mais verdadeira possível; e “à medida que os pais vão falando acerca dos problemas” (¶6) tenta “abrir caminhos” (¶6) e dar “estratégias simples” (¶6), como por exemplo: “olhe se fizer assim...” (¶6), “experimente...” (¶6), ou seja, dar “algumas dicas para que as famílias comecem a experimentar em casa” (¶6).

Eva dá um exemplo: “para desenvolver a linguagem há muitos pais: “ah eu estou cansado..” (¶6), “chego a casa quero é que ele esteja sossegado ali a brincar...” (¶6). E Eva tenta incentivá-los: “olhe mas converse com ele, pergunte, fale...se ele estiver a brincar com um livro ou um brinquedo falar daquilo que ele tá...ou às vezes eles querem ajudar não é? a mãe na cozinha..tente conversar com ele...” (¶6) e posteriormente nas visitas posteriores tenta saber, por exemplo, de encontro ao exemplo anterior: “então como é que correu? tem falado mais com a...como é que tem corrido? ele já tem...tem estado mais atento?” (¶6).

Eva tenta ir “ao encontro da família” (¶6), por exemplo se for “uma família já bem informada” (¶6) com as pesquisas que faz em equipa tenta dar “coisas manuscritas mandar por email” (¶6), “se for uma família mais humilde que não tem às vezes nem computador” (¶6) tenta “através das conversas” (¶6) ajudar “da melhor forma...arranjar brinquedos ou coisas” (¶6) que considera “que vão ao encontro da criança” (¶6).

Eva refere que no decorrer da conversa sobre a rotina também questiona a família sobre o seu nível de satisfação em cada momento, depois de perguntar “como

corre a rotina” (¶7) tem “uma classificação para os pais refletirem acerca daquilo que dizem...como é que eles classificam aquela rotina” (¶7) “de um a cinco” (¶7).

Eva considera que na equipa tentam “ser o máximo diretas” (¶7), por exemplo: “agora dependendo de tudo aquilo que explicou agora gostava que avaliasse fizesse a auto avaliação daquilo que disse...” (¶7). Considera que resulta bem desta forma, que os pais “têm percebido muito bem” (¶7) e quando têm a noção de como corre a rotina, classificam-na de acordo com o pretendido. Isso ajuda Eva e a equipa a direcionar posteriormente a atenção “mais para uma rotina ou outra” (¶7).

Eva refere que o tempo que gasta, habitualmente, na realização de uma EBR é “um bocadinho relativo” (¶8), “geralmente é por volta de uma hora e meia” (¶8), “duas” (¶8) horas, mas pode demorar mais tempo, “depende muito dos pais” (¶8), se falam muito, ou se “são mais precisos, respondem rápido e não prolongam as conversas” (¶8), ou se está muita gente a participar na entrevista, ou se se perde tempo a dar atenção também à criança.

Quanto aos profissionais envolvidos na implementação da entrevista Eva refere que geralmente são “três” (¶9), mas “já houve momentos em que estiveram quatro” (¶9) e em que estiveram “dois” (¶9).

Os profissionais que fazem a EBR com a família, segundo Eva, são escolhidos geralmente logo quando recebem “a sinalização da criança” (¶10), pois “muitas vezes ao analisar aquele pequeno processo” (¶10) já lhes “indica” (¶10), “dá orientações” (¶10), que sugerem o que o menino vai precisar mais em termos de apoio.

Eva dá como exemplo: a equipa observa/avalia a criança e considera que: “vai precisar de TF” (¶10) ou através das “indicações da educadora por exemplo ou relatórios médicos que tenham” (¶10), por isso fica a TF encarregue do caso. Se for um caso que seja social, dependendo daquilo que a equipa verifica, aquilo que o processo já apresenta, a equipa pensa: “olha se calhar seria melhor estar a assistente social” (¶10). Se por exemplo a criança está numa determinada zona” (¶10), fica, se possível, para o gestor encarregue dessa zona. Ou no caso de estar num jardim-de-infância em que já é outra criança acompanhada, quem está encarregue dessa criança fica com a nova, se possível. Ou seja, vão tentando em equipa ajustar-se às crianças, vendo o melhor para cada criança e o mais acessível para a equipa. Cruzando em equipa informações e tentando sempre que haja dúvidas procurar outro elemento da equipa que possa ajudar ou estar mais direcionado para determinada área problemática da criança.

Quadro 13. *Síntese das Perspetivas de Eva no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.*

<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	
<b>Planificação da avaliação com a EBR</b>	“(…) levamos já questões preparadas (….) no formulário…mas não mostramos antecipadamente as questões que vamos fazer (….) a EBR começa (….) quando fazemos o primeiro acolhimento…já respondem a algumas questões e depois na continuidade (….) dos apoios (….) vamos aprofundando (….) essa EBR sabendo quais as maiores dificuldades que as famílias têm…o que é que as crianças conseguem o que é que não conseguem (….)”. (¶1)
<b>Desenrolar da entrevista</b>	“(…) as questões introdutórias geralmente (….) são baseadas nas rotinas da criança…começamos por perguntar (..) desde o levantar (….) como é que se processa (….) tudo o que envolve a rotina da criança (….)”. (¶2)
<b>Procedimentos utilizados para compreender momentos de rotina</b>	“(…) como é que corre (….) se corre tudo bem (….) o que é que utilizam (….) quais as dificuldades que os pais sentem…e os pais vão desenvolvendo as conversas…às vezes basta dar uma ótima dica para eles depois começarem (….) a falar doutras coisas (….) vamos (….) registando o que nós achamos essencial (….)”. (¶3)
<b>Importância da participação da família na EBR</b>	“(…) todos os elementos da família são fundamentais (….) percebermos o que está a volta da criança para a ajudarmos (….) tentamos valorizar toda a gente para poder…captar o máximo de informação (….)”. (¶4)
<b>Rotinas abordadas</b>	“(…) a hora da refeição…eu acho que nomeiam com bastante frequência (….) tudo o que envolve a autonomia (….)”. (¶5)
<b>Estratégias e atitudes utilizadas</b>	“(…) tentamos ser o mais (….) simples possíveis e (….) o mais verdadeiro (….) á medida que os pais vão falando acerca dos problemas tentamos abrir caminhos (….) dar estratégias (….) para que as famílias comecem a experimentar em casa (….) e depois nas outras visitas que tenhamos perguntamos…”então como é que correu?”. (¶6)
<b>Avaliação nível satisfação</b>	“(…) depois de perguntarmos como corre a rotina temos (….) uma classificação para os pais (….) de um a cinco (….) ajuda a nós nos direcionarmos mais para uma rotina ou outra. (….) tentamos ser o máximo diretas (….) “gostava que avaliasse fizesse a auto avaliação daquilo que disse” (….)”. (¶7)
<b>Tempo gasto realização EBR</b>	“(…) geralmente é por volta de uma hora e meia..às vezes pode ser duas (….) depende muito dos pais…às vezes são mais precisos, respondem rápido (….) às vezes (….) pode-se prolongar por duas horas…duas horas e meia (….)”. (¶8)
<b>Profissionais envolvidos na EBR</b>	“(…) geralmente são dois/três que costumamos estar”. (¶9) “(…) quando recebemos a sinalização da criança (….) já nos indica…já nos dá orientações..”olha esta menino acho que se calhar vai precisar de (….) centralizar por exemplo uma zona vai este gestor”. (¶10)

### **Participação da Família na EBR:**

Eva considera que em relação à forma como reagem habitualmente as famílias perante a EBR não tem uma opinião certa de bem ou mal. Refere que “depende” (¶11), já teve situações em casos sociais que acharam que os elementos da equipa eram “da segurança social” (¶11) e que lhes iam “retirar as crianças” (¶11). Outras famílias que apareceram confusas, “de pé atrás” (¶11), preocupadas, que dizem: “mas porque é que eu estou aqui?” (¶11), “eu não sei mandaram me vir aqui….” (¶11), famílias que “nunca ouviram falar” (¶11) de IP. Por isso a equipa, no primeiro acolhimento, procura sempre explicar às famílias como funciona e que o “objetivo é ajudar” (¶11) “simplesmente” (¶11).

Eva refere que o elemento da família que mais frequentemente participa na EBR é “a mãe” (¶12). Algumas vezes aparece “o casal” (¶12), outras vezes “a avó, o tio, a madrinha” (¶12), “quem está em casa” (¶12) naquele dia/hora, mas maioritariamente a mãe.

Em relação aos locais ou contextos em que Eva faz habitualmente a avaliação com a EBR, como inicia esse processo “quando se faz o primeiro acolhimento” (¶13) geralmente é “nos domicílios” (¶13). Contudo, depende sempre da vontade da família, a equipa deixa que seja a família a escolher um sítio da sua preferência, de forma a se sentir bem, confortável. A família pode sempre escolher ser em casa, “no centro de saúde, pode ser no jardim de infância, na creche..como preferir” (¶13)

Eva considera que a família para a equipa “está acima de tudo” (¶14), que “tudo o que a família diz e prefere em relação à criança” (¶14) é ouvido e respeitado. A equipa tenta sempre ir “por aquilo que a família quer” (¶14), “ir o máximo ao encontro da família” (¶14) e das suas “dificuldades” (¶14).

Eva considera que a EBR “é um instrumento” (¶15) que ajuda a equipa “a explicar...e a saber..a perceber..o funcionamento da criança...” (¶15). Com ele percebe “as dificuldades” (¶15) da criança “ao nível das funções do corpo..explicado pela mãe ainda que tenha alguns relatórios” (¶15), percebe “qual é a funcionalidade...como é que a criança funciona” (¶15) verdadeiramente. Um instrumento “necessário” (¶15) para ir de “encontro às necessidades e dificuldades” (¶15) que a criança tem. No ponto de vista de EVA “um instrumento excelente” (¶15), “mais fidedigno no fundo” (¶15), “muito bom” (¶15).

Quadro 14. *Síntese das Perspetivas de Eva na Participação da Família na EBR.*

<b>Participação da Família na EBR</b>	
<b>Reações das famílias</b>	“(…) uma vez por outra ficam de pé atrás mas...desde que nós expliquemos eles ficam a perceber”. (¶11)
<b>Elementos da família que participam</b>	“Geralmente é a mãe (...) quem está participa (...)”. (¶12)
<b>Locais ou contextos da avaliação com a EBR</b>	“(…) geralmente é (...) nos domicílios. Outras vezes (...) depende também (...) daquilo que as famílias querem (...)”. (¶13)
<b>Estratégias que potenciam o envolvimento da família</b>	“(…) a família para nós está acima de tudo (...) é sempre por aquilo que a família quer e pelas dificuldades que nós tentamos ir o máximo ao encontro da família isso é indiscutível”. (¶14)
<b>Informação obtida com a EBR</b>	“(…) perceber..o funcionamento da criança (...) as dificuldades (...) como é que a criança funciona (...) que é o (...) necessário para irmos de encontro às necessidades e dificuldades que ela tem (...)”. (¶15)

### **Identificação de prioridades e recursos da família:**

Eva refere fazer “sempre” (¶17) a identificação das redes de apoio e recursos da família. Utiliza para fazer essa identificação o “Ecomapa” (¶17). Isto permite “perceber quem é que está à volta” (¶17) da criança, e “que outros recursos” (¶17) a equipa lhe pode “facilitar” (¶17) para que tenha o “mais sucesso possível” (¶17).

O Ecomapa também “é sempre uma das primeiras” coisas que a equipa de Eva faz, por isso acontece usualmente “na reunião..de acolhimento” (¶17).

Eva refere que aquando da aplicação da EBR faz a identificação das prioridades da família. Considera que ao longo da entrevista consegue aperceber-se das “prioridades” (¶16) da família, das maiores “necessidades e dificuldades” (¶16). Eva julga “muito relevante essa avaliação” (¶16) porque posteriormente “ajuda a..a organizar estratégias...as melhores estratégias para ir ao encontro das dificuldades” (¶16).

Eva considera a identificação das prioridades e recursos da família importantes para o processo de apoio. Ao conhecer “as..dificuldades que as famílias têm” (¶18) a equipa pode ajudá-las “com muito maior facilidade” (¶18). De acordo com os recursos que a família tem, e procurando novos na comunidade que vão de encontro às necessidades da criança, “em colaboração com a família” (¶18), a equipa pode dar “o maior suporte possível” (¶18), ajudar “ao máximo” (¶18), nas dificuldades que a criança tem, contando com o empenho da família e de todos os recursos envolvidos.

Quadro 15. *Síntese das Perspetivas de Eva na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.*

<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	
<b>Identificação das redes de apoio e dos recursos da família</b>	“(...) sim (...) para perceber quem é que está á volta (...) da criança..e que outros recursos lhe podemos facilitar (...) mais sucesso possível (...) fazemos (...) na reunião..de acolhimento (...)”. (¶17)
<b>Identificação de prioridades da família</b>	“(...) fazemos a prioridade no fundo ao avaliar (...) já estamos a ver quais as prioridades delas..quais as maiores (...) necessidades e dificuldades (...)”. (¶16)
<b>Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos</b>	“(...) fazemos sempre..um ecomapa (...)”. (¶17)
<b>Relevância da identificação prioridades e recursos</b>	“(...) ajuda a..a organizar (...) as melhores estratégias para ir ao encontro das dificuldades (...)”. (¶16) “(...) podemos (...) arranjar o máximo de estratégias (...) com a mãe, também colabora que é para depois dar continuidade (...) é muito em colaboração com a família...dar-lhe o maior suporte possível (...)”. (¶18)

## **Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

Eva não deu uma resposta concreta sobre como avalia os níveis de envolvimento da criança nos momentos de rotina. Refere que ao longo das visitas domiciliárias procura desenvolver na criança aspetos que foram considerados como necessidades e dificuldades e posteriormente como prioridades de intervenção, dá dicas/estratégias à família, a quem está mais presente no momento da rotina que quer trabalhar e vai avaliando esse trabalho nas visitas seguintes, se a criança já faz ou não, se já atingiu o objetivo, se não se registarem progressos volta a dar dicas/estratégias, incentivando a família.

Eva dá um exemplo de uma visita domiciliária que fez em que pretendia trabalhar com a criança “o levantar..como agarrar” (¶19), deixou “algumas estratégias à família” (¶19) e perguntou quem estaria ou poderia estar presente: “olhe experimente isto quando...quem é que costuma estar? ai é a madrinha?...a madrinha vem cá?...então e a madrinha ela mora longe?” (¶19) e a família: “não ela mora mesmo aqui” (¶19), e Eva: “então e ela pode vir cá?” (¶19), e a família: “ela passa muito tempo com ele...” (¶19), Eva: “então ela que venha cá” (¶19), a madrinha apareceu e fez com Eva o treino do “levantar” (¶19) e do “sentar” (¶19). Na sessão seguinte Eva perguntou: “então? ele já conseguiu? ele já se senta?” (¶19), e a família: ai Eva “já experimentei fazer isto fazer aquilo..” (¶19), e Eva: “muito bem e então como é que correu?” (¶19).

Eva vai tentando perceber o que a família fez, o que a criança já consegue ou não fazer e dá o feedback à família.

Eva tenta “dar confiança” á família, “valorizar” (¶19) o seu trabalho, empenho e esforço. Considera que “tem corrido muito bem” (¶19) o seu trabalho com as famílias e que “elas sentem apoio” (¶19), que confiam e se sentem bem, confortáveis e à vontade para contar como fizeram e como correu tentar trabalhar as dicas/estratégias que Eva deu com a criança.

Em relação à autonomia da criança nos momentos de rotina, Eva também não respondeu de uma forma concreta à questão, apenas referiu valorizar muito a autonomia da criança e que tenta dar dicas às famílias para que percebam que “é fundamental” (¶20) as crianças fazerem “as coisas” (¶20) sozinhas, deixarem que sejam as crianças a fazer sozinhas “as coisas” (¶20) que já conseguem.

Acerca das relações sociais da criança nos momentos de rotina Eva refere ser como respondeu nas duas questões anteriores, questiona os pais sobre o que fazem

com a criança nos momentos da rotina em relação a esta área, e dá dicas/estratégias de forma a tornar mais proficiente o momento da rotina para a criança em termos de desenvolvimento e aprendizagem.

Eva dá um exemplo de uma família que apoia em que questionou: “então como é que tem brincado com ele?” (¶21) e a família respondeu: “ah eu chego tarde a casa cansada tenho tanto que fazer e ele está ali a brincar...eu só quero que ele esteja ali a brincar..que não me chateie muito...” (¶21). E Eva continua: “pois mas olhe pode aproveitar...às vezes não é preciso estar sempre com...aproveite os momentos..por exemplo no banho” (¶21) pergunte “então e onde está a barriga? e não sei quê..e atirar com água e brincar...pronto pode aproveitar os momentos de...cantar por exemplo quando eles estão a comer estar ali ao pé deles brincar cantar uma canção com eles conversar..” (¶21). Eva tenta que as famílias percebam que podem aproveitar “todas as rotinas do dia-a-dia” (¶21) “para interagir” (¶21) com as crianças de forma a promover o desenvolvimento e a aprendizagem.

As respostas de Eva em relação à identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia) não foram claras, não dando a entender ao certo se percebeu a questão geral ou se realmente a avaliação que faz depende posteriormente da intervenção com a criança e não do que os pais relatam durante a descrição dos momentos de rotina.

Quadro 16. *Síntese das Perspetivas de Eva na Identificação das Competências da Criança.*

<b>Identificação das Competências da Criança</b>	
<b>Avaliação dos níveis de envolvimento da criança</b>	“(...) deixamos algumas estratégias á família “olhe experimente isto quando...” (...) no fundo é sempre falar daquilo que aconteceu para ver...e depois tentarmos arranjar mais estratégias dependendo daquilo que ele faz que não faz...ajudá-las nesse sentido”. (¶19)
<b>Avaliação dos níveis de autonomia da criança</b>	“(...) tento também dar essa (...) dica às famílias que é fundamental (...) que eles comecem sozinhos (...) a fazer as coisas (...) tento sempre valorizar muito”. (¶20)
<b>Avaliação das relações sociais da criança</b>	“(...) eu muitas vezes pergunto “então como é que tem brincado com ele? tem estado...” (...). (¶21)

### **Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

Em relação aos objetivos de intervenção Eva refere que tenta “que sejam poucos se bem que muitas vezes isso não funciona” (¶22), e acaba por colocar “objetivos a mais” (¶22). Eva considera que a equipa se devia “cingir por três ou quatro objetivos” (¶22) porque depois torna-se “mais difícil de avaliar quando são muitos

objetivos” (¶22), e há a necessidade de pôr “uma margem maior” (¶22) de tempo em meses para serem atingidos.

Eva refere que tenta definir objetivos funcionais, pois ainda não os faz como deveria. Considera que “um objetivo funcional é um objetivo muito preciso” (¶23), que vai ao encontro de uma determinada “dificuldade” (¶23), e que sabe á partida que irá ser atingido num curto espaço de tempo.

Considera que por vezes a equipa define “os objetivos funcionais outras vezes menos funcionais” (¶23), contudo tem a perfeita noção de que “todos eles deveriam ser funcionais” (¶23). Considera que sabem bem “a teoria” (¶23) mas por vezes é difícil “pô-la em prática” (¶23). Mas no fundo tentam sempre que sejam o mais funcionais possível.

Eva refere também que como o seu trabalho passa “principalmente no domicílio perto das famílias” (¶23), consegue falar “frequentemente” (¶23) com elas, e por vezes deixa de estar “tão atenta” (¶23) ao “que está no papel” (¶23), no processo. Contudo, nunca descarta de ir dando dicas à família para saberem o que fazer “no dia-a-dia” (¶23).

Após a EBR, segundo Eva, “os objetivos funcionais” (¶24) “são descritos num plano” (¶24) “e são entregues à família” (¶24). Quando a equipa faz a visita domiciliária tenta “pôr um bocadinho em prática aquilo que está lá...para a família poder dar continuidade...família ou a educadora” (¶24). Segundo Eva “depende um bocadinho do contexto em que a criança está...se bem que mesmo estando num contexto de creche a família em casa também poderá dar continuidade” (¶24). Eva explica à família o que é pretendido e depois fica sempre muito atenta, sempre muito perto da família, perguntando como está a correr o dia-a-dia e a implementação dos objetivos funcionais e dando dicas/estratégias.

Quadro 17. *Síntese das Perspetivas de Eva em Relação aos Objetivos Funcionais.*

<b>Objetivos Funcionais</b>	
<b>Seleção de objetivos</b>	“(...) que sejam poucos (...) vou avaliando (...) vamos ver se ele já consegue fazer e coloco a data (...) se ele consegue fazer (...)”. (¶22)
<b>Definição de objetivos</b>	“(...) objetivo funcional é (...) muito preciso que vá ao encontro daquela dificuldade (...) que ele vai conseguir daqui a um mês (...) às vezes fazemos os objetivos funcionais outras vezes menos funcionais se bem que eu acho que todos eles deveriam ser funcionais (...)”. (¶23)
<b>Implementação de objetivos</b>	“(...) após a EBR os objetivos funcionais (...) são descritos (...) num plano (...) e são entregues à família (...) e são explicados (...) quando estamos com a criança tentamos (...) por um bocadinho em prática aquilo que está lá...para a família poder dar continuidade (...) estando muito atento sempre (...) como é que correu (...)”. (¶24)

## **Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

O que motiva Eva a utilizar a EBR é o facto de a considerar perfeita ao ir de encontro às famílias. A EBR ajuda “a perceber como é que a família funciona” (¶25) e a saber “quais as dificuldades” (¶25) que esta tem. Considera que “é a entrevista indicada” (¶25) para a equipa de IP perceber “as rotinas” (¶25), “perceber a funcionalidade da família da criança de tudo o que está ali em volta” (¶25), perceber o que “pode precisar a criança mas também pode precisar a família” (¶25), que as necessidades não são muitas vezes só da criança. Permite o envolvimento da família, e através desta conversa a equipa fica a saber “muitas coisas tanto da criança como problemas da família” (¶25), a perceber “como é que funciona” (¶25) e como a equipa “ajudar” (¶25) em “diversos sentidos” (¶25).

Eva dá um exemplo de um caso seu: [“eu lembro-me ainda aqui há pouco tempo fui a um domicílio e que eu estava lá quase às escuras e não via quase nada e eu a certa...tava escuro não é? tava a chover e a sala é muito escura e...e eu quase já não via a criança tava muito escuro e eu a certa altura eu disse...ó dona “Rita” pode acender a luz só um bocadinho está a ver-se um bocadinho mal ou então se abrimos aqui a cortina...e ela “ah! tá bem Eva tá bem eu vou acender...” e acendeu a luz e chegou o marido e disse “quem é que acendeu a luz? da sala?” e eu percebi não é? que ali...que eles tinham que poupar...que não queriam...tinham de poupar ao máximo para não gastar energia...”] (¶25).

Por vezes os problemas da família passam por coisas fundamentais, como por exemplo o “dinheiro” (¶25), a falta dele para coisas básicas do dia-a-dia, entre outros, que escapam num outro tipo de avaliação.

Eva refere que as maiores dificuldades que sente na implementação da EBR são: ao “registar” (¶26) a informação, porque envolve-se de tal forma na conversa que fica difícil fazer o registo, contudo também refere que se estiverem “dois ou três” (¶26) profissionais já é mais fácil pois “um regista outro está a falar e não há problema” (¶26); e quando encontra uma família que é “um bocadinho mais desconfiada” (¶26), e que fica a pensar, de pé atrás, sobre o que é a equipa, o que representa, e o porquê de ir a sua casa.

Eva refere que, fora estes dois pormenores, tudo “tem corrido muito bem com as famílias” (¶26), elas “têm colaborado muito bem” (¶26). O segredo também está em

explicar sempre às famílias o porquê de estar lá, e o que se pretende fazer, e elas acabam por perceber que a equipa só quer “ajudar” (¶26).

Eva atribui vantagens à utilização da EBR no apoio às famílias em Intervenção Precoce, refere que sente que ao longo da nossa conversa já as foi realçando, mas essencialmente é “perceber” (¶27) aquilo que as famílias “fazem ou como é que correm as rotinas em casa” (¶27) para depois em termos de apoio “poder ir ao essencial” (¶27) e não se perder “em coisas se calhar supérfluas” (¶27). No caso dela, como é educadora, refere ter sido até há bem pouco tempo, antes de utilizar a EBR, uma seguidora essencialmente da sua área, para isso via que a criança deveria em termos de apoio ter como objetivos saber por exemplo: “as cores as formas” (¶27), ou seja, apenas “a parte académica” (¶27) e hoje em dia percebe que existem muitas mais coisas e talvez “muito mais fundamentais para ajudar as crianças” (¶27).

Eva considera necessário obter mais formação que lhe permita melhorar a sua utilização com as famílias que atende na sua ELI, segundo ela, “é sempre fundamental” (¶28) estar “em formação e principalmente discutir casos” (¶28), conhecer a “forma” (¶28) como outro “técnico funciona” (¶28) numa determinada situação, refletir acerca daquilo que foi feito, conhecer novas formas de atuar, porque assim todos estão “constantemente a aprender” (¶28) e a melhorar a sua prática.

No final Eva considerou importante referir que considera “fundamental” (¶29) haver “pessoas que investiguem acerca da intervenção precoce” (¶29) para que quem está na área possa melhorar a sua prática. Diz também que gostaria que houvesse “mais formações” (¶29) especificamente relacionadas com a IP, pois “é muito difícil de encontrar” (¶29).

Quadro 18. *Síntese das Perspetivas de Eva nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.*

<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>	<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>
<p>“(…) vai ao encontro das famílias (…) ajuda-nos a perceber como é que a família funciona (…) e quais as dificuldades que tem (…) ficamos a saber (…) muitas coisas tanto da criança como problemas da família (…) podemos ajudar em (…) diversos sentidos (…)”. (¶25)</p> <p>“(…) a EBR ajuda-nos a ir mesmo ao essencial (…)”. (¶27)</p>	<p>“(…) tentar registar (…) aquelas famílias (…) um bocadinho mais desconfiadas (…)”. (¶26)</p> <p>“(…) preciso de aprender mais (…) a formação para discussão sempre em aprendizagem é fundamental ligada á intervenção precoce...sem dúvida”. (¶28)</p> <p>“(…) eu acho que é fundamental pessoas que investiguem acerca da intervenção precoce para melhorarmos mais (…) a parte prática (…) eu gostava é que houvesse mais formações nesta área (…) em específico da IP é muito difícil de encontrar (…)”. (¶29)</p>

### **Em síntese:**

No anexo C, apresento a sistematização e organização das perspetivas de Eva, no que concerne ao sistema de categorias que, juntamente com a minha orientadora desenvolvi para este estudo, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR e Dificuldades na Utilização da EBR.

**Helena: “Eu acho que a EBR é um instrumento que todos os profissionais de IP deviam conhecer (...) eu acho que sobretudo nas situações de crianças mais pequenas e em situações mais graves é extremamente útil, até porque nos permite recolher um conjunto de...de informações que não são só da nossa área...e para quem está a trabalhar no modelo...”.**

Helena tem 36 anos, é Terapeuta da Fala, tirou um Mestrado em Educação Especial: Especialização em Dificuldades de Aprendizagem Específicas, e trabalha na ELI há 15 anos. Realizou, de forma a completar a sua formação, entre outros, o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família.

Abordei-a num primeiro momento no dia 25 de Novembro de 2013, da mesma forma que à Daniela, após uma reunião de Supervisão em Braga. Juntamente com a minha orientadora expus o estudo, de uma forma sucinta, e convidei os presentes a participar no mesmo, uma vez que correspondiam às características que se pretendia. Pedi que quem estivesse interessado em participar me desse o seu contato, correio eletrónico ou telefone/telemóvel, e então dessa forma, eu poderia entrar em contato para combinar pormenores da entrevista, como dia, hora e local da realização, e esclarecer eventuais dúvidas que surgissem.

Helena disponibilizou-se a participar e deixou comigo o seu correio eletrónico. Ficou também encarregue de passar a informação às suas colegas de equipa, para que caso alguém ficasse interessado pudesse também participar no mesmo dia em que ela realizaria a entrevista, e ficou ainda de me avisar caso houvesse interessados, para eu entrar em contato.

Marcámos o nosso encontro algum tempo depois dessa data, através de mensagem por mail, para o dia 3 de Fevereiro de 2014, na sede da sua ELI, após uma reunião que ela tinha nesse dia. A entrevista foi realizada no período da tarde, por volta das 15 horas e teve uma duração de 21 minutos.

Helena, pelo que pude sentir em pouco tempo de contato, é uma pessoa simpática e uma pessoa muito comunicativa. Apesar do pouco tempo que tinha disponível prontamente se disponibilizou a participar e a dar o seu contributo a este estudo.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

Helena começa por planificar com a família a avaliação com a EBR, combinando o dia em que se vai realizar, “para a família já estar preparada” (¶1) para o que vai ser feito nesse dia e para poder arranjar, “se for possível” (¶1), alguém para “ficar com o miúdo para não estar...porque vai ser uma conversa mais entre adultos” (¶1). Isto, segundo ela, permite-lhes “estar um bocadinho mais a vontade” (¶1).

Helena explica à família “um bocadinho as perguntas” (¶1) que vão fazer “e o porquê...quais são as vantagens” (¶1), em que medida essas questões os podem ajudar, que informações vão poder “tirar da EBR” (¶1).

No dia da entrevista, Helena tenta “seguir dentro do possível as indicações que vêm na EBR” (¶2). Volta “a explicar à família o porquê de estar a ir a perguntas um bocadinho diferentes se calhar daquilo que eles estariam à espera que uma Terapeuta da Fala lhe perguntasse” (¶2), o porquê dessas questões, o porquê de “quero saber tanto acerca do dia deles e do...das rotinas” (¶2), de querer saber “como se passa o tempo deles em família no fundo” (¶2).

O tipo de perguntas, procedimentos e estratégias que utiliza para compreender os momentos de rotinas da família e o seu funcionamento “depende depois um bocado do desenrolar da conversa com as famílias” (¶3). Helena refere que tenta seguir “um bocadinho o protocolo” (¶3) pois “nem sempre é possível seguir à risca” (¶3). “Á medida que uma família se abre mais ou se abre menos” (¶3) Helena tenta “ir aprofundando outros...outros caminhos e obter outras informações” (¶3) que “possam parecer pertinentes” (¶3) e que “possam parecer úteis” (¶3), mas “varia um bocado de família para família de entrevista para entrevista...nenhuma família é igual” (¶3), e devido a isso acaba por “conduzir as coisas de forma diferente” (¶3).

Considera que atribui importância a cada membro da família no momento da avaliação das rotinas. Normalmente pede para, se for possível, “estar o pai e mãe” (¶4), julga isso importante, contudo claro “muitas vezes acontece o pai não pode a mãe não pode por isto ou por aquilo e acaba normalmente por ser só um dos progenitores a estar” (¶4).

Helena tenta “também saber o que acontece com os outros filhos ou com o resto da família...quais são as preocupações” (¶4), pois há sempre outras preocupações fora do seio familiar e mesmo dentro do seio familiar que não têm a ver com a criança em causa, como ter de cuidar da “mãe que está sozinha” (¶4) ou “outro filho que também precisa de ajuda” (¶4). E por isso é importante segundo Helena perceber “realmente qual é o papel de cada elemento da família” (¶4) e “a preocupação que os pais têm não só com o filho” (¶4) que se está a apoiar “mas também com tudo...todas as pessoas que estão à volta” (¶4).

Helena alude que normalmente vai conduzindo as famílias para as rotinas que elas devem descrever, seguindo o guião da EBR, contudo, aquelas que ela sente que são mais abordadas pelas famílias normalmente são: “o acordar...as refeições...são...são as saídas” (¶5), “a ida para a escola...o resto da escola”, o normal do dia-a-dia, “nada de especial” (¶5).

No final da descrição de cada momento da rotina, Helena questiona a família sobre o seu nível de satisfação, normalmente perguntando apenas “qual é o grau de satisfação” (¶7) apresentando a escala de zero a cinco, pois expõe que até hoje ainda não precisou “de utilizar uma estratégia muito específica” (¶7) pois normalmente as famílias com quem tem trabalhado “conseguem perceber perfeitamente qual é a...portanto qual é a cotação” (¶7), “qual é a dentro do pouco satisfeito ou nada satisfeito e o satisfeito” (¶7), não sentindo a necessidade de “recorrer a nenhum tipo de pistas ou estratégias assim mais...mais informais” (¶7).

Helena procura no decorrer da entrevista “ouvir” (¶6) as famílias, “deixá-las falar” (¶6), e “colocar questões sobre aquilo que eles estão a dizer” (¶6). Tenta mostrar-lhes em que medida aquilo os “vai ajudar” (¶6), uma vez que, se a família “está a levantar uma preocupação” (¶6) e a equipa consegue ajudar, se a família “está no momento a falar de uma coisa” (¶6) e a equipa consegue mostrar que é um aspeto “muito importante” (¶6), a partir do qual vão trabalhar, arranjando estratégias, “tentar então fazer assim, assim, assim” (¶6)/modificar a situação ou “tentar aproveitar essa situação” (¶6), a família “começa a perceber para quê que serve então esta entrevista” (¶6), porque é que está a ser utilizada, porque é que para a equipa “é importante saber aquilo” (¶6).

Refere que habitualmente, na realização de uma EBR, o tempo que gasta é “muito variável...depende muito da família e depende do decorrer da conversa” (¶8). Já teve “entrevistas a durar vinte minutos meia hora” (¶8) e outras em que não conseguiu

“fazer só numa...só numa vez de uma sessão” (¶8), tendo, nessas vezes, a necessidade de “prolongar e dividir” (¶8). “Depende muito do...da conversa” (¶8) e “de como a família depois acaba por alargar ou não os temas” (¶8).

Helena alude que habitualmente “é o gestor de caso” (¶9) que implementa a EBR. Que na sua ELI “nem todos os profissionais ainda usam” (¶10), e que “normalmente é o gestor de caso que opta por fazer ou não” (¶10).

Quadro 19. *Síntese das Perspetivas de Helena no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.*

<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	
<b>Planificação da avaliação com a EBR</b>	“(…) combinamos o dia em que vamos realizar (...) peço, se for possível, para alguém ficar com o miúdo (...) e explico-lhe (...) as perguntas que vamos fazer e o porquê...quais são as vantagens e o que nos pode ajudar”. (¶1)
<b>Desenrolar da entrevista</b>	“tento seguir dentro do possível as indicações que vêm na EBR (...) e porque quero saber tanto acerca do dia deles e (...) das rotinas (...) como se passa o tempo deles em família no fundo”. (¶2)
<b>Procedimentos utilizados para compreender momentos de rotina</b>	“(…) depende (...) do desenrolar da conversa com as famílias (...) nenhuma família é igual e acabamos depois por conduzir as coisas de forma diferente”. (¶3)
<b>Importância da participação da família na EBR</b>	“(…) peço se poder estar o pai e mãe seria importante (...) depois tentamos também saber o que acontece com os outros filhos ou com o resto da família (...) e...a preocupação que os pais têm não só com o filho que nós estamos a apoiar mas também com tudo...todas as pessoas que estão á volta (...)”. (¶4)
<b>Rotinas abordadas</b>	“(…) são aquelas que nós vamos conduzindo (...) o acordar...as refeições (...) as saídas (...) a ida para a escola (...)”. (¶5)
<b>Estratégias e atitudes utilizadas</b>	“Ouvir (...) deixá-las falar...ir colocando questões sobre aquilo que eles estão a dizer (...) ela começa a perceber para que é que serve então esta entrevista (...) porque é que nós estamos a utilizar...porque é que para nós é importante saber aquilo”. (¶6)
<b>Avaliação nível satisfação</b>	“(…) pergunto qual é o grau de satisfação (...) as famílias com quem tenho lidado conseguem perceber perfeitamente qual é a (...) cotação (...) não tenho precisado recorrer a nenhum tipo de pistas ou estratégias (...)”. (¶7)
<b>Tempo gasto realização EBR</b>	“(…) depende muito da família e depende do decorrer da conversa..já tivemos entrevistas a durar vinte minutos meia hora e outras que não se consegue fazer só numa (...) sessão...temos às vezes que prolongar e dividir (...)”. (¶8)
<b>Profissionais envolvidos na EBR</b>	“(…) é o gestor de caso sempre (...)”. (¶9) “(…) nem todos os profissionais ainda usam (...) é o gestor de caso que opta por fazer ou não”. (¶10)

### **Participação da Família na EBR:**

Sobre a forma como as famílias reagem habitualmente perante a EBR Helena refere que “algumas no início estranham um bocadinho” (¶11), “mas depois acabam por perceber para que é que serve e a utilidade dessas informações e acabam por...por abrir um bocado a rotina deles...o dia a dia deles” (¶11). As famílias “acabam por perceber o interesse” (¶11) dos profissionais sobre aquelas questões do dia-a-dia e com o decorrer das sessões seguintes acabam por dizer “ele já faz isto, já consegue

fazer isto ou aquilo, agora isto está bem mas complicou aquilo...agora...agora já não tem problemas nenhuns ao jantar mas ao dormir é uma festa” (¶11), “acabam por ir alterando um bocadinho a primeira entrevista no fundo” (¶11), trazendo novas informações decorrentes de modificações dos momentos da rotina, bem como alteração do grau de satisfação perante o funcionamento da criança nesses momentos.

Helena refere que “normalmente é a mãe...embora cada vez mais também os pais estejam a participar” (¶12) na implementação da EBR, que também tem casos em que participa o casal em conjunto, “mas normalmente a mãe ou o pai” (¶12). E que é feita habitualmente “na instituição” (¶13). Apesar do apoio ser feito tanto na instituição como no domicílio.

De forma a potenciar o envolvimento da família durante o processo de aplicação da EBR, Helena vai “perguntando o que é que...o que se passa com os restantes elementos da família...se está tudo bem se não está...e se há alguma coisa também que os preocupa com eles” (¶14).

Ela sente que com a EBR consegue recolher informações únicas, como as “dificuldades que as famílias sentem no dia-a-dia” (¶15). Considera que “realmente não há outro instrumento para recolher” (¶15) “de forma tão estruturada” (¶15) “as dificuldades que...ou..e os fatores que eles...as crianças conseguem fazer com facilidade” (¶15) no dia-a-dia, mesmo que fizesse uma observação essa observação seria apenas de “um momentinho da vida das crianças” (¶15) “e não o dia todo como a EBR permite...e o fim de semana e as saídas” (¶15).

Quadro 20. Síntese das Perspetivas de Helena na Participação da Família na EBR.

<b>Participação da Família na EBR</b>	
<b>Reações das famílias</b>	“Algumas no início estranham um bocadinho (...) mas depois acabam por perceber para que é que serve e a utilidade dessas informações (...)”. (¶11)
<b>Elementos da família que participam</b>	“Normalmente é a mãe...embora cada vez mais também os pais estejam a participar”. (¶12)
<b>Locais ou contextos da avaliação com a EBR</b>	“(...) normalmente é aqui na instituição (...)”. (¶13)
<b>Estratégias que potenciam o envolvimento da família</b>	“Vamos perguntando (...) o que se passa com os restantes elementos da família...se está tudo bem se não está...e se há alguma coisa também que os preocupa com eles (...)”. (¶14)
<b>Informação obtida com a EBR</b>	“(...) dificuldades que as famílias sentem no dia-a-dia...acho que realmente não há outro instrumento para recolher (...) de forma tão estruturada (...) as dificuldades (...) e os fatores que (...) as crianças conseguem fazer com facilidade (...) no dia a dia (...)”. (¶15)

### **Identificação de prioridades e recursos da família:**

Na ELI de Helena estão a começar a utilizar o Ecomapa para identificar as redes de apoio e os recursos das famílias. Helena considera que estas muitas vezes têm “alguma dificuldade numa fase inicial de identificar todos os recursos” (¶17), e apenas com o decorrer do tempo, à medida que vai “conhecendo as famílias” (¶17), vai notando que elas “têm outros...outros recursos que inicialmente não os referiam” (¶17). Por isso vê-se, muitas vezes, a perguntar-lhes: “então e isso não será também um recurso? Uma fonte de apoio?” (¶17), e desta forma, vai conseguindo construir o Ecomapa.

Helena considera que “muitas vezes estas situações só num contato não conseguem ficar completamente preenchidas e completamente completas só depois com a criação da empatia com a família e da confiança e do à vontade” (¶17) é que se consegue “chegar mesmo à globalidade da situação” (¶17) “e perceber o ecomapa na sua verdadeira dimensão” (¶17).

Helena refere que aquando da aplicação da EBR procura fazer a identificação das prioridades da família. No fim da entrevista para a definição dos objetivos de intervenção pergunta à família “quais são então..o quê que eles gostariam de ver trabalhados” e aí já tenta “identificar quais são as áreas prioritárias da...da família...de tudo aquilo que eles referiram como dificuldade o que é que eles acham que seria mais importante para eles ver trabalhado” (¶16).

Helena considera a identificação das prioridades e dos recursos das famílias “fundamental para a planificação” (¶18) do apoio. Pois de forma a trabalhar “em função da família” (¶18) há que “respeitar quais são as suas principais preocupações” (¶18).

Quadro 21. *Síntese das Perspetivas de Helena na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.*

<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	
<b>Identificação das redes de apoio e dos recursos da família</b>	“(...) dificuldade numa fase inicial de identificar todos os recursos (...) depois com a conversa á medida que vamos conhecendo as famílias (...) vamos percebendo que eles têm outros (...) recursos (...)”. (¶17)
<b>Identificação de prioridades da família</b>	“No fim para a definição dos objetivos (...) tentamos identificar quais são as áreas prioritárias (...) da família (...) o que é que eles acham que seria mais importante para eles ver trabalhado”. (¶16)
<b>Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos</b>	“Estamos a começar a utilizar (...) o ecomapa (...)”. (¶17)
<b>Relevância da identificação prioridades e recursos</b>	“(...) fundamental para a planificação (...) temos de respeitar quais são as suas principais preocupações e acho que nesse aspeto a EBR (...) nos ajuda a decidir isso com maior facilidade”. (¶18)

## **Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

O envolvimento da criança nos momentos de rotina, segundo Helena, é avaliado através de questões sobre a criança colocadas aos pais, como por exemplo: “como é que ela faz” (¶19), Helena pede muitas vezes para eles descreverem: “então e neste momento o que é que ela faz? Como é que ela faz?...Como é que ela reage?...Então e se acontecer isso como é que ela reage? E se acontecer doutra maneira?...”(¶19).

Refere que “depende um bocadinho” também “da conversa que se vai criando com as famílias” (¶19). “Há famílias que contam logo tudo” (¶19) “e outras que precisamos dirigir mais as questões” (¶19), mas tenta “perceber exatamente o que é que a criança faz e como está a fazer e para quê que está a fazer” (¶19), tenta que os pais que façam “a descrição do comportamento dela” (¶19), fugindo mais para a sua área: “se comunica, para quê que comunica, porque comunica, e como é que está a comunicar” (¶19), mas não esquece ou negligencia as outras áreas.

Ao nível da autonomia da criança nos momentos de rotina, Helena procura resposta para: “o que é que ela faz sozinha” (¶20), e refere que “acaba por ser um bocadinho da mesma maneira” (¶20) que o envolvimento. “O que é que ela consegue fazer sozinha...sem orientação da mãe sem...seja na alimentação, seja no vestir, seja no ir usar a casa de banho...cada uma das...analisar ao pormenor” (¶20) cada momento, tenta saber por exemplo: se a criança “vai sozinha à casa de banho” (¶20), “o que é que ela faz” (¶20), “como é que ela faz” (¶20), se ela consegue sozinha “descer as cuecas...consegue se sentar sozinha na sanita” (¶20) “ou tem de ter redutor ou tem de ter um banquinho” (¶20), “para conseguir imaginar ao certo o que está ali a passar para depois tentar se for essa a prioridade da família definir objetivos muito concretos” (¶20) que sejam exequíveis e depois avaliados.

Helena, no caso das relações sociais da criança nos momentos de rotina, alude que pode perguntar “com quem ela brinca mais por exemplo...quem é que a ajuda a fazer o quê” (¶21), se gosta/costuma estar com os primos ou gosta “de brincar com alguém..como é que é..com que frequência se encontram” (¶21), por exemplo, com a “família mais alargada” (¶21). Se no caso de um primo ou amigo “vão para casa um do outro ou não depois do jardim...se lá tem mais primos ou se não tem...como funciona um bocado essa interação com as outras crianças e com os outros adultos, seja mais no núcleo mais restrito ou também da família mais alargada...mesmo nas saídas como elas funcionam” (¶21), “se vão jantar em casa de amigos” (¶21), “se vão a casa dos

tios, dos primos ou de alguém como é” (¶21) “esse comportamento” (¶21) se “é semelhante ou não ao que é em casa, se o grau de autonomia é o mesmo...ou se...se desenrascam melhor” (¶21). Pois muitas vezes nessas situações “umas têm desempenho melhor” (¶21) outras “ficam mais tímidas precisam mais da ajuda dos pais” (¶21). No fundo, tenta “perceber um bocadinho como é que funciona e como é que faz” (¶21).

Quadro 22. *Síntese das Perspetivas de Helena na Identificação das Competências da Criança.*

<b>Identificação das Competências da Criança</b>	
<b>Avaliação dos níveis de envolvimento da criança</b>	“(…) depende (…) da conversa que se vai criando com as famílias...porque há famílias que contam logo tudo (...) e outras que precisamos dirigir mais as questões...mas eu tento perceber exatamente o que é que a criança faz e como está a fazer e para quê que está a fazer (...) a descrição do comportamento dela (...)”. (¶19)
<b>Avaliação dos níveis de autonomia da criança</b>	“O que é que ela faz sozinha (...) sem orientação da mãe (...) analisar ao pormenor (...) para conseguir imaginar ao certo o que está ali a passar para depois tentar se for essa a prioridade da família definir objetivos muito concretos que se possam depois avaliar e concretizar”. (¶20)
<b>Avaliação das relações sociais da criança</b>	“Podemos sempre perguntar com quem ela brinca mais (...) quem é que a ajuda a fazer o quê (...) com que frequência se encontram (...) como funciona um bocado essa interação com as outras crianças e com os outros adultos seja mais no núcleo mais restrito ou também da família mais alargada...mesmo nas saídas como elas funcionam (...) se esse comportamento é semelhante ou não ao que é em casa se o grau de autonomia é o mesmo (...) perceber um bocadinho como é que funciona e como é que faz”. (¶21)

### **Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

Helena de forma a selecionar os objetivos de intervenção tenta seguir um pouco “as prioridades da família” (¶22), embora considere que os objetivos ainda não são “como deveriam ser definidos em termos de EBR” (¶22). Considera que a transição dos objetivos tradicionais para os funcionais não está a ser fácil. Confessa que a equipa ainda se encontra nessa fase de transição, que têm sim em atenção colocar como prioridade as “preocupações dos pais” (¶23), mas ainda não de uma forma estruturada como exige a formulação do objetivo funcional.

Após a EBR, Helena, em relação à implementação dos objetivos funcionais, refere que como os objetivos são delineados “em função das necessidades dos pais” (¶24) tenta dar-lhes “orientações” (¶24), vai trabalhando com eles de “semana a semana para chegar aos objetivos” (¶24) e posteriormente procura aferir se a criança já consegue fazer ou não o que é pretendido. Mas expõe novamente que não os define “de forma tão estruturada e quantificável” (¶24) como deveria.

Quadro 23. *Síntese das Perspetivas de Helena em Relação aos Objetivos Funcionais.*

<b>Objetivos Funcionais</b>	
<b>Seleção de objetivos</b>	“Tentando seguir um bocadinho (...) as prioridades da família..embora ainda não estejamos a usar completamente os objetivos como deveriam ser definidos em termos de EBR (...)”. (¶22)
<b>Definição de objetivos</b>	“Ainda não estamos a definir objetivos funcionais como deveríamos (...)”. (¶23) “(…) não definimos de forma tão estruturada e quantificável como deveríamos”. (¶24)
<b>Implementação de objetivos</b>	“(…) definimos objetivos em função das necessidades dos pais (...) damos orientações vamos trabalhando semana a semana para chegar aos objetivos que vamos seguindo...depois vamos aferindo (...)”. (¶24)

### **Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

Helena considera que a EBR “é um instrumento que todos os profissionais de IP deviam conhecer” (¶25), mas que isso não pressupõe que tenham que a “utilizar todas as vezes que se calhar há casos em que não se justifica a aplicação de uma EBR” (¶25). Considera que pode recolher as informações de que precisa “doutra maneira” (¶25) que não precisa “de ir tão a fundo nas rotinas da criança” (¶25).

Julga que “sobretudo nas situações de crianças mais pequenas e em situações mais graves é extremamente útil, até porque nos permite recolher um conjunto de...de informações” (¶25) que não são só da própria área. Que “para quem está a trabalhar no modelo transdisciplinar” (¶25), em que surge, por vezes, “alguma dificuldade” (¶25) em sair da própria área, a EBR leva a perceber “que há ali outras coisas a serem trabalhadas” (¶25). Salientando isso como “um aspeto importante” (¶25).

Helena julga ser necessário para implementar esta entrevista “ter algum grau de confiança e de à vontade com os pais” (¶26), e vê isso como uma dificuldade, além de não gostar “de a fazer logo numa fase muito inicial” (¶26). Helena prefere “deixar passar um mesinho um mês e meio para conhecer os pais...conhecer a família..e então sim começar a utilizá-la” (¶26), pois sente que são aspetos muito íntimos da família e que é “importante ter à vontade para falar dessas coisas” (¶26).

Helena considera que a EBR a ajuda a “por em sintonia com as famílias” (¶27), que a ajuda quer a ela quer à “família a perceber em onde é que em concreto” (¶27) os pode ajudar, e “ajuda a estruturar” (¶27) o apoio.

Helena refere também que não considera necessário obter mais formação sobre a EBR, que neste momento têm “mesmo é de implementar e continuar a utilizar mais vezes e tentar então passar para os objetivos funcionais” (¶28), “um bocadinho de cada

vez” (¶28), para depois compreenderem especificamente o que faz falta aprender ou sobre o quê aprender mais.

No final da entrevista Helena quis deixar apenas um comentário, que considera importante ser abordado também a “utilização no jardim-de-infância...nas rotinas do jardim” (¶29). Refere que na sua ELI começaram há pouco tempo a utilizar mas que “tem sido bastante positiva a experiência” (¶29). As “educadoras titulares têm ajudado a estruturar um bocadinho o que é que podem fazer e o que é importante trabalhar” (¶29), têm começado também a indicar “áreas mais fortes e menos fortes” (¶29) e a “organizarem a forma como trabalham com os meninos” (¶29).

Quadro 24. *Síntese das Perspetivas de Helena nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.*

<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>	<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>
<p>“(…) sobretudo nas situações de crianças mais pequenas e em situações mais graves é extremamente útil até porque nos permite recolher um conjunto de...de informações que não são só da nossa área (...) permite-nos perceber então que há ali outras coisas a serem trabalhadas (...)”. (¶25)</p> <p>“(…) acho que nos ajuda a por em sintonia com as famílias...e que os ajuda (...) a perceber em onde é que em concreto os podemos ajudar...nos ajuda a estruturar um bocado”. (¶27)</p>	<p>“(…) fazer esta entrevista já temos de ter algum grau de confiança e de à vontade com os pais...eu não gosto pessoalmente de a fazer logo numa fase muito inicial prefiro deixar passar um mesinho um mês e meio para conhecer os pais...conhecer a família..e então sim começar a utilizá-la (...) vamos muito ao dia-a-dia deles...vamos muito às rotinas..às vivências (...) acho que é importante ter à vontade para falar dessas coisas”. (¶26)</p>

#### **Em síntese:**

No anexo D, apresento a sistematização e organização das perspetivas de Helena, no que concerne ao sistema de categorias que, juntamente com a minha orientadora desenvolvi para este estudo, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR e Dificuldades na Utilização da EBR.

**isabel:** “...eu acho que este guião (...) facilita e ajuda que haja um maior envolvimento da família...porque percebem que...ao decompor a vida deles...as rotinas deles..da forma como o fazemos e ao perceberem que é nesses contextos que é possível atuar...eu acho que se sentem mais importantes...mais responsáveis pela...pelos resultados (...) ajuda não só a definir (...) objetivos e a estabelecer as prioridades...mas também o envolvimento das famílias”.

Isabel tem 42 anos, é Psicóloga, e trabalha na ELI há 16 anos. Realizou, de forma a completar a sua formação de base, entre outros, o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família.

Isabel tomou conhecimento do meu estudo através de Helena. Colega da sua equipa que esteve presente no dia 25 de Novembro de 2013, numa reunião de Supervisão em Braga, em que juntamente com a minha orientadora expus o estudo, de uma forma sucinta, e convidei os presentes a participar no mesmo, uma vez que correspondiam às características que se pretendia. Helena, como combinado nesse dia, ficou encarregue de passar a informação às suas colegas de equipa, para que caso alguém ficasse interessado pudesse também participar no mesmo dia em que ela realizaria a entrevista, e ficou ainda de me avisar caso houvesse interessados, para eu entrar em contato. Isabel foi uma dessas colegas que se disponibilizou de imediato após Helena expor a informação sobre o meu estudo.

Marcámos o nosso encontro, através de mensagem por mail, para o mesmo dia em que Helena faria a entrevista, dia 3 de Fevereiro de 2014, na sede da sua ELI, no final da entrevista a Helena. A entrevista foi realizada no período da tarde, por volta das 15h:40m e teve a duração de 24 minutos.

Isabel, pelo que pude sentir em pouco tempo de contato, é uma pessoa simpática e bastante objetiva.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

Isabel começa por referir que na sua ELI ainda estão “numa fase inicial da utilização da EBR” (¶1) e que não a utiliza “de uma forma sistemática” (¶1), que normalmente é utilizada em situações em que tem “um bocadinho mais de dificuldades em determinar as prioridades das famílias” (¶1).

Isabel para implementar a entrevista procura “seguir o guião” (¶2), vê “o guião da EBR como esqueleto da entrevista” (¶2), mas não o segue “sempre de uma forma rígida” (¶2). “Para além das questões do próprio guião” (¶3), “de acordo com as...as respostas das famílias” (¶3), tenta explorar “caso a caso aquilo que é dito” (¶3), portanto não tem “um conjunto estanque” (¶3) de questões, elas vão surgindo também de acordo com a conversa, de forma a explorar “as coisas que ficam menos claras” (¶3), mas procurando sempre manter o “esqueleto” (¶3) da EBR.

Isabel refere que normalmente realiza a entrevista “com um dos elementos da família” (¶4) dificilmente consegue “estar com mais que um elemento da família” (¶4). Esse elemento mais presente “normalmente é a mãe” (¶4), e procura através desse elemento “saber o que se passa com os outros elementos da família...não tanto as preocupações dos outros mas tentar perceber a rotina da criança com os vários elementos da família” (¶4). E, pela sua experiência, sente que “às vezes passar uma EBR a um dos elementos já não é fácil” (¶4), por isso confessa nem quer imaginar passar a mais de um elemento e tentar cruzar essa informação.

Isabel refere que as rotinas mais salientadas pelos pais talvez sejam “as da alimentação..as mais ligadas com a alimentação” (¶5) que “depende dos casos” (¶5), “mas talvez mais as relacionadas com a alimentação porque...porque são momentos que para além das questões alimentares” (¶5), “a comunicação também está muito envolvida” (¶5), e “por vezes surgem falhas ou necessidades relacionadas com questões de comunicação e linguagem que sobressaem” (¶5). Mas confessa que no decorrer da entrevista procura “tentar levar a sequência do dia” (¶5) e acaba “por falar em todas as rotinas” (¶5).

Após conversar “um bocadinho sobre...sobre a rotina e de surgirem algumas questões ou não...algumas preocupações relacionadas com...com a rotina” (¶7) Isabel vai “anotando essas preocupações” (¶7), e no final procura “avaliar perguntando de um a cinco” (¶7) qual é o grau de preocupação da família, “qual a intensidade de preocupação” (¶7) que a família tem em relação a cada rotina.

Com o decorrer da entrevista Isabel tenta que as suas atitudes perante o que a família lhe está a transmitir não sejam “de um modo forçado” (¶6), tem o “cuidado de dar sinais de que aquilo” (¶6) que “está a ser transmitido é importante” (¶6), por exemplo, através de “acenos de cabeça..mantendo o contato ocular..” (¶6). Portanto cuidados que diz ter habitualmente “mesmo sem ser neste tipo de entrevistas” (¶6).

Isabel gasta cerca de “trinta minutos” (¶8) para implementar a EBR, mas confessa que já teve casos em que aconteceu gastar mais tempo e outros menos tempo. Normalmente é “o responsável de caso” (¶9) que realiza a entrevista, por vezes “a técnica de serviço social também...mas depende” (¶9) do caso e da disponibilidade dos técnicos.

Quadro 25. Síntese das Perspetivas de Isabel no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.

<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	
<b>Desenrolar da entrevista</b>	“Nós procuramos seguir o guião...nem sempre de uma forma rígida (...) costumamos ter o guião da EBR como esqueleto da entrevista”. (¶2)
<b>Procedimentos utilizados para compreender momentos de rotina</b>	“Para além das questões do próprio guião (...) as respostas das famílias...são exploradas...caso a caso (...) as coisas que ficam menos claras”. (¶3)
<b>Importância da participação da família na EBR</b>	“(…) dificilmente conseguimos estar com mais que um elemento da família (...) procuro tentar através desse elemento (...) saber o que se passa com os outros elementos da família...não tanto as preocupações dos outros mas tentar perceber a rotina da criança com os vários elementos da família (...)”. (¶4)
<b>Rotinas abordadas</b>	“(…) talvez as da alimentação (...) depende dos casos (...) porque são momentos que para além das questões alimentares (...) é um momento em que se calhar a comunicação também está muito envolvida (...) ao seguirmos o guião eu procuro tentar levar a sequência do dia e acabamos por falar em todas as rotinas”. (¶5)
<b>Estratégias e atitudes utilizadas</b>	“(…) não é uma coisa que eu faça de um modo forçado (...) tenho o cuidado de dar sinais de que aquilo que me está a ser transmitido é importante (...) com acenos de cabeça..mantendo o contato ocular..portanto são cuidados que eu normalmente tenho mesmo sem ser neste tipo de entrevistas”. (¶6)
<b>Avaliação nível satisfação</b>	“(…) depois de conversarmos (...) sobre a rotina e de surgirem algumas questões (...) preocupações relacionadas (...) com a rotina (...) no final procuro avaliar perguntando: “de um a cinco qual (...) a intensidade de preocupação que tem (...) com esta questão?” (...)”. (¶7)
<b>Tempo gasto realização EBR</b>	“Trinta minutos (...) às vezes mais...já aconteceu menos..”. (¶8)
<b>Profissionais envolvidos na EBR</b>	“(…) normalmente o responsável de caso...por vezes a técnica de serviço social também...mas depende”. (¶9)

### **Participação da Família na EBR:**

Isabel, relativamente à reação das famílias perante a EBR, refere que quando lhes explica aquilo que será feito, os primeiros sinais que observa “embora muitas vezes não de uma forma muito...muito direta...muitas vezes por expressões” (¶11) é de “resistência...por parecer uma coisa muito longa” (¶11). Ela começa por explicar que a entrevista “vai ter a ver com as várias rotinas” (¶11) para tentar “perceber quais são as áreas onde há mais preocupações” (¶11), e é aí que sente da parte das famílias “algum receio que seja uma coisa muito demorada” (¶11). Na verdade confessa que mesmo ela “no início tinha esse receio” (¶11) quando fez o curso sobre a EBR.

Foi “na Universidade do Minho” (¶11) que fez o curso, aí fizeram “uma estimativa do tempo que demoraria a passar uma EBR” (¶11), por sinal muito mais que o tempo que ela habitualmente gasta. Ficou juntamente com a técnica de serviço social encarregue de passar a EBR a uma família que apoiava, a técnica ficou a seu lado

“para registrar” (¶11) para não falhar nenhuma informação e confessa ter sido “muito rápido” (¶11) e que ficou a achar que tinha “falhado alguma coisa” (¶11).

A entrevista foi feita a uma mãe de uma criança com autismo, “uma senhora muito terra a terra” (¶11), como diz Isabel, com “um conjunto de preocupações” (¶11) sim, mas para Isabel havia “outras coisas que para ela aparentemente até poderiam ser mas que não são” (¶11), “com um grau de satisfação com a vida de um modo geral e com as coisas” (¶11), “um nível de felicidade no geral melhor do que é normal” (¶11), apresentava apenas “uma ou duas áreas de preocupação” (¶11) e “as outras não se salientavam” (¶11). A entrevista fluiu, por isso, segundo Isabel, “muito rapidamente” (¶11) e acha curioso todas as EBR’s que faz fluírem assim “muito rapidamente” (¶11).

Descaiu um sorriso de Isabel, dizendo que se calhar apressa um pouco a entrevista, mas que “de um modo geral” se sente “satisfeita no final da administração da EBR” (¶11) e nota também “que as famílias estão bem” (¶11) com a forma como o faz.

Julga que “aquela expectativa inicial que seria uma coisa muito longa” (¶11) e que lhe trazia um certo desconforto, facilmente deixou de existir com a prática. “Quando se confirmam as preocupações” (¶11), estas “batem certo com aquelas que as pessoas anteriormente já achavam que eram as suas preocupações” (¶11), e por vezes “surgem mais algumas” (¶11) por ainda não se ter “pensado muito bem” (¶11) em tudo.

Isabel refere serem “as mães” (¶12) as mais presentes nesta entrevista. Relativamente aos locais ou contextos onde habitualmente a faz, “depende” (¶13), “já aconteceu ser no jardim-de-infância” (¶13), e ser “na instituição” (¶13). As suas “responsabilidades de caso são crianças que são acompanhadas no jardim-de-infância” (¶13), não tem “casos de domicílio” (¶13), por isso para fazer a EBR não sugere que seja em casa das famílias, propõe que seja no jardim-de-infância ou na instituição.

Isabel no decorrer da entrevista procura perguntar “o que é que os outros elementos” (¶14) da família estão a fazer naquele momento da rotina que a família está a descrever, como “uma forma de perceber” (¶14) “cada momento” (¶14) da rotina, e ser mais fácil também colocar questões relacionadas com a criança. “Conhecendo a rotina depois também se podem sugerir estratégias de intervenção que passam pelos outros elementos da família” (¶14).

Isabel considera “que se não utilizarmos a EBR e fizermos uma pergunta aberta” (¶15) sobre “quais são as suas preocupações ou o que é que são as suas prioridades” (¶15) as famílias irão apenas realçar “questões mais macro mais...a linguagem, a fala,

o aprender bem” (¶15) “coisas mais vagas” (¶15). A EBR permite ir “ao detalhe dos momentos da família” (¶15), e nesses detalhes descobrir outros que “nem pareciam ser um problema” (¶15). Segundo Isabel “às vezes são coisas tão pequeninas” (¶15) “e que se resolvem rapidamente com uma pequenina estratégia” (¶15), “de quinze em quinze dias, um mês o assunto está resolvido, não é um grande problema” (¶15).

Segundo Isabel “o detalhe que as rotinas dão permitem ir a comportamentos mais pequenos...mais fáceis de isolar...mais fáceis de intervir” (¶15).

Quadro 26. *Síntese das Perspetivas de Isabel na Participação da Família na EBR.*

<b>Participação da Família na EBR</b>	
<b>Reações das famílias</b>	“(…) os primeiros (…) sinais que eu sinto...embora muitas vezes não de uma forma (...) muito direta...muitas vezes por expressões (...) é uma resistência...por parecer uma coisa muito longa (...) mas de um modo geral (...) eu sinto-me satisfeita no final da administração da EBR e noto também que as famílias estão bem (...)”. (¶11)
<b>Elementos da família que participam</b>	“Nas minhas famílias tem sido mais as mães”. (¶12)
<b>Locais ou contextos da avaliação com a EBR</b>	“(…) as minhas responsabilidades de caso são crianças que são acompanhadas no jardim-de-infância (...) não tenho casos de domicílio (...) portanto nessas situações quando tento contatar a família não pergunto...não sugiro que o encontro seja na casa da família...ou é no jardim-de-infância ou é aqui (...)”. (¶13)
<b>Estratégias que potenciam o envolvimento da família</b>	“(…) pergunto o que é que os outros elementos (...) está a fazer nesse momento (...) conhecendo a rotina depois também se podem sugerir estratégias de intervenção que passam pelos outros elementos da família”. (¶14)
<b>Informação obtida com a EBR</b>	“(…) o detalhe que as rotinas dão permitem ir a comportamentos mais pequenos...mais fáceis de isolar...mais fáceis de intervir (...)”. (¶15)

### **Identificação de prioridades e recursos da família:**

Aquando da aplicação da EBR, Isabel faz a identificação e posteriormente na prestação de apoio segue “aquilo que são as prioridades da família” (¶16), pois considera ser fundamental, e que “não faz sentido de outra forma” (¶16), mesmo “depois em termos de implementação do plano” (¶16).

Relativamente à questão de fazer ou não a identificação das redes de apoio e recursos da família, Isabel refere que “depende das famílias” (¶17) que “há situações em que sim há outras que não” (¶17) e que “depende também dos objetivos, das prioridades que forem definidos pela família...se for um objetivo que...que seja transversal...que possa ultrapassar uma questão que é meramente familiar e de momento” (¶17) considera “útil” (¶17), de outro modo não. Porém considera tanto a identificação das prioridades como dos recursos da família importante para o processo de apoio, pois considera que se seguir “as prioridades da família provavelmente a

motivação é maior...o envolvimento deles é maior” (¶18) pois são as prioridades deles, não foi a equipa que as impôs, foram “eles que as elegeram” (¶18).

Quadro 27. *Síntese das Perspetivas de Isabel na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.*

<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	
<b>Identificação das redes de apoio e dos recursos da família</b>	“(…) depende das famílias...há situações em que sim há outras que não (...) e depende também dos objetivos das prioridades que forem definidos pela família (...)”. (¶17)
<b>Identificação de prioridades da família</b>	“Sim (...) porque devemos seguir aquilo que são as prioridades da família não faz sentido de outra forma..depois em termos de implementação do plano (...)”. (¶16)
<b>Relevância da identificação prioridades e recursos</b>	Prioridades: “(...) devemos seguir aquilo que são as prioridades da família não faz sentido de outra forma..depois em termos de implementação do plano (...)”. (¶16) Recursos: “(...) se for um objetivo que...que seja transversal...que possa ultrapassar uma questão que é meramente familiar e de momento acho que isso é útil de outro modo nem por isso”. (¶17)

### **Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

O nível de envolvimento da criança nos momentos de rotina, Isabel avalia “questionando diretamente” (¶19) sobre o que é que a criança “está a fazer naquele momento” (¶19) e se isso não ficar claro questiona “de outra forma mas de modo a que...que a mãe ou que o pai consigam ser muito claros em relação aquilo que a criança está a fazer realmente naquele momento” (¶19).

A autonomia da criança nos momentos de rotina, Isabel considera que “com as mesmas perguntas apenas com o esclarecimento dessas perguntas” (¶20) que usou no envolvimento consegue saber “quer o nível de envolvimento quer de autonomia” (¶20), e portanto “a partir do momento em que com uma resposta” (¶20) para ela “fica claro a autonomia e o envolvimento” (¶20), não se preocupa “com uma pergunta para esta outra para a outra” (¶20), “passa à frente” (¶20) e depois faz “o descritivo” (¶20), de forma detalhada, de modo que “consiga visualizar de que forma se envolve e de que forma é autónomo” (¶20), sendo assim, segundo ela, “muito mais fácil” (¶20).

Isabel tem a preocupação “não tanto do registo mas naquele momento deixar claro” (¶20) para ela mesma “de que forma o menino está envolvido” (¶20), se consegue “determinar o nível de autonomia que ele tem” (¶20) na rotina, se ficam claras essas questões.

A avaliação do nível de relações sociais da criança nos momentos de rotina, para Isabel, funciona da mesma maneira, ela refere ter dificuldade em separar estas

três áreas, vê-as como “coisas que estão completamente ligadas” (¶21). Refere que “por vezes se não ficou um muito claro como é que é uma delas” (¶21) explora “um pouco mais de acordo com a rotina...de acordo com o que estava a ser descrito mas...mas está tudo muito ligado e é difícil falar” (¶21) “no abstrato” (¶21), sem ter um caso específico para exemplificar.

Quadro 28. *Síntese das Perspetivas de Isabel na Identificação das Competências da Criança.*

<b>Identificação das Competências da Criança</b>	
<b>Avaliação dos níveis de envolvimento da criança</b>	“Questionando diretamente sobre o que é que (...) está a fazer naquele momento...e se isso não ficar claro questionar de outra forma (...)”. (¶19)
<b>Avaliação dos níveis de autonomia da criança</b>	“(...) com as mesmas perguntas apenas com o esclarecimento dessas perguntas conseguimos ter (...) quer o nível de envolvimento quer de autonomia (...) portanto a partir do momento em que com uma resposta para mim fica claro a autonomia e o envolvimento...não me preocupo muito com uma pergunta para esta outra para a outra (...) se já está claro passa á frente e depois faço o descritivo (...) mais detalhado...de modo que consiga visualizar de que forma se envolve e de que forma é autónomo (...)”. (¶20)
<b>Avaliação das relações sociais da criança</b>	“É a mesma coisa (...) tenho dificuldade em separar isto tudo porque...âhmm...são coisas que estão completamente ligadas (...) por vezes se não ficou um muito claro como é que é uma delas posso explorar um pouco mais de acordo com a rotina...com o que estava a ser descrito (...)”. (¶21)

### **Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

Isabel selecciona os objetivos de intervenção “de acordo com as prioridades definidas pela...pela família” (¶22). Tenta “defini-los de uma forma operacional mas sempre centrados naquilo que são as prioridades da família” (¶22), prioridades essas que no fundo são “as preocupações prioritárias da família” (¶22).

Refere que procura definir objetivos funcionais, procura que sejam objetivos em que “não haja dúvida nenhuma em relação a se foram atingidos ou não” (¶23), quer para a equipa “quer para a família” (¶23). Isabel lembra-se que aquando do curso sobre a EBR era utilizada uma linguagem, como por exemplo, “atingido em não sei quanto número de vezes” (¶23), que lhe parece “complicador na definição dos objetivos” (¶23), para ela o importante é estar explícita a maneira de saber, de uma forma imediata e clara, se o objetivo foi “atingido ou não” (¶23).

Posteriormente à EBR, a implementação dos objetivos funcionais é feita “em articulação com a família” (¶24), em que Isabel sugere “estratégias para os alcançar” (¶24), acompanha “semanalmente” (¶24) a implementação, determina “as dificuldades que estão a existir” (¶24), e reformula “as estratégias” (¶24).

Quadro 29. *Síntese das Perspetivas de Isabel em Relação aos Objetivos Funcionais.*

<b>Objetivos Funcionais</b>	
<b>Seleção de objetivos</b>	“(…) de acordo com as prioridades definidas pela…pela família (…) tentamos defini-los de uma forma operacional (…) centrados naquilo que são (…) as preocupações prioritárias da família (…)”. (¶22)
<b>Definição de objetivos</b>	“(…) tenho a preocupação de que sejam objetivos que..ãhmm..não haja dúvida nenhuma em relação a ser foram atingidos ou não…quer para nós quer para a família (…)”. (¶23)
<b>Implementação de objetivos</b>	“Em articulação com a família…ãhmm…sugerindo estratégias para os alcançar (…) acompanhando semanalmente a implementação dos objetivos…determino as dificuldades que estão a existir…reformulando as estratégias”. (¶24)

### **Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

Isabel, relativamente à pergunta sobre o que a motiva a utilizar a EBR, tentou ser o mais franca possível, considera que quando as principais dificuldades que antecipa na criança estão relacionadas com questões “de autonomia…muito do foro da autonomia”, normalmente presentes em “crianças mais pequeninas”, é útil passar uma EBR, já em outros casos não.

Isabel refere que “passar uma EBR a uma criança que tem cinco anos que em termos de autonomia já come…já não tem problemas a fazer chichi, cocó normal, lava as mãos…que em termos de autonomia está tudo bem”, no seu ponto de vista, e pela sua experiência “pelo menos até aos dias de hoje”, não abarca “grande vantagem” “porque…às vezes surgem uns probleminhas mas coisas mínimas…comparado por exemplo com uma criança que tem um atraso” “cognitivo” que se vê “que tem cinco anos e que ainda tá longe de atingir os pré-requisitos para entrar para a escola primária no ano seguinte”.

Isabel considera que ao centrarmos “as coisas…o plano nos objetivos que vão surgir na EBR” (¶25) “provavelmente aqueles que são os grandes problemas daquela criança e as preocupações da família com aquela criança não vão surgir porque…as dificuldades daquela criança surgem mais no contexto de jardim-de-infância” (¶25) uma vez que a criança “em casa até é funcional…até comunica…mas não ao nível do que é esperado para a idade…sobretudo quando tem famílias” (¶25) “que intelectualmente também podem ter algumas limitações…os pais não sentem que aquela criança tem um atraso em relação às restantes…quer dizer é como sempre esperaram que fosse…portanto por vezes…nessas situações, a EBR não é tão útil” (¶25).

Isabel refere que a EBR é útil quando está numa fase inicial de intervenção, em crianças dos zero até aos três anos, “a partir dos três” (¶25), segundo Isabel, “depende

dos casos...há casos graves que aos três anos não andam, não falam, não....” (¶25), nesses casos sim, “mas casos menos graves a partir dos três anos quando as coisas tão mais centradas no jardim de infância por vezes a EBR pode não ser tão útil” (¶25). Isabel julga ser plausível a forma como vê a questão da aplicabilidade da EBR, contudo pondera que poderá “estar a usá-la mal” (¶25). Isabel refere que ver sempre “apresentações relacionadas com a EBR” (¶25) em que “as rotinas acabam por fazer sobressair muito necessidades...muito prioridades e preocupações centradas com questões de autonomia” (¶25) apoia o seu ponto de vista.

Em relação às maiores dificuldades que sente na implementação da EBR Isabel refere apenas uma, “o tentar passar a EBR numa situação dum criança que em termos de autonomia já está bem, já não tem propriamente problemas mas que tem um défice cognitivo e que...tem um atraso de desenvolvimento global...que a faz por exemplo aos cinco anos estar ao nível dos três ou dos quatro, mas que em termos funcionais na parte da autonomia está bem” (¶26). Em que nesses casos, sobretudo quando “são pais de meios socioculturais mais desfavorecidos e com algumas limitações dizem que está tudo bem que a escola é que notou que havia problemas no menino, mas que para eles está tudo bem” (¶26).

Isabel vê vantagem na implementação da EBR apenas em casos como referiu anteriormente, de crianças dos zero aos três anos, especificamente em questões de autonomia.

Isabel julga que o “guião” (¶27) “facilita e ajuda que haja um maior envolvimento da família” (¶27). “Ao decompor a vida deles” (¶27), “as rotinas deles” (¶27), da forma como a EBR permite e a equipa faz, e “ao perceberem que é nesses contextos que é possível atuar” (¶27), Isabel tem a perceção de que as famílias “se sentem mais importantes” (¶27), mais responsáveis “pelos resultados” (¶27).

A EBR “ajuda não só a definir” (¶27) os “objetivos e a estabelecer as prioridades...mas também o envolvimento das famílias” (¶27).

Isabel “não” (¶28) considera necessário fazer mais algum tipo de formação sobre a EBR “depois de fazer o curso” (¶28). Julga ser “importante que o curso seja feito” (¶28), e o que sente que precisaria de ter “para utilizar melhor e mais” a EBR “era ter mais tempo e menos crianças” (¶28), pois “neste momento as ELI estão a rebentar pelas costuras” (¶28) com as crianças que abrangem. Isabel refere que prometem às equipas “alargamentos” (¶28) mas que estes “ficam apenas no papel” (¶28), e que

deste modo “é complicado com o número de crianças que cada gestor de caso tem” (¶28) “fazer isto tudo” (¶28) “como deve ser” (¶28).

Isabel, para terminar, “não” (¶29) se lembrou de mais nenhum aspeto para referir ou comentário a fazer em relação à entrevista, ao tema supracitado.

Quadro 30. *Síntese das Perspetivas de Isabel nas Vantagens e Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.*

Vantagens da Utilização da EBR	Dificuldades na Utilização da EBR
<p>“(…) útil quando estamos numa fase inicial de intervenção crianças (…) dos zero diria até aos três (…”. (¶25)</p> <p>“(…) maior envolvimento da família...porque percebem (….) que é nesses contextos que é possível atuar...eu acho que se sentem mais importantes...mais responsáveis (….) pelos resultados (….) ajuda não só a definir (….) objetivos e a estabelecer as prioridades”. (¶27)</p>	<p>“(…) passar uma EBR a uma criança que tem cinco anos que em termos de autonomia já come...já não tem problemas a fazer chichi, cocó normal, lava as mãos...que em termos de autonomia está tudo bem (….) não vejo grande vantagem (….”. (¶25)</p> <p>“(…) acho que é importante que o curso seja feito (….”. (¶28)</p>

#### **Em síntese:**

No anexo E, apresento a sistematização e organização das perspetivas de Isabel, no que concerne ao sistema de categorias que, juntamente com a minha orientadora desenvolvi para este estudo, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR e Dificuldades na Utilização da EBR.

#### **Joana: “...dá informação muito válida sobre as rotinas que noutros instrumentos é impossível”.**

Joana tem 29 anos, é Fisioterapeuta, tirou um Mestrado em Atividade Física Adaptada, e trabalha na ELI há 7 anos. Realizou, de forma a completar a sua formação, entre outros, o Curso de Formação sobre Práticas de Intervenção Precoce Baseadas nas Rotinas: Como Promover a Participação da Família.

Joana tomou conhecimento do meu estudo, também como Isabel, através de Helena, colega da sua equipa que esteve presente no dia 25 de Novembro de 2013, numa reunião de Supervisão em Braga, em que juntamente com a minha orientadora expus o estudo, de uma forma sucinta, e convidei os presentes a participar no mesmo, uma vez que correspondiam às características que se pretendia. Helena, como combinado nesse dia, ficou encarregue de passar a informação às suas colegas de

equipa, para que caso alguém ficasse interessado pudesse também participar no mesmo dia em que ela realizaria a entrevista, e ficou ainda de me avisar caso houvesse interessados, para eu entrar em contato. Joana foi uma dessas colegas que se disponibilizou de imediato após Helena expor a informação sobre o meu estudo.

Marcámos o nosso encontro, através de mensagem por mail, para o mesmo dia em que Helena e Isabel fariam a entrevista, dia 3 de Fevereiro de 2014, na sede da sua ELI, depois da entrevista a Isabel. A entrevista foi realizada no período da tarde, por volta das 16h:15m teve a duração de 33 minutos.

Joana, pelo que pude sentir em pouco tempo de contato, é uma pessoa simpática, muito bem-disposta, prestável, e com muito gosto pela sua profissão. Fala com carinho e empenho. Apesar de ter sido mãe há pouco tempo, de ter o tempo todo contado, não deixou de querer participar.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

Joana começa por referir como planifica com a família a avaliação com a EBR, ela explica à família o que vai fazer, em que consiste a entrevista, o tempo que é previsto demorar, marca o dia, e pede à família “sempre para não trazer a criança...para vir com tempo, com calma que é algo que demora” (¶1). Geralmente faz a entrevista na instituição, “para ser mais calmo porque em casa acaba por..chega alguém ou está alguém” (¶1).

No dia da entrevista, habitualmente, quando os pais chegam ela cumprimenta, volta “a relembrar aquilo que tinha explicado” (¶2), e depois segue o guião da EBR. Joana faz questão antes da entrevista relembrar à família “aquilo que já lhe tinha dito...como vai ser...para que serve...para os pais saberem ao que estão” (¶2). Esta necessidade de explicar, tudo direitinho como Joana diz, vem de muitos pais ainda não terem “consciência do problema dos filhos” (¶2), não terem “noção que o filho está...com um atraso” (¶2), muitas vezes porque até “foi encaminhado pela educadora” (¶2) “e convém que eles percebam para quê” (¶2) que a equipa quer saber estas informações, pois, segundo Joana, podem julgar “mas quer saber da minha vida?” (¶2), “quer dizer queres saber tanto quanto eu!” (¶2) e “por isso convém explicar”(¶2).

Como forma de compreender os momentos de rotinas da família e o seu funcionamento, Joana segue o guião, refere que foi assim que aprendeu e que considera ser “a melhor forma” (¶3), pergunta “sempre o que é que o menino faz” (¶3), “quem está presente” (¶3), “o que é que os outros da família tão a fazer” (¶3), “o que é

que lhe parece que o menino acha” (¶3), pois “geralmente eles têm uma interpretação de comportamento dos filhos” (¶3) que à Joana e à equipa “pode parecer diferente” (¶3), “porque já conhecem a rotina” (¶3).

Pergunta também “o que é que os outros estão a fazer ao mesmo tempo...em que sitio da casa estão” (¶3), de forma também a perceber, por exemplo, onde o menino come, pois “há pais que dão o pequeno-almoço no quarto” (¶3) e depois “dizem que o problema é ele...que não consegue comer ou que se suja” (¶3) e na opinião de Joana “se não tiver à mesa...se tiver com a tigela na mão é mais difícil controlar os movimentos...às vezes suja-se porque ainda não tem idade para estar a comer assim” (¶3). Para Joana é importante perceber “onde está..o que é que os outros estão a fazer...se está sozinho...se tem apoio” (¶3), pois como fisioterapeuta a parte motora interessa-lhe. Refere que faz também “perguntas para saber de tudo” (¶3), mas que o seu foco é na parte motora da criança e saber de onde vem a dificuldade da criança em realizar determinada ação.

Joana procura também saber “quando há irmãos” (¶4) como é que se relacionam, “de forma diferente do que se relacionam com os pais” (¶4) certamente, mas como? De que forma?. Tenta também perceber se os “irmãos ajudam ou não na rotina” (¶4).

Joana tenta compreender sempre no decorrer da descrição dos pais sobre os momentos de rotina se a criança está a tentar fazer como o irmão ou se é porque sente que já não quer, por exemplo, “a fralda” (¶4) e já quer vestir como o irmão. Ou seja, Joana “tenta perceber se o comportamento que a criança está a ter se é para copiar algum dos outros...ou se é por interesse próprio” (¶4), tenta fazer a sua interpretação do que está a ser descrito, para ficar claro em si quer o comportamento da criança, quer o comportamento da família nesses momentos, “para depois dar seguimento á entrevista” (¶4).

Segundo Joana, determinadas ações surgem muitas vezes por as crianças “querem fazer igual ao irmão” (¶4), ou igual a outro membro da família muito presente na rotina.

Joana deixa que sejam os pais ao longo da entrevista a nomear as rotinas, quando alguma não é mencionada ela questiona os pais, de modo a que todas sejam descritas. Sente que “o vestir e o pequeno-almoço” (¶5) são momentos de rotina bastante realçados pelos pais, por terem “de estar sempre presentes” (¶5); às vezes o lanche, é esquecido, não é referido, “por exemplo no fim de semana quando estão em

casa” (¶5), em que Joana acha que serão famílias que não passam esse momento em casa, ou em que as crianças não estão presentes em casa e levam algo para comer; “o dormir” (¶5) também nomeiam frequentemente, e geralmente como o levantar com “algumas queixas” (¶5).

Joana, após a descrição de cada momento de rotina questiona a família sobre o seu nível de satisfação, pergunta “de zero a cinco em que zero é não satisfeito e cinco é totalmente satisfeito” (¶7) o que é que a família “acha” (¶7) da rotina. Refere que tem conhecimento de outras estratégias para colocar esta questão, mas refere que habitualmente faz assim.

Joana coloca esta questão como uma forma para saber verdadeiramente o que a família sente perante o momento da rotina, pois, por vezes apenas “pela descrição da rotina” (¶7) julga “que a mãe não devia estar muito satisfeita” (¶7) e a mãe “diz-lhe que está no nível cinco” (¶7) ou considera um momento de rotina “normal naquela idade” (¶7) e a mãe diz “que está dois satisfeita...porque não devia fazer assim devia fazer assim” (¶7). Joana apercebe-se deste modo, muitas vezes, que “a mãe se acomodou aquela situação mesmo ela não sendo correta” (¶7), e tenta “posteriormente trabalhar isso também com a família” (¶7).

No decorrer da conversa com as famílias Joana tenta utilizar um conjunto de estratégias/attitudes para que saibam que está interessada no que está a ser dito, como: “olhar para a pessoa” (¶6), “dar valor” (¶6) ao que “diz...com palavras...com gestos” (¶6), tentar “esmiuçar o que eles estão a dizer” (¶6) para eles perceberem que está “a seguir o raciocínio” (¶6) e que está “muito interessada” (¶6) no que está a ser falado. Confessa que não tem “uma estratégia definida” (¶6), depende de família para família e que na hora estes pormenores vão “saindo” (¶6). Há pais que sente que ao “estar a esmiuçar pode mostrar interesse e noutros não” (¶6). Joana tenta [dizer muitas vezes “isso é importante”] (¶6) “ou não faça assim” (¶6), “tente antes fazer assim”, e considera que isso lhes mostra que está “interessada” (¶6), pois está “a chamá-los à atenção” (¶6), está “a dizer que é importante fazer isso” (¶6), está a “salientar que deve continuar” (¶6).

Joana não sabe ao certo quanto tempo gasta na realização de uma EBR, refere que nunca contabilizou, que “depende dos pais” (¶8), mas talvez “entre uma e duas horas” (¶8). Por vezes “há pais que vêm e até nem vêm para conversar” (¶8) e por mais perguntas que faça “e por mais que esmiuce” (¶8) a conversa eles não cedem e acaba por ser “rápido” (¶8), já outros pais “vêm na disposição de colaborar” (¶8) e de

explicar “as coisas ao certo” (¶8), por isso, segundo ela, “demora mais um bocadinho” (¶8).

Relativamente aos profissionais que estão envolvidos na implementação da EBR Joana refere que é o coordenador de caso, porque já conhece a família. Por vezes “a assistente social também” (¶9), quando ainda não tem o “relatório social” (¶10) concluído ou tem alguma dúvida, mas habitualmente só faz o coordenador de caso.

Quadro 31. *Síntese das Perspetivas de Joana no Processo de Utilização da EBR com as Famílias.*

<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	
<b>Planificação da avaliação com a EBR</b>	“(…) nós combinamos com a família...explicamos (...) a entrevista que vamos fazer (...) peço sempre para não trazer a criança...para vir com tempo, com calma que é algo que demora (...)”. (¶1)
<b>Desenrolar da entrevista</b>	“(…) volto a relembrar aquilo que tinha explicado (...) e depois faço o que tem no guião (...)”. (¶2)
<b>Procedimentos utilizados para compreender momentos de rotina</b>	“(…) vou pelo guião (...) é a melhor forma...pergunto sempre o que é que o menino faz (...) o que é que os outros estão a fazer ao mesmo tempo...em que sitio da casa estão (...) se está sozinho...se tem apoio (...)”. (¶3)
<b>Importância da participação da família na EBR</b>	“(…) quero saber o que todos estão a fazer (...) geralmente aponto (...) para tentar perceber se o comportamento que a criança está a ter se é para copiar algum dos outros...ou se é por interesse próprio...tentar fazer a minha interpretação (...)”. (¶4)
<b>Rotinas abordadas</b>	“(…) pergunto todas as rotinas mas...o vestir e o pequeno-almoço (...) porque é uma coisa que os pais têm de estar sempre presentes (...) o dormir também me nomeiam quase sempre (...) e geralmente com algumas queixas (...)”. (¶5)
<b>Estratégias e atitudes utilizadas</b>	“olhar para a pessoa (...) dar valor ao que me diz...com palavras...com gestos...tento...esmiuçar o que eles estão a dizer para eles perceberem que estou a seguir o raciocínio (...) depende muito da família (...) tento dizer muitas vezes isso é importante...ou não faça assim (...)”. (¶6)
<b>Avaliação nível satisfação</b>	“(…) digo sempre: “de zero a cinco em que zero é não satisfeito e cinco é totalmente satisfeito diga-me (...) o que acha desta rotina?” (...)”. (¶7)
<b>Tempo gasto realização EBR</b>	“(…) depende dos pais (...) mas entre uma e duas horas (...) há pais que vêm e até nem vêm para conversar (...) e há pais que vêm na disposição de colaborar comigo eeee explicar-me as coisas ao certo e estamos ali aquele tempo todo e ai demora mais um bocadinho”. (¶8)
<b>Profissionais envolvidos na EBR</b>	“(…) nos casos que fiz em quase todos fui só eu (...) e a mãe (...)”. (¶9)

### **Participação da Família na EBR:**

Joana considera que as famílias que tem acompanhado e com as quais tem implementado a avaliação com a EBR têm reagido bem, “sempre bem” (¶11), mas talvez seja porque já a conhecem, já têm o “à vontade” (¶11) de estar e falar com a equipa. Refere que não sabe como será com os novos casos que terá, se irão “reagir bem logo” (¶11), pois a EBR entra “em questões assim um bocadinho pessoais do foro

do funcionamento da família” (¶11), mas parece-lhe que sim, pois do que tem ouvido, das suas colegas de equipa, “todos têm reagido bem” (¶11).

Habitualmente é “a mãe” (¶12), o elemento da família que está maioritariamente presente na realização da EBR. Joana também já teve “casos que vem o pai” (¶12) mas sempre que isso acontece é por “impossibilidade de vir a mãe” (¶12), e não por opção do casal em ir o pai. Joana dá o exemplo de um pai: “a minha esposa não pôde vir porque o horário não dá...” (¶12). Joana refere que “poucas vezes” (¶12) “ou nenhuma” (¶12) tem na implementação da EBR “os dois presentes” (¶12), talvez também por pedir para nesses momentos “não trazer as crianças...e às vezes fica um com as crianças e o outro vem” (¶12).

Joana realiza habitualmente a EBR na instituição onde está sediada a sua ELI, por ser “um local neutro” (¶13), onde podem estar “sossegadinhos” (¶13), e os pais vêm com o tempo destinado como “sendo para isto” (¶13), enquanto em casa o dividem com outras tarefas, como por exemplo: vão “pôr o lanche” (¶13), “toca a campainha” (¶13), cuidam da criança ou crianças e dão atenção à restante família. Assim, enquanto os pais puderem deslocar-se à instituição para realizar a EBR, ou seja, enquanto tiverem a possibilidade e poderem despende esse tempo para se deslocar lá Joana continuará a proceder desta forma.

Durante a conserva com as famílias, Joana procura perguntar “por todos” (¶14) os elementos da família “em todas as rotinas” (¶14), considera isso importante, e uma forma de incluir e potenciar o envolvimento destes no processo.

Através da EBR Joana obtém informações que com outro tipo de instrumentos ou situações considera difícil, como “a integração...digamos social da criança” em cada “tarefa”. “De que forma ela está envolvida com todas as pessoas da família...em que sítio da casa está a fazê-lo”, esse tipo de respostas. Considera que os outros “instrumentos” avaliam “a criança naquele momento” em que está com ela ou com a equipa, apenas nesse momento, enquanto a avaliação com as rotinas “não é tanto assim”, dá informações não só daquele momento específico, como do dia-a-dia em família e de pormenores que muitas vezes escapam às avaliações tradicionais.

Joana explica: “por exemplo na questão da alimentação” (¶15) se olharmos apenas de uma forma geral “ele come sozinho” (¶15) e não perguntarmos “em que sítio está a comer e o que é que as outras pessoas estão a fazer” (¶15) pouco iremos perceber sobre o verdadeiro comportamento da criança nesse momento. Joana continua: “pôr o menino a comer enquanto os outros estão a conversar é claro que ele

não vai estar a comer...pôr o menino na sanita, enquanto estão a dar banho a um...estão lavar os dentes...o menino não vai estar concentrado no que está a fazer, nem na época do desfralde vai estar a ver a irmã a tomar banho...o pai a lavar os dentes...a mãe a conversar com o pai e até se esquece do que está ali a fazer” (¶15). Por isso é importante não só saber se ele é capaz ou não de fazer, como de que forma o faz, e em que momentos é mais autónomo, se se envolve e participa mais e o porquê. Segundo Joana a EBR dá “informação muito válida sobre as rotinas que noutros instrumentos é impossível” (¶15).

Quadro 32. *Síntese das Perspetivas de Joana na Participação da Família na EBR.*

<b>Participação da Família na EBR</b>	
<b>Reações das famílias</b>	“(…) têm reagido sempre bem..se bem que foi feito sempre em famílias que já nos conheciam...já tínhamos à vontade...não sei se os casos daqui para a frente (...) se vão reagir bem logo na primeira porque entramos em questões assim um bocadinho pessoais do foro do funcionamento da família...mas parece-me que sim e do que eu ouço das minhas colegas todos têm reagido bem (...)”. (¶11)
<b>Elementos da família que participam</b>	“ A mãe (...) no meu caso sempre que vem o pai foi por impossibilidade de vir a mãe...não foi por opção vai o pai (...) poucas ou nenhuma vezes tive os dois presentes...até porque eu peço para não trazer as crianças...e às vezes fica um com as crianças e o outro vem (...)”. (¶12)
<b>Locais ou contextos da avaliação com a EBR</b>	“Eu costumo fazer aqui...na instituição (...) às vezes em casa depois (...) chega alguém e é sempre mais difícil então eu peço para virem cá...um local neutro...estamos aqui sossegadinhos (...) há famílias que não podem as minhas colegas têm de fazer em casa na hora do apoio (...)”. (¶13)
<b>Estratégias que potenciam o envolvimento da família</b>	“(…) eu vou perguntando por todos em todas as rotinas (...)”. (¶14)
<b>Informação obtida com a EBR</b>	“(…) de que forma ela está envolvida com todas as pessoas da família (...) dá informação muito válida sobre as rotinas que noutros instrumentos é impossível”. (¶15)

### **Identificação de prioridades e recursos da família:**

Joana faz a identificação das redes de apoio e recursos da família, para esse fim utiliza o Ecomapa, e fá-lo “numa cartolina” (¶17), considera que assim além de ser “mais fácil” (¶17), e embora não sendo tão bonito como feito “no computador” (¶17), o facto de serem “os pais a colar e a pôr...eles começam a ter noção de coisas que até nem tinham noção...que tinham tanto...tanto apoio” (¶17) Joana refere que, por vezes eles dizem: “ai a mim ninguém me ajuda” (¶17), e quando vão a ver, depois de fazer o Ecomapa dizem: “é isto tudo?” (¶17), Joana responde: “pois é isto tudo” (¶17).

Assim, de forma a ser a família a realizar o Ecomapa, Joana leva “já as coisinhas...uns quadrinhos...cartolina de uma cor...cartolina de outra e eles colam...escrevem” (¶17), “e fica o Ecomapa deles” (¶17). No fim, muitas famílias

“têm...surpresas” (¶17), que para ela não são, pois já sabe que à partida quando dizem: “eu não tenho nada...toda gente me vira as costas...” (¶17) não é bem assim, não é tão verdade quanto isso, e eles acabam por perceber também isso nesse momento.

Joana refere que faz sempre a identificação das prioridades da família aquando da aplicação da EBR, mas sente que isso, por vezes, lhe traz algum desconforto, pois “há famílias” (¶16) cujas prioridades “estão erradas” (¶16) e que não lhes pode dizer.

Segundo ela, e de forma a explicar a afirmação anterior, “há famílias que não têm noção do atraso que a criança tem...por variadas razões...há famílias que mesmo o caso sendo grave, ainda não têm noção ou ainda não fizeram o luto e estão na fase da negação” (¶16), e por isso as suas prioridades acabam por não ir de encontro à realidade da criança, há famílias de meios “rurais que não têm tanta formação, não sabem o que é que as crianças deveriam saber naquela altura” (¶16), e essas crianças, muitas vezes em casos “de quatro, cinco anos, que estão na pré, estão para ir para a escola” (¶16), se “a professora diz que está tudo bem” (¶16) eles acham que “as prioridades é que eles vão para a escola com seis anos” (¶16) e não, por exemplo, “que é que saiba as cores...que identifique os animais...”(¶16). Portanto “nem sempre” o que lhe dizem “como prioridades” (¶16) “dá para formular os objetivos e o plano de tratamento” (¶16), mas considera que tem “sempre em conta tudo” (¶16) o que eles dizem.

Joana continua a explicar o seu ponto de vista, dando um exemplo de um caso que teve, “um menino com problemas sérios de saúde e desenvolvimento” (¶16), que aquando da implementação da EBR, na parte de identificação de prioridades, a mãe referiu que a sua “principal prioridade” (¶16) era resolver “a situação da tosse” (¶16) do menino, pois “todo o ano tossia” (¶16). “Para a mãe o único problema dele era a tosse” (¶16), não dando ênfase aos outros problemas como: “baixo peso...baixa estatura...atraso cognitivo...atraso motor...dificuldades visuais sérias” (¶16). E Joana neste caso julga que se fosse “só a ver por aí ele nem tinha critérios para ser apoiado” (¶16) “se o único problema dele fosse a tosse” (¶16).

Joana considera que só aquilo que é importante/prioritário para os pais, muitas vezes, como neste caso, não chega, que é sim necessário “explicar muito bem aos pais” (¶16) a situação da criança, tentar “ouvir a prioridade” (¶16) e registar “sempre” (¶16), mas “de qualquer forma nem sempre” (¶16) utilizar só isso dá.

Joana considera a identificação das prioridades e dos recursos da família importante para o processo de apoio “quando os pais têm noção...ou pelo menos um bocadinho de noção do problema da criança” (¶18). Contudo, considera que nem sempre pode “exigir isso dos pais porque os pais nem sempre têm formação” (¶18). Julga que “o básico eles sabem” (¶18), como “o andar, o falar, o comer, o desfralde...” (¶18), mas “depois o que deve saber aos três anos, o que deve saber aos quatro, o que deve saber aos cinco” (¶18), e posteriormente, nem sempre sabem. Por exemplo, se é uma criança que até vai ao infantário, “porta-se bem” (¶18), e “a educadora diz que está tudo bem” (¶18), “mas que aos cinco anos pinta fora dos contornos...não pega bem na caneta...” (¶18), os pais, ao não terem “noção que isso que pode revelar atraso” (¶18), e, que por isso, precisa de apoio, não vão apresentar prioridades que vão de encontro a esses aspetos.

Outros exemplos de Joana para esta questão são: quando há pais que percebem bem que o menino “não é perceptível a falar” (¶18) “aos três” (¶18) anos, e continuam a achar que ele irá com o tempo conseguir, sem apoio, falar de forma perceptível, e que por isso, não consideram isso prioritário; quando há pais que dizem, ainda com o filho aos dois anos de idade, que já “tem um atraso” (¶18) e não tem; e quando há pais que acham que as crianças por ainda serem pequenas que ainda irão atingir certos marcos do desenvolvimento, que é uma questão de tempo, negando “as alterações motoras” (¶18) já existentes, não vendo isso como um problema, uma preocupação, uma prioridade.

Por todos estes exemplos, e por outros mais com que Joana se cruza diariamente, no seu trabalho com as famílias em IP, é tão difícil para ela utilizar as prioridades destes pais para o estabelecimento de objetivos para o plano de intervenção. Muitas vezes tem mesmo nestes casos de começar por trabalhar “com a família...a questão de aceitar a criança” (¶18) e “as limitações da criança” (¶18).

Quadro 33. *Síntese das Perspetivas de Joana na Identificação de Prioridades e Recursos da Família.*

<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	
<b>Identificação das redes de apoio e dos recursos da família</b>	“(…) fazemos um ecomapa numa cartolina (…) eu levo já as coisinhas…uns quadradinhos…cartolina de uma cor…cartolina de outra e eles colam…escrevem eles…e fica o ecomapa deles (…)”. (¶17)
<b>Identificação de prioridades da família</b>	“Faço (…) há famílias cujas prioridades eu não posso dizer que estão erradas mas (…) há famílias que não têm noção do atraso que a criança tem…por variadas razões (…) nem sempre o que me dizem como prioridades me dá para formular os objetivos e o plano de tratamento…noutros casos dá…mas eu tenho sempre em conta tudo o que eles me dizem de qualquer forma (…)”. (¶16)
<b>Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos</b>	“(…) fazemos um ecomapa (…)”. (¶17)
<b>Relevância da identificação prioridades e recursos</b>	“(…) considero importante quando os pais têm noção (…) do problema da criança só que nem sempre posso exigir isso dos pais porque os pais nem sempre têm formação (…) é importante ir registando as prioridades mesmo (…) naquelas situações que eu sei á partida que não vão ajudar muito na formulação dos objetivos e do plano de tratamento (…)”. (¶18)

### **Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

Joana avalia os níveis de envolvimento da criança nos momentos de rotina perguntando é o que é que a criança “está a fazer” (¶19), o que é que parece aos pais, se lhes parece que está a ser fácil para a criança fazer aquilo, como é que lhes “parece que ele está” (¶19), “se está a gostar se não está a gostar” (¶19), se “está feliz no que está a fazer” (¶19), se ele costuma gostar, se “ele repete a seguir…sem a mãe lhe pedir” (¶19). Segundo ela “é tudo muito de acordo com o que os pais acham” (¶19) e “depois dependendo dos níveis” (¶19) “de entendimento dos pais” (¶19) ela decompõe “a pergunta ou não” (¶19), mas resumidamente “é isso” (¶19) que quer saber.

Em relação aos níveis de autonomia da criança nos momentos de rotina Joana pergunta “sempre” (¶20) aos pais: “acha que ele consegue fazer isso? ele leva a tarefa até ao fim?” (¶20). Isto porque, segundo ela, há muitos pais que dizem “sim ele consegue” (¶20), mas depois, em visitas posteriores, apercebe-se que a criança consegue mas não da forma que devia.

Joana tenta saber se a criança faz as atividades sozinha nos momentos de rotina ou se não faz, e quando não o faz, o porquê, se é por ter ajuda ou por existir “uma dificuldade motora” (¶20), e por isso, para não escaparem pormenores pergunta “aos pais assim muito decomposto” (¶20) a “atividade por momentos” (¶20), como por exemplo: “quem lhe preparou a comida no prato? Quem lha serviu? Quem lhe pôs o prato à frente?” (¶20), “Foi ele que cortou a comida?” (¶20), “Come a comida toda?”

(¶20), “Come a comida por inteiro?” (¶20), “No vestir a mesma coisa...quem lhe pôs a roupa para ele vestir?” (¶20), “Ele veste sozinho?” (¶20), “Ele fez sentado...fez de pé?” (¶20), “Ele calça os sapatos?” (¶20), “Pé direito no pé direito pé esquerdo no pé esquerdo?” (¶20), e o mesmo com as atividades anteriores e seguintes da criança nos momentos da rotina.

Acerca das relações sociais da criança nos momentos de rotina Joana procura avaliar perguntando, dependendo do contexto, por exemplo nas saídas, como a criança se comporta fora de casa: “No fim de semana costuma ir a algum sítio?” (¶21), “Como é que ele se porta lá? Ele come com o avô igual ao que come com a mãe?” (¶21), “Ele comporta-se na mãe como se comporta em casa?” (¶21), “E nos tios?...E quando vão ao café como é que ele faz?” (¶21). Joana coloca este tipo de questões, indo de encontro ao pormenor.

Quadro 34. *Síntese das Perspetivas de Joana na Identificação das Competências da Criança.*

<b>Identificação das Competências da Criança</b>	
<b>Avaliação dos níveis de envolvimento da criança</b>	“Geralmente é o que é que ele está a fazer (...) “parece-lhe (...) que está a ser fácil para ele fazer isso? que está feliz no que está a fazer? ele gosta? ele repete a seguir? sem a mãe lhe pedir?” (...) depois dependendo dos níveis (...) de entendimento dos pais eu decompou a pergunta ou não...mas é isso que eu quero saber”. (¶19)
<b>Avaliação dos níveis de autonomia da criança</b>	“Pergunto sempre...”acha que ele consegue fazer isso? Ele leva a tarefa até ao fim?” (...) tenho de perguntar aos pais assim muito decomposto...alguns pais não explicam logo (...) tenho de partir assim a atividade por momentos (...)”. (¶20)
<b>Avaliação das relações sociais da criança</b>	“(...) quando é só em casa (...) faço as questões do costume...quando quero saber como se comporta fora costume perguntar (...) como é que ele se porta lá? (...)”. (¶21)

### **Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

Joana seleciona os objetivos de intervenção, “como a EBR determina...de acordo com as prioridades” (¶22) da família, mas considera que “nem sempre dá” (¶22), e quando não dá, Joana traça os objetivos “de acordo com o que está estipulado para a idade” (¶22), “num desenvolvimento normal” (¶22). Joana confessa selecionar desta forma por não conseguir “de outra maneira” (¶22).

Para explicar o seu ponto de vista, Joana volta a falar no exemplo de um caso seu, o menino que a mãe dizia que o único problema era a tosse. Joana confessa que não fez os objetivos só com o que a mãe lhe disse, que não podia, a mãe descrevia-lhe as rotinas, “algumas com alterações” (¶22), uma por exemplo, “aos cinco anos era a

mãe que lhe metia a comida” (¶22) na boca e dizia estar “satisfeita...com o grau cinco” (¶22), para Joana ela tinha-se acomodado “totalmente” (¶22), e não achava correto não pôr como objetivo a criança “passar a comer sozinho” (¶22). Ela sentiu que nesse momento “não podia era ligar aquilo que estava estipulado” (¶22), sabia que aquilo “não era prioridade da mãe” (¶22), mas considerava que tinha de o pôr como prioridade de intervenção.

Joana confessa que neste momento ainda não está a formular “objetivos funcionais” (¶23), contudo tenta definir os objetivos “o mais funcional possível” (¶23). Refere que “provavelmente agora vá começar” (¶23), e que não está ainda a fazê-los porque sente “alguma dificuldade” (¶23) dada a sua área ser a “motora” (¶23).

Joana depois de estipular os objetivos, implementa-os, para isso mostra-os à família, e esta, “geralmente” (¶24), “mesmo não tendo referido” (¶24) “como preocupação” (¶24), “como problema” (¶24) aqueles objetivos, concorda, e deste modo, Joana começa a trabalhar com a família.

“Quando a questão é só motora” (¶24) geralmente Joana não trabalha “só um objetivo de cada vez...porque a sessão depois cria-se monótona” (¶24), escolhe “dois ou três” (¶24) e vai “trabalhando” (¶24) até verificar que “estão alcançados” (¶24). Joana dá um exemplo de como verifica se o objetivo foi ou não alcançado pela criança: se uma criança tem como objetivo “subir e descer escadas” (¶24), e já “sobe escadas duas três vezes de forma normal direitinha...lanços de escadas diferentes” (¶24) Joana conclui que à partida o objetivo estará atingido. Mesmo assim pergunta “à mãe se ele em casa” (¶24) já consegue, uma vez que a mãe, por exemplo na EBR tinha referido: “tem dificuldade em subir aquela escada quando nos vamos vestir” (¶24) ou “quando estamos a chegar” (¶24), e se a mãe diz que a criança em casa já consegue, o objetivo é considerado alcançado, e pode-se assim prosseguir para outros.

Quadro 35. *Síntese das Perspetivas de Joana em Relação aos Objetivos Funcionais.*

<b>Objetivos Funcionais</b>	
<b>Seleção de objetivos</b>	“(...) como a EBR determina...de acordo com as prioridades...defino objetivos...os principais problemas que os pais definem (...) nem sempre dá (...) quando (...) não posso é de acordo com o que estará estipulado para a idade dele...num desenvolvimento normal (...)”. (¶22)
<b>Definição de objetivos</b>	“Neste momento ainda não estou (...) a definir objetivos funcionais...tento o mais funcional possível mas aquelas normas (...) ainda não faço assim (...) provavelmente agora vá começar mas ainda não estava a fazê-los porque algumas coisas tem alguma dificuldade (...)”. (¶23)
<b>Implementação de objetivos</b>	“Eu estipulo os objetivos...mostro á família...geralmente a família mesmo não tendo referido isso como preocupação...como problema...habitualmente concordam e vamos trabalhando (...)”. (¶24)

## **Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

Joana refere que o que a motiva a utilizar a EBR é o facto de conseguir compreender verdadeiramente “as questões do funcionamento da criança...e do desenvolvimento dela” (¶25) que não conseguiria numa outra avaliação. Confessa que a parte de se “cingir só às prioridades da família” (¶25) não a “motiva tanto” (¶25), motiva-a sobretudo “perceber o comportamento” (¶25) das crianças, “a questão motora das crianças” (¶25), que considera que “varia muito” (¶25) de contexto para contexto.

A Joana interessa-lhe perceber, em termos de intervenção, até onde pode ir, e considera conseguir isso se “a mãe” (¶25) lhe disser como a criança “se comporta em casa dela...em casa dos avós...” (¶25), ou seja como se comporta em vários contextos.

Joana expõe como dificuldades à implementação da EBR “o tempo que os pais têm que disponibilizar” (¶26) para irem ter com ela, conversar com ela; e, em alguns casos, o conseguir “tirar informação” (¶26) “produtiva” (¶26). Joana refere nem sempre conseguir dos pais a informação que quer, “porque nem sempre eles explicam da melhor maneira” (¶26), devido às experiências de vida, escolaridade, e meio envolvente.

Joana continua a explicar o porquê dessa última dificuldade, e dá um exemplo: “tenho um caso que eu apoio que a mãe é formanda aqui tem deficiência intelectual e os avós também...nem sempre ela me explica...a menina foi operada no outro dia e eu dizia: O médico disse-te porque foi operada a menina? e ela disse: aos ouvidos. Porquê? E ela assim: porque ela tem uma otite...não é uma otite mas é como se fosse mas não tem nada a ver com otite...e eu disse já percebi...mas tive que ligar para o médico a perguntar para me explicar, porque por mais que eu lhe perguntasse a resposta dela era sempre esta: é otite não é uma otite mas é como se fosse mas não tem nada a ver... e é difícil eu perceber...e muitas vezes a informação vem assim” (¶26).

Outras vezes, por exemplo, Joana pergunta o que a família está a fazer aquando da descrição dos momentos da rotina enquanto a criança está a fazer determinada atividade, e os pais respondem: “olhe num sei...”(¶26) ou “não está a fazer nada...”(¶26). E são este tipo de respostas que Joana vê como informação em que não consegue “tirar nada” (¶26). Mas como os casos que apoia não são todos assim, Joana tenta adaptar-se e ultrapassar estas dificuldades.

Joana atribui vantagens à utilização da EBR no apoio às famílias em Intervenção Precoce. Considera que a EBR está relacionada “com o apoio à família em IP” (¶27) que é feito “nas rotinas e de acordo com as rotinas” (¶27), e que este tipo de apoio parece-lhe “importante porque ajuda os pais a ter noção de como deveria ser aquela rotina” (¶27), e permite aos profissionais orientá-los para que a rotina seja o mais adequada possível à criança.

Joana refere que “uma criança que está completamente inserida na rotina e que os pais têm noção de como as coisas devem ser” (¶27) consegue mais facilmente fazer a aquisição de conhecimentos necessários para agir em determinadas situações/tarefas/atividades, em contrapartida, “quando as rotinas estão completamente desestruturadas...quando a criança não tem bem noção do papel que deve ocupar naquela rotina é difícil” (¶27) essa aquisição. Desta forma, as famílias que se encontram na segunda situação, segundo Joana, necessitam de apoio.

Os profissionais de IP, segundo Joana, devem explicar à família: “vai-se fazer assim...deve ser assim...” (¶27), sem “impor” (¶27), tentando fazer a família compreender que “deve ser assim porque se for assim” (¶27) talvez a criança reaja “de maneira diferente” (¶27). Assim, os pais “vão percebendo onde está o erro” (¶27), que por vezes “nem é erro” (¶27), mas em que há necessidade “de criar adaptações” (¶27) na rotina por forma a auxiliar a criança a fazer as aquisições necessárias.

Perto do final da entrevista foi questionado à Joana se considerava necessário obter mais alguma formação que lhe permitisse melhorar a utilização da EBR com as famílias que atende na sua ELI, Joana respondeu: “sim...o saber não ocupa lugar” (¶28). Como há sempre momentos em que sente dificuldade, em que tem dúvidas sobre qual a melhor forma de apoiar a família, qual a melhor estratégia numa determinada situação ou qual a melhor forma de contornar um obstáculo para conseguir o que pretende, considera que “nunca seria demais” (¶28) se houvesse formação que conseguisse “elucidar” (¶28) a equipa “sobre essas coisas” (¶28). Confessa que, no entanto, já se sente “mais segura a aplicar a EBR” (¶28), mas “de qualquer forma...ouvir outras pessoas...nem que seja a contar como foi” (¶28), as dificuldades que sentiram, como resolveram a situação, ajuda sempre.

No final da entrevista Joana não considerou importante referir mais algum aspeto ou fazer algum comentário, apenas sorriu e referiu sentir que tinha falado “demais” (¶29).

Quadro 36. *Síntese das Perspetivas de Joana nas Vantagens e nas Dificuldades dos Profissionais na Utilização da EBR.*

<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>	<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>
<p>“O que me motiva é de fato perceber (...) questões do funcionamento da criança...e do desenvolvimento dela...que não conseguia perceber numa avaliação (...) minha (...) técnica (...) motiva-me muito perceber o comportamento dos miúdos (...) há crianças que têm comportamento motor completamente diferente em casa do que têm connosco (...). (¶25)</p> <p>“(...) parece-me importante porque ajuda os pais a ter noção de como deveria ser aquela rotina e orientá-los (...) e os pais também vão percebendo onde está o erro (...). (¶27)</p>	<p>“(...) o tempo que os pais têm que disponibilizar para virem ter comigo...falar comigo...é uma dificuldade grande...e depois (...) em alguns casos tirar informação daí (...) nem sempre eles explicam da melhor maneira (...). (¶26)</p> <p>“(...) há coisas que eu vou sentindo dificuldade (...) há dúvidas que aparecem e que nunca seria demais se houvesse alguém que nos conseguisse elucidar (...) contar como foi: “senti essa dificuldade...resolvi assim...” dá-nos sempre uma ajuda melhor (...). (¶28)</p>

**Em síntese:**

No anexo F, apresento a sistematização e organização das perspetivas de Joana, no que concerne ao sistema de categorias que, juntamente com a minha orientadora desenvolvi para este estudo, nomeadamente: Processo de Utilização da EBR com as Famílias; Participação da Família na EBR; Identificação de Prioridades e Recursos da Família; Identificação das Competências da Criança; Objetivos Funcionais; Vantagens da Utilização da EBR e Dificuldades na Utilização da EBR.

## **Discussão dos Dados**

Os resultados apresentados anteriormente, de forma individual, encontram-se nesta secção cruzados. Pretendeu-se assim, por forma a compreender melhor o tema em estudo, estabelecer as similitudes e as diferenças entre as opiniões dos participantes, tecer considerações e relacioná-las com a literatura consultada, tendo por base as categorias e sub-categorias consideradas.

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias**

A EBR, de acordo com a perspetiva da maioria dos participantes do estudo, começa quando: o profissional de IP combina com a família uma data e um local que seja acessível à última e explica o que se pretende fazer nessa entrevista. Uma participante relata que nesse momento dá também informação sobre a duração habitual da entrevista e explica quais as vantagens dessa entrevista no processo de apoio em IP.

Esta perspetiva vai ao encontro da perspetiva de McWilliam (2001; 2005; 2010; 2012); e de Almeida e outros colaboradores (2011), que consideram ser fulcral preparar as famílias para a EBR, com pelo menos um dia de antecedência. Esta preparação consiste essencialmente em marcar dia e local que a família considere oportunos, deixar que seja a família a decidir também quem estará presente, e explicar em que consiste o encontro, ou seja, que no mesmo será implementada uma entrevista na qual terão de descrever os momentos de rotina do dia-a-dia em família.

Outra participante pede para que a família não leve a criança para estarem mais à vontade dado ser uma entrevista longa, em que é necessário ter disponibilidade de tempo e que o local seja/esteja calmo, este relato é consonante com a perspetiva de McWilliam (2012) que refere que a criança não tem de estar presente durante a EBR.

Outra participante refere ainda que a EBR inicia quando se faz o primeiro acolhimento à família. Salaria que não revela à família o conteúdo da entrevista ou o tipo de questões, nem o porquê da sua realização. Esta afirmação é contrária à perspetiva defendida por vários autores que valorizam a preparação da família para a realização da EBR (Almeida, et al., 2011; McWilliam, 2001; 2005; 2010; 2012).

McWilliam (2012) refere a importância de que a equipa decida o momento de aplicação da EBR. As opções sugeridas pelo mesmo são: no início na avaliação, entre

a avaliação e a reunião que diz respeito ao PIIP, ou durante esta última. A maioria das equipas tem optado por implementar a EBR durante a reunião relativa ao PIIP, contudo existe atualmente um acréscimo na escolha da implementação entre a avaliação da criança e a reunião do PIIP, porque as informações recolhidas com a EBR são consideradas fundamentais, devendo estas ser utilizadas na reunião para serem incluídas no PIIP (McWilliam & Clingenpeel, 2003; McWilliam, 2012).

No dia da aplicação da EBR, uma participante relata que, como explica antecipadamente às famílias o que iria acontecer, chegada a altura da entrevista começa logo pelas questões presentes no formulário da EBR. Pede para que estas se lembrem do máximo de coisas presentes em cada momento de rotina e que as exponham da forma mais precisa possível, pois considera que todos os pormenores são importantes. Outras pelo contrário relembram as famílias do porquê de ser feita esta entrevista, quais os objetivos da mesma, qual o tempo de duração habitual, qual a importância de fazer a entrevista com a família, o porquê de colocarem questões um pouco diferentes do que eles estariam à espera e o porquê de quererem saber tanto acerca do dia-a-dia deles, prosseguindo posteriormente para o formulário da EBR, seguindo o mesmo não de uma forma rígida mas como um meio de orientação.

Com o decorrer da conversa com as famílias, a maioria das participantes relata que, por vezes, certos tópicos importantes presentes no guião da EBR são ultrapassados, havendo a necessidade de colocar mais que uma vez algumas questões, ou de se aprofundar algumas respostas, ou mesmo de se colocar outras questões de forma a obter mais informação que possa ser útil no processo de apoio.

As famílias envolvem-se e participam na entrevista de forma diferente, por isso requerem uma atenção dirigida e única, pois umas conseguem em poucas respostas relatar todos os pormenores importantes enquanto outras é necessário decompor as questões e esmiuçar as respostas para ter toda a informação pretendida.

As rotinas abordadas durante a EBR são normalmente, de acordo com as participantes, as que estão nomeadas no guião da EBR. O deitar e o acordar, o almoço, o lanche e o jantar, o ir buscar à escola e ir levar à escola, os tempos livres, a higiene, o vestir e o despir, mas principalmente as refeições e a ida para a escola.

Segundo McWilliam (2005), diferentes famílias mencionam diferentes rotinas, diferentes tempos em que estas acontecem e diferentes formas de realizá-las.

As participantes relatam que fazem no final da descrição de cada rotina a avaliação da satisfação da família em relação a essa mesma rotina. Referem que as

famílias usualmente respondem sem dificuldade à questão, não havendo necessidade de outras estratégias para que a questão seja compreendida. A maioria das participantes questiona diretamente, utilizando uma escala de um a cinco, e explicando o significado de cada valor, qual o grau de satisfação com a rotina. Outra participante refere utilizar como estratégia um cartão, também com uma escala de zero a cinco, mas a cada valor corresponde uma emoção, desde muito triste a muito contente, de forma a tornar mais fácil a resposta para algumas famílias.

A família, ao selecionar as rotinas diárias que precisam de mais atenção, sente-se mais motivada a participar no processo, e está menos propensa a olhar para a intervenção como algo negativo, como "mais uma coisa a acrescentar ao seu dia", uma vez que a intervenção é incorporada em momentos de rotina que já têm ocorrência no dia-a-dia (Marshall & Mirenda, 2002).

As participantes costumam no decorrer da entrevista ter uma atitude de empatia, de disponibilidade, de forma a mostrar interesse no que está a ser relatado pela família. Utilizam como estratégias: ouvir com atenção/estar atento, ser simples e o mais verdadeiro possível, tentar abrir caminhos colocando questões sobre aquilo que eles estão a dizer, dar estratégias, não ter uma conversa forçada, acenar com a cabeça, manter o contato ocular/olhar para a pessoa, dar valor ao que é dito (com palavras, com gestos), dizer: "isso é importante".

McWilliam (2012) aponta que um princípio fundamental da abordagem centrada na família é a formação de parcerias efetivas entre a família e os profissionais, em que o respeito mútuo, o sentimento de igualdade, e a confiança estão presentes, permitindo tomadas de decisão em comum e intervenções direcionadas às prioridades salientadas pelas famílias.

McWilliam (2012) propõe, deste modo, estratégias fulcrais para que seja adotada uma atitude positiva em relação às famílias durante todo o processo de intervenção, como: criar oportunidades para o diálogo informal; reconhecer as qualidades das crianças e das famílias; incentivar os pais a dar opiniões e ideias; procurar entendimento; demonstrar preocupação com toda a família; reconhecer e corresponder aos sentimentos.

Quanto às pessoas envolvidas na EBR, as participantes expõem que nem sempre o pai e a mãe estão presentes, normalmente ou está um ou outro, ou até outro familiar, mas usualmente está presente a mãe.

As questões colocadas são dirigidas à pessoa presente, mas englobam não só esta última como também todas as outras que participam na rotina. Quando pai e mãe estão presentes há sempre um que participa mais que o outro, e ocorre complementarem-se ou contrariarem-se nas respostas dadas. O importante, segundo as participantes, é que ambos manifestem a sua opinião, bem como as pessoas que passam uma grande parte do tempo do dia com a criança, para conseguirem criar uma imagem o mais real possível de todos os momentos de rotina, bem como das prioridades e preocupações que cada um tem em relação à criança.

Quanto ao número de Profissionais envolvidos, as opiniões das participantes variam, entre apenas o mediador de caso; o mediador de caso e mais um profissional envolvido no caso (Profissional de Serviço Social ou de Psicologia); ou alguém da equipa com formação em EBR (Educadora). A literatura consultada refere que os Profissionais de IP consideram importante a presença de duas pessoas durante a EBR, para que a segunda pessoa possa realizar questões adicionais, tirar apontamentos, gerir interrupções, ou mesmo preencher um teste ou uma escala de avaliação do desenvolvimento (McWilliam, 2001; McWilliam & Clingenpeel, 2003; McWilliam, et al., 2009; McWilliam, 2012).

A EBR, segundo as participantes, varia em duração, de Profissional para Profissional, de família para família, pode durar uma média de duas horas; cerca de hora e vinte/hora e meia; cerca de vinte minutos/meia hora; ou até haver a necessidade de se prolongar para outro domicílio, mas maioritariamente prevalece entre uma a duas horas.

Os principais indicadores sobre a qualidade das entrevistas baseadas nas rotinas estão presentes na forma como o profissional de IP aborda esta entrevista com as famílias. Este deve demonstrar escuta ativa perante o que a família lhe está a transmitir; colocar perguntas de profundidade; desenvolver a conversa; colocar questões proativas sobre o desenvolvimento da criança; realizar perguntas adequadas, eficientes e úteis; demonstrar comportamentos não-verbais; questionar sobre o meio social de cada rotina; compreender a opinião dos cuidadores principais sobre a sua interpretação e avaliação de cada rotina e da acção da criança sobre as mesmas; gerir a conversa; e criar empatia (McWilliam, et al., 2009).

## **Participação da Família na EBR**

A reação das famílias perante a EBR, segundo as participantes, costuma ser positiva, e referem nunca ter tido uma reação negativa, contudo por vezes, algumas famílias deixam escapar algum desagrado/desconforto e até mesmo alguma resistência devido à duração da mesma (por ser longa e por terem pouco tempo disponível), e pelo tipo de questões, quando não percebem bem a importância das mesmas no processo de apoio.

Segundo McWilliam e Freund (2006), a entrevista deve ser o mais individualizada possível e sensível face às reações da família.

A EBR é considerada como um dos elementos-chave para os Profissionais de IP terem sucesso nas visitas domiciliárias, uma vez que dá importância a todos os membros da família, e procura salientar aquilo que os pais consideram prioritário na intervenção e nas suas vidas, aquilo que estes gostariam de mudar/atingir para tornar as suas rotinas diárias mais satisfatórias (McWilliam, et al., 2009; McWilliam, 2012).

Habitualmente é a mãe que participa na EBR, por vezes aparece o pai por impossibilidade de ir a mãe, ou até por vezes, e mais raro, o casal, mas quem está presente neste momento participa, podendo ser a avó ou outro membro da família. Esta entrevista, usualmente é realizada em domicílio, contudo depende da preferência das famílias, se preferem em casa, na instituição, no centro de saúde, na creche/jardim-de-infância ou outro sítio. Algumas participantes referiram que dão preferência que a EBR seja preenchida na instituição, pois acompanham as crianças em contexto de creche/jardim-de-infância.

As participantes referem que utilizam estratégias de forma a potenciar o envolvimento da família na EBR, tais como: por a família ou o elemento presente perto para que consiga ver o que está a ser escrito/registado, convidar outros elementos presentes a participar, questionar sobre os outros elementos da família que estão presentes diariamente nos momentos de rotina (o que estão a fazer em cada momento da rotina e o que poderiam fazer para ajudar na rotina), questionar se há algo que preocupa a família em relação a outros elementos da família. Estas estratégias vão ao encontro dos itens propostos na Lista de Verificação da Implementação da EBR por McWilliam (2012).

A EBR permite identificar as preocupações e as prioridades da família, para que a equipa saiba quais os objetivos funcionais que a família pretende que sejam definidos e incluídos nos contextos e nos momentos de rotina diária da família.

### **Identificação de Prioridades e Recursos da Família**

Segundo todas as participantes, a identificação das redes de apoio e dos recursos da família é uma parte integrante do processo de apoio às famílias. Esta identificação pode ser feita quando se preenche a ficha de caracterização da família que é anterior à aplicação da EBR, mas pode também ser novamente discutida posteriormente, quando já há uma maior abertura com a família e se vai conhecendo outros apoios e recursos não mencionados anteriormente pela mesma. Por vezes, há a necessidade da equipa levar já uma lista dos recursos existentes na comunidade para que a família tenha assim conhecimento de onde pode procurar ajuda.

Uma das participantes referiu também que esta identificação é útil apenas quando os objetivos traçados para intervenção ultrapassam questões meramente familiares. Esta perspetiva é contrária à perspetiva de Brofenbrenner (1979/1996) que defende que o desenvolvimento do ser humano relaciona-se, direta ou indiretamente, com todo o contexto onde este ocorre, que não compreende apenas o indivíduo, mas também sistemas contextuais dinâmicos e modificáveis, e em constante desenvolvimento (Garbarino & Ganzel, 2000; Portugal, 1992; Sameroff & Fiese, 2000).

Guralnick (1997, 2005), salienta que o papel dos factores contextuais (apoio social prestado pela família, amigos, comunidade em geral; a disponibilidade de recursos financeiros e materiais; o nível de stress matrimonial; as práticas parentais e as expectativas de desenvolvimento estabelecidas pelos padrões intergeracionais e culturais; entre outros) juntamente com as características individuais da criança, são grandemente responsáveis pelos padrões mais próximos das interações familiares, que influenciam o desenvolvimento da mesma.

O instrumento utilizado para a identificação das redes de apoio e recursos, segundo as participantes, é o *Ecomapa*. Como é feito o *Ecomapa* pode divergir de equipa para equipa, há quem leve já impresso e pronto a preencher, e há quem faça no próprio momento, por exemplo com cartolina, para serem os pais a fazer o preenchimento e a colagem de quadrinhos de cartolinas de cor diferente.

Segundo Jung (2012) a construção do Ecomapa deve ser um processo colaborativo entre a família e o profissional. A informação recolhida será essencial para conceber a intervenção e coordenar os apoios que são significativos e relevantes para a família, além disso, possibilitará aos profissionais envolvidos no processo de apoio à família a planificação de uma intervenção que vá ao encontro das suas prioridades.

O *Ecomapa* permite que o profissional ajude a família a identificar as suas próprias fontes de apoio, promove o locus de controlo interno e autonomia da mesma, e reforça a relação profissional-família (Almeida, et al., 2011).

A identificação das prioridades da família é uma parte da EBR considerada importante para as participantes. É a família que deve priorizar as suas preocupações, segundo a avaliação que fez de cada momento de rotina, pois só através desta identificação é possível ir ao encontro do que é essencial para a família. E só assim a família irá estar efetivamente a participar no processo de apoio, pois acredita que aquilo é o mais importante a trabalhar para um melhor funcionamento do dia-a-dia da família.

As perspetivas das participantes relativamente à importância da participação da família no processo de apoio em IP vão ao encontro da abordagem centrada na família defendida por vários autores na literatura atual. Nesta reside o reconhecimento de que as famílias são o contexto principal para a promoção e para o desenvolvimento da criança; o respeito pelas escolhas da família e pelos seus processos de decisão; o realce das capacidades e da força da criança e da família, e das colaborações entre família e profissional (Pereira & Serrano, 2014).

A equipa por outro lado mesmo que não concorde com as prioridades da família respeita e dá importância às mesmas. Tenta organizar-se para ir ao encontro dessas prioridades, tenta planear a intervenção segundo as mesmas e tem em conta as melhores estratégias para cada família.

### **Identificação das Competências da Criança**

A maioria das participantes revelou alguma hesitação/confusão na explicação deste passo importante de avaliação na EBR.

Segundo as participantes a avaliação das competências da criança é feita através da identificação e compreensão dos níveis de envolvimento, de autonomia e

das relações sociais da criança. Estes níveis são avaliados através dos relatos feitos pelas famílias em cada uma das rotinas.

As participantes ao avaliarem as competências da criança procuram compreender dentro de cada momento da rotina o que a criança faz naquele momento; se a criança tem algum relacionamento com os outros membros da família; se existem diferenças no comportamento da criança quando há saídas; qual a percepção do(s) cuidador(es) em relação ao estado emocional da criança e ao seu comportamento.

Algumas participantes referem que com a(s) mesma(s) pergunta(s) efetuadas para perceber o envolvimento da criança conseguem esclarecer as suas dúvidas sobre a autonomia e as relações sociais da mesma. Consideram ter dificuldade em separar estes três conceitos.

Aludem também que enquanto há famílias que relatam tudo e de forma clara, outras necessitam que os profissionais clarifiquem e exemplifiquem as questões que colocam.

Segundo McWilliam (2003), uma boa entrevista consegue recolher informação sobre o nível de desenvolvimento/capacidades físico, cognitivo, comunicativo, emocional/social e adaptativo atuais da criança. Este mesmo autor aponta que a intervenção pode ser posta em risco se o conteúdo da avaliação da criança não levar em consideração o comportamento da criança no contexto de rotinas diárias. Além disso, as avaliações tradicionais, como testes estandardizados e listas de verificação fora de contexto, colocam a família distante do processo de apoio, contrariando o que é recomendado atualmente como prática recomendada na avaliação (DEC, 2014).

## **Objetivos Funcionais**

As metas e os objetivos para o PIIP são elementos integrantes e unificadores entre a avaliação, o planeamento e a intervenção, possibilitando intervenções individualizadas e eficazes. A qualidade dessas metas e objetivos pode determinar ou, pelo menos, contribuir para a eficácia das intervenções (Boavida, Aguiar, McWilliam & Pimentel, 2010).

McWilliam (2012) refere que ainda nos dias de hoje as metas definidas para a família, na prática, não se encontram de acordo com o que a teoria propõe. Os objetivos continuam, em muitos casos, a ter uma correspondência direta com os serviços de que a Equipa/Comunidade dispõe. Contudo, a literatura aponta que devem ser os serviços a ir ao encontro das necessidades específicas de cada família, através

do mediador de caso, que deve fornecer aos pais todo o apoio necessário, seja ele informativo, emocional ou material.

Os objetivos para o PIIP são, de acordo com as participantes, selecionados de acordo com o que os pais consideram prioritário trabalhar naquele momento, em função do que é importante para eles, para o funcionamento do dia-a-dia deles e para o desenvolvimento da criança.

As participantes referem que tentam definir objetivos funcionais mas que nem sempre conseguem, constituindo-se para estas uma preocupação. Referem que este facto deve-se sobretudo à forma de funcionar das equipas em geral pois ainda continuam preocupadas com outros objetivos que não os funcionais.

Os objetivos, segundo as participantes, são selecionados de acordo com o que a família considerou como áreas prioritárias. O Profissional de IP ajuda a família na formulação desses objetivos, e posteriormente, pede à família que priorize esses objetivos, selecione qual(ais) é(são) o(s) que a irá(ã)o ser trabalhados primeiro e quais os seguintes.

Após a implementação da EBR, as participantes retiram os objetivos para o PIIP, definindo a partir destes as estratégias de implementação desses objetivos.

O uso e a fidelidade de implementação da EBR são aspectos fundamentais para que as metas e os objetivos, no âmbito do processo de apoio às famílias em IP, sejam descritos e implementados com qualidade (Boavida, Aguiar & McWilliam, 2013).

Os objetivos, de acordo com as participantes, devem ser definidos numa linguagem básica, clara e acessível à família em causa, devem englobar quantas vezes é necessário realizar as ações, em que momentos, e como as executar; num período de tempo curto. Devem ser objetivos que não interfiram muito na rotina dessa família, que ocupem momentos breves da rotina, de forma a não destabilizar o funcionamento do dia-a-dia daquela família.

Segundo as participantes, depois de definidos os objetivos, é deixada uma cópia desses objetivos e estratégias com a família. Magalhães e Pereira (2013) referem que as famílias valorizaram o facto de poderem aceder a documentos ou relatórios escritos sobre os resultados da avaliação da sua criança.

Muitas vezes, segundo uma participante, ainda são seleccionados objetivos a mais, julga que deviriam ser poucos, cerca de três ou quatro, para ser mais fácil a avaliação posterior de implementação.

Uma outra participante refere não definir/formular os objetivos todos de acordo com o que a família considera prioritário, alguns são definidos de acordo com o que a profissional considera importante a criança atingir em função da sua idade cronológica e do que era suposto esta ter atingido num desenvolvimento normal.

Boavida et al. (2010) referem que tanto o PIIP, como as metas e os objetivos são pobremente descritos, apresentam baixa funcionalidade e capacidade de medição e foco insuficiente nas rotinas naturais/diárias. Estes mesmos autores concluíram que a par de outros resultados de investigações presentes na literatura, as metas e os objetivos são de baixa qualidade, porque não cumprem os critérios de mensurabilidade, de funcionalidade, e da centralidade/tempo e espaço nas rotinas naturais/diárias.

Segundo Boavida et al. (2010) estudos recentes demonstram que existe um elevado número de metas e objetivos, e pouca especificação dos mesmos, um baixo nível de mensurabilidade, e ausência total de critérios para o desempenho bem-sucedido. E que o número elevado de metas se deva a uma dificuldade nos Profissionais de IP em identificar os comportamentos mais importantes de serem avaliados e no foco em satisfazer os requisitos processuais.

Os resultados de Boavida et al. (2010) apontam que o nível de qualidade das metas e objetivos pode dificultar ou facilitar intervenções eficazes. E que deve haver consciência de que a formação profissional é fulcral e constitui-se como uma necessidade, para que a intervenção seja mais adequada e eficaz possível.

As participantes, na sua maioria, confessaram que ainda não estão a utilizar os objetivos funcionais, mas que há essa preocupação e vontade em transpor a realidade teórica para a prática.

McWilliam, Casey, e Sims (2009), constataram, num estudo de investigação que realizaram, que a utilização da EBR se traduz na definição de objetivos mais funcionais. A este nível destaca-se ainda o estudo realizado por Boavida et al. (2013) que descreve e fundamenta em detalhe, os resultados obtidos por profissionais após terem realizado formação específica acerca da definição de objetivos a partir da utilização da EBR. Estes resultados evidenciam uma maior eficácia na elaboração de objetivos funcionais, após formação, e uma promoção de relações positivas com as famílias.

## **Vantagens da Utilização da EBR**

Todas as participantes consideram existir vantagens na implementação da EBR.

As participantes consideram ser uma maneira acessível de conhecer as rotinas das famílias que apoiam. Consideram também ser uma forma fácil de os profissionais conhecerem e conquistarem a confiança das famílias.

A EBR, segundo as participantes, ajuda a conhecer melhor a família, a identificar e a implementar os objetivos que são prioritários para a família, a ir ao encontro do que na verdade aquela família necessita. Referem que com a EBR a família acaba por participar em todo o processo de apoio, de uma forma otimizada, demonstrando sentir-se mais responsável pelos resultados que quer atingir. A família durante a EBR fala das suas preocupações, desabafa e ri, partilha não só os momentos da família menos bons como também os bons.

Uma participante confessa que considera a EBR útil em crianças dos zero aos três anos, e que a partir dos três anos depende dos casos.

Segundo Dionísio (2009), as vantagens relativas à utilização da Intervenção Baseada nas Rotinas dizem respeito a melhor aceitação por parte da família e da criança da aplicação deste tipo de abordagem e o facto de a intervenção ocorrer em situações reais e significativas.

## **Dificuldades na Utilização da EBR**

As dificuldades mais sentidas pelas participantes na implementação da EBR surgem essencialmente em situações como: nem sempre ter disponível outro profissional para fazer a aplicação da EBR; ser um processo demorado por vezes; encontrar dia, hora e local compatível com a família para a aplicação da entrevista; o fazer a entrevista propriamente dita; conseguir registar ao mesmo tempo que decorre a conversa com a família; quando a família é mais reservada ou desconfiada; quando se realiza a entrevista logo numa fase inicial do processo de apoio em que a família ainda não se sente à vontade para falar sobre questões tão íntimas; quando aquilo que a família vê como prioritário; quando a família não dá informação suficiente ou não consegue responder/expor/esclarecer de forma clara.

Dionísio (2009) concluiu no seu estudo de investigação que as dificuldades existentes neste tipo de entrevista devem-se sobretudo às características,

comportamentos e opiniões das famílias apoiadas, e em menor número a dificuldades em conhecer/compreender/aceitar as rotinas das famílias.

### Formação

A maioria das participantes considera que a formação que tiveram foi completa e que agora é fundamental praticar muito, e haver mais formações, para renovar conhecimentos, resolver dúvidas e trocar experiências. Insistem que a formação específica direcionada para a EBR deveria estar acessível a todos os Profissionais das ELI, e que deviam haver mais formações direcionadas/específicas para quem trabalha em IP.

Para uma participante é fundamental a continuação de Investigação Científica acerca da IP como forma de otimizar a prática profissional nesta área.

Os resultados do estudo de Bruder e Dunst (2005), demonstraram que as áreas de conteúdo específico para a prestação de serviços de IP não estão totalmente incorporadas no currículo dos profissionais de IP, e ainda menos nos currículos dos profissionais das áreas da saúde.

Segundo os mesmos autores, estes resultados criam desafios à prestação de serviços de qualidade em IP, sugerindo que os profissionais podem não estar preparados para atender às exigências do trabalho recomendado em IP ou em implementar práticas recomendadas.

Uma área que apresentou menos foco na formação de base dos profissionais em IP, neste estudo, foi a coordenação de serviços (esta é recomendada na literatura para a prestação de serviços em IP de qualidade). Os profissionais desconhecem ou conhecem ligeiramente o que na verdade é esta abordagem, o que pressupõe a premência de esta ser incluída o mais breve possível na formação de profissionais que poderão integrar as equipas de IP (Bruder & Dunst, 2005).

Outro aspeto importante é salientado por Alexander et al. (2007), que referem a necessidade de formação de toda a equipa para que se possa operacionalizar um trabalho transdisciplinar e de qualidade.

Boavida, Aguiar, McWilliam, e Correia (2013) referem que a formação é eficaz na melhoria da qualidade das metas e dos objetivos para o PIIP e PEI.

A resistência a novas abordagens, possivelmente causadas pela ignorância ou por uma sensação de ameaça, pode ser anulada ou diminuída com formação de base

e contínua, sendo esta um ótimo apoio na mudança de crenças e atitudes (Alexander, et al., 2007).

Segundo Bruder e Dunst (2005), a forma mais adequada de melhorar a prática e de eliminar aspetos que vão contra o que é recomendado como práticas de qualidade em IP, seria: que a formação de base dos profissionais, nomeadamente no ensino superior, contivesse diretrizes específicas, de acordo com as práticas recomendadas na literatura para a IP (IP centrada na família, ambientes naturais, PIIP, coordenação de serviços, entre outros); e que os países adotassem normas que especificassem as áreas de competência que são necessárias para que alguém possa integrar numa ELI.

Pereira e Serrano (2010) defendem igualmente a importância da formação, e apontam para a necessidade de o desenvolvimento profissional, em IP, se constituir como um processo constante e permanente, que se inicia aquando da formação inicial ou de base, e que se prolonga durante toda a atividade profissional. Para esse fim, relevam a necessidade de se investir em diferentes modalidades de formação e de investigação, que permitam promover e construir conhecimento, adquirir competências, adequar atitudes, e qualificar o desempenho profissional, para melhorar a qualidade dos serviços e dos apoios prestados às famílias em IP.

Boavida (2013) considera que é necessária uma revisão ou atualização da formação, a fim de acomodar as necessidades dos profissionais, e mais oportunidades de aprendizagem ao longo do tempo, garantindo o aumento do tempo para a integração de uma quantidade considerável de novos conhecimentos e, assim, apoiar mais uma mudança de crenças anteriores.

### **Apreciações Gerais**

Uma participante confessou que apesar de considerar a EBR um instrumento que todos os profissionais de IP deveriam conhecer, não é um instrumento que obrigatoriamente deve ser utilizado todas as vezes, pois considera haver casos em que não se justifica a aplicação de uma EBR.

Uma participante como desabafo realça que tudo seria mais fácil e feito de uma forma mais correta se houvesse mais tempo, se para cada mediador de caso não houvesse tantas crianças. Refere que neste momento as ELI estão sobrecarregadas com o número de crianças a precisar de apoio e que os reforços prometidos nunca mais passam efetivamente do papel para a realidade.

Outro aspecto realçado por uma participante foi a importância de se referir a utilização da avaliação dos momentos de rotina no contexto de Jardim-de-infância. Considera importante esse trabalho realizado com as Educadoras e bastante produtivo tanto para os Profissionais de IP como para as Educadoras, como uma boa forma de conhecer melhor as áreas mais fortes e menos fortes da criança e acima de tudo como uma forma de as Educadoras organizarem o seu tempo de trabalho com o grupo.

Dionísio (2009), no seu estudo, concluiu que os profissionais percebem crenças positivas relativamente à Intervenção Baseada nas Rotinas.

Verificou que o tempo de experiência em IP, a constância de ações de formação em IP e a formação de base não influenciam as percepções dos profissionais no que diz respeito às práticas implementadas e às práticas recomendadas pela investigação.

Os profissionais presentes no estudo supracitado, na sua maioria, conhecem a intervenção baseada nas rotinas, e expõem que esta é um tipo de intervenção que tem por base a incorporação de estratégias de intervenção no funcionamento e rotinas de cada família, e que é de difícil aplicabilidade. Uma outra parte significativa, no entanto, refere não saber em que consiste este tipo de intervenção.

Uma mínima percentagem destes profissionais referiu considerar a avaliação baseada nas rotinas como uma componente importante deste tipo de intervenção, enquanto a maioria mencionou não ter conhecimento da entrevista.

McWilliam, et al. (2009) destacam, como resultado do estudo de investigação que realizaram, que as famílias em que foi utilizada a EBR demonstraram maiores níveis de satisfação com o processo de desenvolvimento do PIIP, em comparação com o grupo de famílias em que não foi utilizada a EBR. Por último, os objetivos escritos através dos resultados da EBR eram mais funcionais comparativamente com os objetivos escritos com as famílias e profissionais que não utilizaram a EBR.



## CONCLUSÃO, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo são expostas as conclusões consideradas mais relevantes para a finalidade do estudo, bem como algumas reflexões resultantes da análise da literatura revista. São também exibidas as limitações do estudo, e por fim, algumas recomendações e sugestões para futuras investigações.

Pretende-se com este estudo direcionar o olhar tanto dos profissionais que apoiam as famílias em IP, como de todos os que têm responsabilidade pela formação nesta área científica.

Neste sentido pretendemos sintetizar alguns dos resultados obtidos neste estudo destacando o facto de não existir um momento específico de implementação da EBR, pois este varia de profissional para profissional e de equipa para equipa, podendo ocupar um dia ou prolongar-se por outras visitas domiciliárias. Este dado é contraditório com a perspetiva de McWilliam (2012), pois este autor refere a necessidade de se estabelecer um momento específico para a implementação desta entrevista.

A EBR começa portanto quando o Profissional de IP combina com a família uma data e um local que lhe seja acessível e lhe explica o que se pretende fazer nessa entrevista.

No decorrer da entrevista com a família, as participantes utilizam uma atitude de empatia, de disponibilidade, de forma a mostrar interesse no que está a ser relatado. Estes princípios vão ao encontro da perspetiva de Brotherson, Summers, Bruns, e Sharp (2008), que referem ser fundamental o profissional de IP ter a sensibilidade necessária para se adaptar a cada família e de estabelecer com a mesma uma relação de parceria, respeito, confiança, partilha e compreensão. Contudo, algumas das participantes confessaram, que por vezes, dão conselhos e/ou fazem juízos de valor sobre o comportamento e as práticas da família em determinados momentos de rotina, mesmo sabendo que isso não é recomendável. Este dado é contraditório com a perspetiva de McWilliam e Freund (2008) e McWilliam (2012), que alertam sobre a importância de na EBR os profissionais não darem conselhos ou fazerem juízos de valor, pois essa atitude coloca a família num papel passivo e apenas de ouvinte, ou seja, num papel oposto ao que se pretende no apoio às famílias em IP.

O número de Profissionais envolvidos na implementação da EBR é variável, embora exista sempre a salvaguarda de que o profissional que a implementa tenha

formação específica na intervenção baseada nas rotinas e especificamente na utilização da EBR.

A reação das famílias perante a EBR, segundo as participantes, costuma ser positiva, contudo, por vezes, algumas famílias deixam escapar algum desagrado/desconforto e até mesmo alguma resistência devido à duração da entrevista (por ser longa e por terem pouco tempo disponível). Este dado deve suscitar alguma reflexão nomeadamente sobre a pertinência de simplificação da EBR. Esta reflexão poderá ser realizada com as famílias e os profissionais que as apoiam.

As participantes referem que utilizam estratégias de forma a potenciar o envolvimento da família na EBR, salientando que a identificação das redes de apoio, dos recursos e das prioridades da família é uma parte fundamental da EBR.

Apesar das participantes considerarem a identificação das prioridades da família fulcral, na prática continua a existir dificuldade em aceitar, apesar da formação e da experiência em implementar a EBR, as prioridades da família, e em posteriormente focar a intervenção nessas prioridades. Esta dificuldade acaba, por vezes, por levar as participantes a não incluir as prioridades da família no plano individualizado de intervenção precoce. Este dado remete-nos para a necessidade de existir mais formação e simultaneamente de uma maior adequação da supervisão para que possam existir momentos de reflexão que sejam potenciadores da mudança de atitudes acerca da adequação das práticas relacionais e participativas em IP.

A supervisão em IP deve edificar um processo contínuo de desenvolvimento profissional, de atualização e de aperfeiçoamento de saberes e práticas. Esta deve focar e incentivar a reflexão acerca das práticas, e motivar a utilização de novas abordagens, para a reconstrução da qualidade dessas práticas. Os participantes devem ser convidados a partilhar, a refletir e a articular os seus saberes e práticas em busca de compromissos de qualidade (Parlakian, 2002).

Segundo as participantes a avaliação das competências da criança é feita através da identificação e compreensão dos níveis de envolvimento, de autonomia e das relações sociais da criança, considerando no entanto que têm dificuldades em distinguir estes três pilares do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Almeida et al. (2011) referem que o entrevistador para distinguir estes três pilares pode colocar as questões presentes no guião da EBR e refletir sobre as respostas dadas pela família, nomeadamente: como é o envolvimento da criança – “como e quanto participa a criança na rotina?”; como é a independência da criança – “quanto pode a criança fazer

por si mesma?"; e como são as relações sociais da criança – “como é que a criança comunica e se relaciona com os outros?”.

As participantes, na sua maioria, confessaram que ainda não estão a definir objetivos funcionais, embora refiram que existe preocupação e vontade em iniciar esta utilização. Saliendam as dificuldades que têm na definição deste tipo de objetivos, embora considerem que os objetivos não devem interferir nas rotinas da família. Como as profissionais salientam ainda dificuldade na definição de objetivos funcionais, consideramos que os momentos de formação e supervisão poderão contribuir para o domínio desta competência, utilizando-se para tal a discussão real de casos, bem como a possibilidade de se treinar a definição dos mesmos.

A supervisão deverá perspetivar momentos de discussão e reflexão em equipa para que os profissionais que ainda não têm formação sobre intervenção baseada nas rotinas, possam compreender toda a envolvência do processo de definição e implementação de objetivos funcionais, e desta forma, trabalharem em equipa utilizando as mesmas estratégias de apoio.

Todas as participantes referiram existir vantagens na utilização e implementação da EBR. Consideraram que a EBR, ajuda a conhecer melhor a família, a identificar e a implementar os objetivos que são prioritários para a família, a ir ao encontro do que na verdade aquela família necessita, destacando que a EBR facilita e otimiza a participação da família em todo o processo de apoio.

Segundo McWilliam et al. (2009), a EBR é um método promissor para a recolha de informações sobre as rotinas diárias, as atividades e os eventos da criança e da família, que são importantes para formulação de objetivos funcionais para a intervenção, intervenção essa que se prevê que faça a diferença na vida das crianças e das suas famílias.

As participantes afirmaram que a EBR lhes permite organizar e redirecionar as suas práticas profissionais, pois consideram que ao realizar esta entrevista se sentem mais próximos das famílias e ajudam a concretizar intervenções mais significativas, e direcionadas para toda a família.

As participantes referem, como obstáculos a uma utilização e implementação de qualidade da EBR, o facto de nem sempre terem disponível outro profissional de IP para fazer a aplicação da EBR, sendo este fulcral para registar o que é salientado e refletido pela família, ao mesmo tempo que decorre a conversa com a família; de existir dificuldade em estabelecer com a família um dia, uma hora e um local compatível para

a aplicação da entrevista; e quando a família não dá informação suficiente ou não consegue responder/expor/esclarecer de forma clara ao que é questionado.

A maioria das participantes considera que a prática é fundamental para uma eficiente implementação da EBR, bem como a participação em formações/"briefings", direcionados/específicos para quem trabalha em IP, para renovar conhecimentos, resolver dúvidas e trocar experiências.

A premência de formação especializada e em serviço para os profissionais de IP, como meio de facilitação de adoção e aceitação de novas práticas, mudança de comportamentos e atitudes enraizadas e de alcance de objetivos significativos nas famílias apoiadas, pelos profissionais, é também sustentada por vários autores (Alexander et. al, 2007; Boavida, 2013; Boavida, et. al, 2013; Bruder & Dunst, 2005; Pereira & Serrano, 2010, 2014).

As participantes alertam para a necessidade de as formações serem acessíveis a todos os profissionais das ELI, uma vez que atualmente, isso não acontece, o que leva a que posteriormente, dentro de uma mesma equipa, as práticas sejam diferentes. A este nível sugere-se a possibilidade do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI) organizar módulos de formação a nível nacional que possam responder a este tipo de necessidades dos profissionais de IP.

As participantes alertam também para a necessidade de que haja o aumento dos recursos humanos nas equipas, desabafam que se sentem sobrecarregadas com o número de crianças que apoiam, o que se traduz em falta de tempo para que se envolvam de forma efetiva e positiva com cada família que apoiam.

Almeida (2007) refere que existe um conjunto de impedimentos ou barreiras (tempo disponível para a IP, tempo disponível para cada caso, localização territorial dos casos, tempo para trabalhar em equipa, entre outros) a uma prestação de apoio de qualidade às famílias em IP, que inviabiliza a implementação das práticas recomendadas, nomeadamente a transdisciplinaridade no trabalho da equipa, a abordagem centrada na família, e a inclusão e a valorização dos contextos naturais. O número de casos abrangidos por profissional é assim considerado como excessivo, uma vez que o profissional não consegue operacionalizar as recomendações acerca das práticas validadas pela investigação.

## **Limitações**

As limitações encontradas neste estudo foram essencialmente: a pouca abrangência (número reduzido de profissionais que participaram); a pouca prática (dos profissionais na implementação da EBR); as condições da entrevista (dificuldade em encontrar horário compatível com as entrevistadas, necessárias várias deslocações da investigadora, espaços físicos em que decorreu a entrevista); a limitação temporal de realização do estudo; o escasso número de estudos realizados e de informação sobre a EBR presentes na literatura; e a utilização no estudo de apenas um instrumento de recolha de dados (entrevista semiestruturada).

Consideramos que apesar das limitações deste estudo, as reflexões suscitadas, podem ter influência ao nível das práticas em IP, nomeadamente na forma de implementação e de adequação da EBR por parte dos profissionais, uma vez que a EBR é considerada por vários autores já mencionados na revisão da literatura, como um instrumento de avaliação que se sustenta nas práticas recomendadas em IP.

## **Recomendações**

Considera-se como recomendação para futuros estudos a necessidade de compreender quais as perspetivas das famílias em relação aos benefícios da utilização da EBR, bem como as suas vantagens e desvantagens. Outro estudo também importante seria compreender a utilização da avaliação dos momentos de rotina no contexto de Jardim-de-infância, uma vez que o trabalho realizado entre profissional de IP, família e educadora pode ser bastante produtivo na promoção de um desenvolvimento otimizado à criança.

McWilliam, Casey e Sims (2009) salientam a necessidade de realização de investigação sobre a eficácia da EBR, de modo a recolher uma base de evidências para a sua validação empírica.

Outra recomendação é que sejam reunidos, num futuro próximo, esforços para que as políticas de IP incluam critérios de seleção dos profissionais que integram as equipas locais de intervenção, esses critérios devem ser rigorosos e focar-se na experiência, na formação especializada e em serviço dos profissionais.

McWilliam e colaboradores (2009) focam também que a EBR necessita de esforços, não só de investigação, como também de formação dos profissionais e

desenvolvimento de materiais para aquisição e treino de competências relativas a este instrumento; e de definição de critérios de implementação.

Os profissionais devem também ser sensíveis e empáticos com o processo, e estar sempre a par do que é recomendado pela investigação, bem como dispostos e cooperantes nas mudanças de comportamentos e atitudes que isso possa acarretar no apoio às famílias.

As entidades formadoras devem também ser sensíveis à mudança e promover nos profissionais competências necessárias a uma prestação de serviços/apoios de qualidade em IP.

As formações e os cursos desenvolvidos e dirigidos para estes profissionais, ou para público-alvo que possa estar envolvido direta ou indiretamente com a IP, deve estar acessível a todos. Uma das apreciações negativas feitas pelos profissionais relativamente à formação, nomeadamente sobre a EBR, debruçou-se no fato de esta apresentar um custo elevado, não permitindo que a equipa toda pudesse participar, e consequentemente a que dentro da equipa apenas os elementos que participaram na formação estejam a implementar a EBR.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexander, D., Ebersohn, L., Ferreira-Prevost, J., & Maree, J. (2007). Exploring facilitation skills in transdisciplinary teamwork. *International Journal of Adolescence and Youth*, 13, 257-284.
- Almeida, I. C. (2007). *Estudos sobre a intervenção precoce em Portugal: Ideias dos especialistas, dos profissionais e das famílias*. Unpublished Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto, Porto.
- Almeida, I., Carvalho, L., Ferreira, V., Grande, C., Lopes, S., Pinto, A., Portugal, G., Santos, P., & Serrano, A. (2011). Práticas de intervenção precoce baseadas nas rotinas: um projeto de formação e investigação. *Análise Psicológica*, 1 (29), 83-98.
- Bagnato, J. S. (2007). *Authentic assessment for early childhood intervention: Best practices*. New York: The Guilford Press.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Boavida, T. (2013). *Promoting the quality of individualized education plan (IEF) and individualized family service plans (IFSP) goals and objectives*. Dissertação de Doutoramento, ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.
- Boavida, T., Aguiar, C., & McWilliam, R. A. (2013). A training program on the quality of IEP/IFSP goals and objectives through RBI. *Topics of Early Childhood Special Education*, 20 (10), 1-12.
- Boavida, T., Aguiar, C., McWilliam, R. A., & Correia, N. (2013). *Results from a training program to improve IFSP/IEP goals and objectives through the routines-based interview*. In T. Boavida (2013). *Promoting the quality of individualized education plan (IEF) and individualized family service plans (IFSP) goals and objectives* (pp. 79-99). Dissertação de Doutoramento, ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.

- Boavida, T., Aguiar, C., McWilliam, R. A., & Pimentel, J. (2010). Quality of individualized education program goals of portuguese preschoolers with disabilities. *Infants and Young Children*, 23 (3), 233-243.
- Boavida, T., Akers, K., McWilliam, R. A., & Jung, L. A. (2013). *Rasch analysis of the routines-based interview implementation checklist*. In T. Boavida (2013). *Promoting the quality of individualized education plan (IEP) and individualized family service plans (IFSP) goals and objectives* (pp. 59-77). Dissertação de Doutoramento, ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brotherson, M. J., Summers, J. A., Bruns, D. A., & Sharp, L. M. (2008). Family-centered practices: Working in partnership with families. In P. J. Winton, J. A. McCollum, & C. Catlett, *Practical approaches to early childhood professional development: Evidence, strategies, and resources*. Washington, Dc: ZERO TO THREE.
- Bruder, M. & Dunst, C. (2005). Personnel preparation in recommended early intervention practices: degree of emphasis across disciplines. *TECSE*, 25 (1), 25-33.
- Carpenter, D. R. (2002). Exigências éticas na investigação qualitativa. In H. J. Streubert & D. R. Carpenter, *Investigação Qualitativa em Enfermagem* (pp. 37-48). Loures: Lusociência.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Decreto-Lei n.º 281/2009. D. R. I Série. Nº 193 (06-10-09). Disponível em <https://www.dgs.pt/sistema-nacional-de-intervencao-precoce-na-infancia.aspx>.
- Dionísio, S. (2009). *A intervenção precoce nos ambientes naturais - Os técnicos do projeto integrado de intervenção precoce do distrito de Coimbra*. Unpublished Monografia, Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Departamento de Psicologia, Faro.
- Division for Early Childhood. (2014). *DEC Recommended practices in early intervention / early childhood special education 2014*. Disponível em <http://www.dec-sped.org/recommendedpractices>.

- Dunst, C. J. & Bruder M. B. (2002). Valued outcomes of service coordination, early intervencion, and natural environments. *Exceptional Children*, 68 (3), 361-375.
- Dunst, C. J. & Bruder, M. B. (1999). Family and community activity settings, natural learning environments, and children´s learning opportunities. *Children´s Learning Opportunities Report*, 1(2). Disponível em [www.fipp.org](http://www.fipp.org).
- Dunst, C. J. & Swanson, J. (2006). Parent-mediated everyday child learning opportunities: II. Methods and procedures. *CaseinPoint*, 2(11), 1-19. Disponível em [www.fipp.org](http://www.fipp.org).
- Dunst, C. J. (2000). *Revisiting “rethinking early intervention”*. *Topics in Early Childhood Special Education*, 20 (2), 95-104.
- Dunst, C. J. (2001). Participation of young children with disabilities in community learning activities. In M. Guralnick (Ed.), *Early Childhood Inclusion: Focus on Change* (pp.307-333). Baltimore: Brookes.
- Dunst, C. J. (2006). Parent-mediated everyday child learning opportunities: I. Foundations and operationalization. *CaseinPoint*, 2(2). Disponível em [www.fipp.org](http://www.fipp.org).
- Dunst, C. J., Trivette, C. M., & Hamby, D. W. (2007). Meta-analysis of family-centered helpgiving practices research. *Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Reviews*, 13, 370 – 378.
- Dunst, C. J., Trivette, C. M., Humphries, T., Raab, M., & Roper, N. (2001). Contrasting approaches to natural learning environment interventions. *Infants & Young Children*, 14(2), 48-63.
- Dunst, Raab, Trivette, & Swanson (2012). Oportunidades de aprendizagem para a criança no quotidiano da comunidade. In R. McWilliam. *Trabalhar com as Famílias de Crianças com Necessidades Especiais* (pp. 73-106). Porto: Porto Editora.
- Fiese, B. H., Tomcho, T., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). Fifty years of research on naturally occurring rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16, 381-390.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusociência.
- Guerra, I. C. (2010). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia.

- Guralnick, M. J. (1997). Second generation research in the field of early intervention. In M. Guralnick (Ed.), *The Effectiveness of Early Intervention* (pp. 3-20). Baltimore, MD: Paul Brooks.
- Guralnick, M. J. (2005). An overview of the developmental systems model for early intervention. In M. J. Guralnick (Ed.), *The Developmental Systems Approach to Early Intervention* (pp. 3-28). Baltimore: Brookes.
- Jennings, D., Hanline, M. F., & Woods, J. (2012). Using routines-based interventions in early childhood special education. *Dimensions of Early Childhood*, 40 (2), 13-23.
- Jung, L. A. (2012). Identificar os apoios às famílias e outros recursos. In R. McWilliam. *Trabalhar com as Famílias de Crianças com Necessidades Especiais* (pp. 19-38). Porto: Porto Editora.
- Jung, L., McCormick, K., & Jolivette, K. (2004). Early intervention in rural natural environments: Making the most of your time. *Rural Special Education Quarterly*, 23(3), 30-35.
- Magalhães, S. I. F. M. & Pereira, A. P. S. (2013). A avaliação do desenvolvimento em intervenção precoce: Percepções das famílias portuguesas. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 21 (1), 149-164.
- Manzini, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida, & S. Omote (orgs.). *Colóquios sobre Pesquisa em Educação Especial* (pp.11-25). Londrina: Eduel.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2004). Metodologia científica. São Paulo: Atlas.
- Marshall, J. K. & Mirenda, P. (2002). Parent-professional collaboration for positive behavior support in the home. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, 17, 216-229.
- McWilliam R. A. (1999). Es natural...proveer intervención temprana en los ambientes donde se necessita. Ideas que Funcionan – Oficina de Programas de Educación Especial de los EEUU, Universidade de Carolina del Norte, Chapel Hill.
- McWilliam, P. J. (2003). Planos de intervenção centrados na família. In P. J. McWilliam, P. J. Winton & E. R. Crais. Estratégias práticas para a intervenção precoce centrada na família (pp.111-138). Porto: Porto Editora.

- McWilliam, P. J. (2003). Repensar a avaliação da criança. In P. J. McWilliam, P. J. Winton, & E. R. Crais. *Estratégias Práticas para a Intervenção Precoce Centrada na Família* (pp. 65-79). Porto: Porto Editora.
- McWilliam, P. J. (2012). Conversar com as famílias. In R. McWilliam. *Trabalhar com as Famílias de Crianças com Necessidades Especiais* (pp. 143-164). Porto: Porto Editora.
- McWilliam, R. & Freund, P. (2006). *Implementation manual*. National Individualizing Preschool Inclusion Project. Center for Child Development, Vanderbilt University Medical Center, Nashville, Tennessee, 1-10. Disponível em <http://www.cde.state.co.us/sites/default/files/documents/early/downloads/prespedonlinecourses/integratedservicesnipip.pdf>.
- McWilliam, R. (2001). *Functional intervention planning: The routines-based interview*. INTEGRATE – Model for Natural Environments in Early Intervention, Department of Education, Office of Special Education Programs, United States. Disponível em <http://www.waisman.wisc.edu/birthto3/WPDP/RBI.pdf>.
- McWilliam, R. (2003). Giving families a chance to talk so they can plan. *News Exchange*, 8 (3), 3-6.
- McWilliam, R. (2005). Home-based services. In M. Wolery, R. McWilliam, & D. Bailey. *Teaching infants and preschoolers with disabilities*. Columbus, OH: Merrill. Disponível em [http://www.siskin.org/downloads/Home-Based\\_Services.pdf](http://www.siskin.org/downloads/Home-Based_Services.pdf).
- McWilliam, R. (2009). *Escala da funcionalidade dos objetivos*. TEIDS – Plus Study. Siskin Children’s Institute.
- McWilliam, R. (2010). Early intervention in natural environments: A five-component model. *Early Steps*. Disponível em [http://www.siskin.org/downloads/EINE\\_-\\_A\\_Five-Component\\_Model.pdf](http://www.siskin.org/downloads/EINE_-_A_Five-Component_Model.pdf).
- McWilliam, R. (2012). Don’t complicate early intervention: Focus on engagement, independence and social relationships. *Revista Diversidades*, 35, 7-9.
- McWilliam, R. A. & Clingenpeel, B. (2003). *Functional intervention planning: The routines-based interview*. National Individualizing Preschool Inclusion Project. Disponível em [http://www.siskin.org/downloads/Functional Intervention Planning - RBI.pdf](http://www.siskin.org/downloads/Functional_Intervention_Planning_-_RBI.pdf).

- McWilliam, R. A. (2003). *Entrevista baseada nas rotinas. Formulário da entrevista baseada nas rotinas*. Vanderbilt Center for Child Development. Traduzido da ANIP (2007).
- McWilliam, R. A. (2012a). Avaliar as necessidades das famílias através de uma entrevista baseada nas rotinas. In R. A. McWilliam. *Trabalhar com as Famílias de Crianças com Necessidades Especiais* (pp. 38-72). Porto: Porto Editora.
- McWilliam, R. A. (2012b). Visitas domiciliárias de apoio. In R. A. McWilliam. *Trabalhar com as famílias de crianças com necessidades especiais* (pp. 227-262). Porto: Porto Editora.
- McWilliam, R.; Casey, A.; & Sims, J. (2009). The routines-based interview: A method for gathering information and assessing needs. *Infants & Young Children*, 22 (3), 224–233.
- Mott, D. W. (2005). Conceptual and empirical foundations of resource-based intervention practices. *CaseinPoint*, 1(5), 1-6.
- Parlakian, R. (2002). *Reflective supervision in practice*. Washington, DC: ZERO TO THREE.
- Pereira, A. & Serrano, A. (2010). Intervenção precoce em Portugal: Evidências e consequências. *Inclusão*, 10, 101-120.
- Pereira, A. P. S. (2003). *Práticas centradas na família: Identificação de comportamentos para uma prática de qualidade no distrito de Braga*. Unpublished Mestrado, Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Braga.
- Portugal, G. (1992). *Ecologia do desenvolvimento humano em Brofenbrenner*. Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional, Aveiro.
- Raab, M. & Dunst, C. J. (2006). Checklists para promover as oportunidades de aprendizagem diária da criança mediadas pelos pais. *Casetools*. Disponível em [www.fipp.org](http://www.fipp.org).
- Rosa, M. & Arnoldi, M. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa: Mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sameroff, A. & Fiese, B. (2000). Transactional regulation the developmental ecology of early intervention. In S. Meisels & J. Shonkoff (Eds). *Handbook of Early Childhood Intervention* (pp. 135-159). Cambridge: Cambridge University Press.

- Serrano, A. (2000). A importância do apoio social numa perspectiva de intervenção precoce. *Revista Inclusão*, 1, 37-44.
- Serrano, A. (2008). *Redes sociais de apoio e sua relevância para a intervenção precoce*. Porto Editora.
- Serrano, A. (2012). Deixa-me fazer e eu aprendo: A aprendizagem da criança mediada pelos pais/prestadores de cuidados em contextos naturais. *Revista Diversidades*, 35, 10-12.
- Serrano, A. M. & Pereira, A. P. (2011). Parâmetros recomendados para a qualidade da avaliação em intervenção precoce. *Revista Educação Especial*, 24 (40), 163-180.
- Serrano, A. M. & Pereira, A. P. (2014). Early intervention in Portugal: Study of professionals' perceptions. *Journal of Family Social Work*, 17 (3), 263-282.
- Spagnola, M. & Fiese, B. H. (2007). Family routines and rituals: A context for development in the lives of young children. *Infants & Young Children*, 20 (4), 284-299.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2009). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Weatherston, D. (2010). Infant mental health home visiting strategies: From the parents' points of view. *Perspectives. Zero to Three*, 52-57.
- Woods, J. J. & Lideman, D. P. (2008). Gathering and giving information with families. *Infants & Young Children*, 21 (4), 272-284.



## **ANEXOS**

## Anexo A

### Resumo das Perspetivas de Beatriz

Categorias	Sub-Categorias	Excertos da Entrevista de Beatriz
<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	Planificação da avaliação com a EBR	“(…) combino com a família..escolhemos a melhor data (….) um dia que dê jeito à família (..) explico o que é que vai acontecer, para eles irem pensando também um bocadinho sobre o que vão falar (….)”. (¶1)
	Desenrolar da entrevista	“(…) como eu já explico antes o que vamos fazer depois é só dizer: “pronto vamos começar a fazer então a EBR vamos falar de todas as vossas rotinas (….) tentem lembra-se de todas as coisas possível, tentem descrever da melhor maneira possível tudo o que podem dizer que possa ajudar..todos os pormenores são importantes””. (¶2)
	Procedimentos utilizados para compreender os momentos de rotina da família	“(…) normalmente as famílias vão falando, vão descrevendo...eee quando eu vejo por exemplo que saltam alguma (….) etapa eu volto a perguntar por isso ou...faço com que as pessoas mentalmente façam o filme da rotina e se tentem lembrar o máximo de coisas possíveis”. (¶3)
	Importância da participação da família na EBR	“(…) às vezes (….) não conseguimos estar com os dois membros da família, com o pai e com a mãe, mas (….) há sempre rotinas em que participa mais (….) um membro do casal e há outras em que participa mais o outro (….) tentamos dar importância aos dois e que os dois relatem...eles às vezes complementam um ao outro ou até às vezes até se contrariam...mas tentamos que todos sejam importantes e todos tenham a oportunidade de dizer...o que realmente acontece, a sua opinião”. (¶4)
	Rotinas abordadas com mais frequência	“(…) rotinas normais...o acordar, o almoço, o lanche e o jantar (….) ir buscar á escola ir levar á escola também às vezes...mas as refeições e o sono talvez sejam aqueles que nomeiam mais”. (¶5)
	Estratégias e atitudes utilizadas para demonstrar interesse na informação prestada pela família	“Uma atitude de empatia...de..disponibilidade...de mostrar interesse e de ouvir com atenção tudo o que estão a transmitir”. (¶6)
	Avaliação do nível de satisfação da família	“Questiono, sou clara e direta...digo que (….) vamos avaliar a rotina de um a cinco e explico o que significa cada valor (….) e pergunto qual o grau de satisfação de cada rotina de acordo com essa (….) numeração”. (¶7)
	Tempo gasto na realização de uma EBR	“Ui!! depende muito (….) há casos em que demora muito mais que outros...mas às vezes é também porque se distanciam um bocadinho da EBR e vão falando de outras coisas (….) uma média de duas horas”. (¶8)
	Profissionais envolvidos na EBR	“Tento que sejam sempre dois, mas nem sempre consigo (….)”. (¶9) “(…) normalmente é a pessoa que está mais envolvida comigo nesse caso, pode ser a psicóloga, pode ser a assistente social mas em princípio é mais a psicóloga, mas acontece fazer sozinha”. (¶10)
<b>Participação</b>	Reações das famílias	“Reagem bem (….) nunca tive uma má reacção”. (¶11)
	Elementos da família que participam	“(…) quando não podem estar os dois...habitualmente é a mãe”. (¶12)

<b>da Família na EBR</b>	Locais ou contextos da avaliação com a EBR	“No domicílio sempre”. (¶13)
	Estratégias que potenciam o envolvimento da família	“(…) está perto de mim, vê o que estou a escrever e vai relatando e vou anotando e vou conversando com eles...acho que está envolvida sempre”. (¶14)
	Informação obtida com a EBR	“(…) coisas pequeninas que às vezes os pais não dão muito valor e acham que não é uma coisa muito importante...ou coisas (...) que eles contam naturalmente num tipo de entrevista destas e que...se não recorrêssemos a esse tipo de entrevista não viriam ter connosco a dizer (...) acabam por falar em coisas que se calhar não fariam noutra..noutro tipo de entrevista..noutro tipo de instrumento”. (¶15)
<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	Identificação das redes de apoio e dos recursos da família	“(…) a identificação das redes de apoio, recursos.....faço..normalmente quando preencho a ficha de caracterização da família que é anterior á aplicação da EBR (...) podemos voltar a discutir esse assunto (...) pode-se completar mas iniciar não é nessa altura”. (¶17)
	Identificação de prioridades da família	“(…) faço sempre a identificação das prioridades (...) explico (...) às famílias que....é importante eles dizerem o que eles realmente consideram importante (...) porque (...) quando não acreditamos que isso é importante e prioritário se calhar não fazemos...às vezes não se tem essa consciência...então tento sempre dizer: “escolha...vamos tentar escolher o que vocês...disto tudo, para vocês é mais urgente e mais necessário mais importante nesta altura, porque é isso que vos vai motivar a trabalharmos...esse aspeto””. (¶16)
	Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos	
	Relevância da identificação prioridades e recursos	“(…) se a família não identifica como uma prioridade também não vai trabalhar nisso, não vai....aderir a esse objetivo”. (¶18)
<b>Identificação das Competências da Criança</b>	Avaliação dos níveis de envolvimento da criança	“Os níveis de envolvimento avalio...pelo que os pais me dizem (...) os pais descrevem...e eu pelo que os pais descrevem consigo perceber se a criança está envolvida nessa rotina ou não...só assim”. (¶19)
	Avaliação dos níveis de autonomia da criança	“Da autonomia a mesma coisa (...) esse tipo de coisas avaliamos sempre também a nível de rotinas de jardim, a nível de rotinas de casa só pelo que os pais dizem mesmo...porque eu depois não estou lá a ver (...)”. (¶20)
	Avaliação das relações sociais da criança	“A mesma coisa”. (¶21)
<b>Objetivos Funcionais</b>	Seleção de objetivos	“(…) selecionamos os objetivos que os pais consideram prioritários (...) que acham mais importante trabalhar nesse momento e que é importante para eles e para o funcionamento do dia-a-dia deles e para o desenvolvimento da criança também”. (¶22)
	Definição de objetivos	“Tentamos..tento! definir objetivos funcionais..mas nem sempre consigo.....tenho essa preocupação (...) tem a ver também ainda se calhar com a forma de funcionar da equipa em geral e não só da minha...ainda estamos um pouco preocupadas (...) com outros objetivos que não os funcionais (...) toda gente faz assim...eu já tentei fazer de outra maneira eee....cansei-me”. (¶23)
	Implementação de objetivos	“(…) após a EBR (...) retiramos os objetivos da EBR para o PIIP...damos estratégias aos pais, tentamos (...) dar as melhores (...) maneiras de implementar esses objetivos”. (¶24)
		“(…) é uma maneira acessível de (...) saber coisas sobre as rotinas das crianças que não saberíamos de

<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>		<p>outro modo (...) acho que os pais estão à vontade normalmente e contam (...) coisas que de outra maneira não chegaríamos lá ou perderíamos muito mais tempo....acho que é uma maneira fácil de chegarmos aos pais (...) e também ajuda um bocadinho nos relacionamentos mais connosco....porque...cria-se alguma intimidade, apesar de tudo...as pessoas começam a falar de coisas do dia-a-dia deles que...acaba por haver um estreitamento de relações também na...durante a aplicação da EBR”. (¶25)</p> <p>“Se a EBR nos ajuda a conhecer melhor as famílias, nos ajuda a identificar (...) os objetivos que poderão ser mais funcionais para essa família...então está ajudarmos a apoiar essa família...e a ir de encontro ao que ela precisa”. (¶27)</p>
<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>	Formação	<p>“(...) nem sempre ter disponível outro técnico (...) para fazermos a aplicação...ser um bocadinho demorado por vezes (...)”. (¶26)</p> <p>“(...) eu acho que (...) a formação que tive foi (...) completa...e foi boa..por isso acho que agora é mesmo praticar muito (...) na formação a única coisa que falta é sempre a parte prática (...) Uma coisa é nós ouvirmos outra coisa é nós vermos fazer (...) se pudéssemos assistir a algumas EBR´s antes de aplicarmos (...) era o ideal (...)”. (¶28)</p>

## Anexo B

### Resumo das Perspetivas de Daniela

Categorias	Sub-Categorias	Excertos da Entrevista de Daniela
<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	Planificação da avaliação com a EBR	“(...) consulto (...) as famílias...para marcar o dia que seja mais...que tem mais...jeito para eles fazerem (...) a entrevista (...) explico para eles quanto tempo vai durar...se é possível se não é...o local onde eles querem fazer a entrevista...(...) faço uma pequena planificação (...)”. (¶1)
	Desenrolar da entrevista	“(...) eu inicio (...) explicando o porquê que é feita a entrevista..quais são os objetivos da entrevista (...) o tempo de duração da entrevista (...) a importância (...) de fazer essa entrevista com família (...)”. (¶2)
	Procedimentos utilizados para compreender os momentos de rotina da família	“Eu utilizo um guião...que é o guião da EBR (...) em que faço perguntas (...) como é que é o dia da família...como é que começa o dia da mãe...depois vou perguntando pela criança (...) quais são as rotinas da criança...o que ela faz em cada rotina (...) como estão os outros elementos da família (...) nessa hora da rotina...se a criança..se ela colabora...se não colabora...pronto tem o guião que vou seguindo”. (¶3)
	Importância da participação da família na EBR	“(...) eu atribuo principalmente se são pessoas (...) que estão muito tempo com a criança (...) (...) é lógico que o pai e a mãe são importantes (...) e geralmente ou um ou outro é que está...dificilmente estão os dois por questões de...de..trabalho de horário (...) mas pelo menos faço sempre perguntas se o pai está presente...quando o pai não está..se o pai está presente na rotina...o que é que ele colabora... porque é muito importante (...) também são os momentos em que as mães perguntam muitas coisas também em relação á criança (...) “que é que acha da nossa criança?” (...) “o que é que você sente...acha que vai melhorar?” (...) quando eu vou para a entrevista eu já vou mais ou menos quais são as pessoas...os elementos da família que são importantes para a família e se esses elementos não estão presentes na avaliação (...) eu faço perguntas em relação a essa pessoa (...) se há irmãos principalmente se há outras pessoas da família que estão presentes nas rotinas (...) tios tias primos...família alargada (...) quando moram com mais elementos da família juntos (...) eu procuro sempre..fazer perguntas sobre essas pessoas porque eu sei que são importantes na...na rotina da criança”. (¶4)
	Rotinas abordadas com mais frequência	“É o acordar (...) o pequeno almoço...a higiene...a alimentação...os tempos livres (...) e o dormir...dormir para eles é muito importante”. (¶5)
	Estratégias e atitudes utilizadas para demonstrar interesse na informação prestada pela família	“Eu procuro ser muito atenta (...) ás questões da família (...) procuro fazer as coisas muito certinhas...ou seja, telefonar..estar preocupada telefonar (...) estar atenta aos problemas da criança...deixar o meu telefone com as mães pra (...) se elas precisarem de alguma informação antes disso...pronto procuro estar atenta às necessidades deles (...) os pais acabam por perceber que (...) eu tou preocupada e atenta às situações”. (¶6)
	Avaliação do nível de satisfação da família	“(...) a nossa equipa fez um cartão com uma escala de zero a cinco (...) para tornar mais fácil para algumas famílias com os bonequinhos (...) desde o pouco satisfeito...muito pouco satisfeito (...) ser uma rotina completamente desagradável até ao muito satisfeito (...) eee..sempre depois da rotina eu peço (...) para os pais (...) indicarem qual é o nível de satisfação que eles têm naquela rotina...e depois nas visitas domiciliárias faço a mesma coisa”. (¶7)

	Tempo gasto na realização de uma EBR	“Hora e vinte..hora e meia”. (¶8)
	Profissionais envolvidos na EBR	“No momento um..dois no máximo”. (¶9) “(…) só a fazer as educadoras (….) porque a EBR é uma coisa que está a entrar devagarinho na nossa equipa..nós temos uma formação já agendada para fazer com os outros técnicos para explicar o que é a EBR (….) como é que é feita...os educadores foram os que tiveram formação em EBR são os que já estão a implementar a avaliação com a EBR”. (¶10)
<b>Participação da Família na EBR</b>	Reações das famílias	“Depende (….) há sempre aqueles que acham que é muito longa...que não têm tempo...há sempre aquelas famílias que nunca têm tempo para nada (….) alguns acham que (….) foram assim um pouco surpresos com as perguntas que a gente faz...mas pronto a gente explica direitinho para eles porque é que fazemos essas perguntas (….) em geral (….) aceitam bem...descrevem as rotinas...uma coisa que eles não entendem a gente explica e eles pronto...aceitam bem a entrevista”. (¶11)
	Elementos da família que participam	“(…) nas minhas é o pai e a mãe”. (¶12)
	Locais ou contextos da avaliação com a EBR	“Domicílio”. (¶13)
	Estratégias que potenciam o envolvimento da família	“(…) se os membros estiverem (….) em casa naquela altura eu convido a participar (….) se não só mesmo através (….) de perguntas que eu faço a quem estiver a fazer a entrevista porque....muitas das vezes o que acontece é que essas pessoas (….) não estão todos juntos (….) na hora da entrevista”. (¶14)
	Informação obtida com a EBR	“(…) das rotinas das crianças (….) as verdadeiras dificuldades que as crianças têm ao longo do dia...em cada rotina que ela tem (….) vai saber exatamente que tipo de...de..dificuldade ele tem...na hora em que você faz a entrevista...ou seja, a que horas que é mais importante trabalhar com aquela criança e a que horas que ele tem mais dificuldades (….) ou que a família percebe que ele tem mais dificuldades...também para poder planear de uma forma muito mais eficaz (….) para você conhecer uma criança verdadeiramente...e para você poder saber em que é que você vai...onde você vai agir...quais são os objetivos funcionais que você vai arranjar você tem de ter uma avaliação também da família..dos contextos...de todos os contextos...de todos os momentos de vida da criança..eu acho importantíssimo isso”. (¶15)
<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	Identificação das redes de apoio e dos recursos da família	“(…) a gente também tem de ter uma pesquisa dos recursos que há na área que às vezes as famílias não conhecem (….) com quem eles podem contar (….) o que se faz é um levantamento dos recursos (….) também para que a família saiba que pode procurar apoio nesses...nessas instituições e assim”. (¶18)
	Identificação de prioridades da família	“(…) você vai trabalhar a família o que importa ali é a família...portanto o que importa são as prioridades da família não são as suas prioridades (….) a família tem...tem que achar que é esse o problema ou me dizer qual é o problema que a criança tem, quais são as prioridades dela..pra eu trabalhar essas coisas...é a família sempre que vai (….) decidir isso (….)”. (¶16)
	Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos	“Ecomapa (….) faço o ecomapa”. (¶17)
	Relevância da identificação	“(…) a identificação das prioridades...é importante porque só assim vai conhecer a família vai conhecer quais são as

	prioridades e recursos	dificuldades vai saber onde trabalhar com as crianças (...) sem prejudicar a rotina da família (...). (¶16) “É importante porque ai a gente vai saber...mesmo a família vai-se aperceber aonde é que eles podem procurar apoio (...) com quem eles podem contar (...). (¶18)
<b>Identificação das Competências da Criança</b>	Avaliação dos níveis de envolvimento da criança	“Dentro da rotina...eu pergunto (...) o que a criança faz naquele momento (...) se ela colabora, se ajuda (...) como ela se comporta...como ela está naquele momento..faço perguntas diretas”. (¶19)
	Avaliação dos níveis de autonomia da criança	“Também pergunto a mesma coisa (...) coisas básicas..se faz, se participa, (...) se ela é capaz de (...) fazer uma certa atividade..se ela tem autonomia..é isso”. (¶20)
	Avaliação das relações sociais da criança	“Pergunto (...) se elas têm algum relacionamento com os outros membros da família, com os adultos, com as crianças...como é que é esse relacionamento...se ela brinca se não brinca...se ela procura..se as outras crianças também a procuram...se há crianças com quem ela (...) pode brincar (...) procuro saber na família se há crianças na aldeia, se (...) as crianças brincam umas com as outras, se frequentam a casa umas das outras...se estão no jardim de infância (...)”. (¶21)
<b>Objetivos Funcionais</b>	Seleção de objetivos	“Os objetivos são selecionados (...) pela mãe...é a mãe que vai me dizer quais são (...) as áreas problemáticas (...) eee quais são os objetivos (...) eu ajudo a formular os objetivos funcionais e ela depois vai priorizar esses objetivos, quais são os que a gente vai trabalhar primeiro (...) quais os que a gente vai trabalhar a seguir (...)”. (¶22)
	Definição de objetivos	“(…) muito definido..numa linguagem muito básica..que tenha quantas vezes vai fazer isso...em que momentos...e o que vai fazer...tudo muito claro...e de forma...(…) a não interferir muito na rotina dessa família (...) momentos breves e que não vai interferir muito na vida dessa família, que não vão mudar muito as rotinas...porque geralmente é um problema mudar as rotinas...muito complicado (...) nem se deve”. (¶23)
	Implementação de objetivos	“(…) geralmente deixo com a família (...) uma matriz (...) onde está lá muito bem explicado em quais os momentos, quantas vezes e quais são os objetivos funcionais que ela deve fazer...põe-se por um período de tempo curto dependendo do objetivo (...) e depois vai-se ver se esse (...) foi realizado, se foi fácil de realizar ou não...depois fazer a avaliação dos objetivos na próxima visita domiciliária”. (¶24)
<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>		“Conhecer a criança..as rotinas da criança..fazer melhor a avaliação..é isso que me motiva”. (¶25) “Eu acho que tem todas as vantagens...eles colaboram (...) acabam por participar também no crescimento da criança (...) no desenvolvimento da criança...vão trabalhar com a criança...vão ter consciência também em conversa (...) de varias situações que se passam no dia a dia deles que eles ás vezes não se apercebem (...) vão recebendo dicas (...) falam das preocupações...é uma forma também de desabafo (...) um momento muito importante por isso que eu acho que tem de ser um momento sem pressa (...) um momento calmo em que as famílias podem falar..porque depois eles falam...falam...riem-se...dizem as coisas que eles acham graça da criança..outras vezes põem para fora as preocupações que eles têm...preocupações graves..eu acho que é importante isso”. (¶27)
<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>		“Fazer as entrevistas propriamente ditas (...) ás vezes é difícil encontrar um tempo em que a família possa..em que ela esteja disponível (...) a minha dificuldade é essa...principalmente porque (...) a minha área geográfica de intervenção é muito grande e eu faço (...) entrevistas em sítios muito (...) distantes uns dos outros..sessenta quarenta sessenta quilómetros”. (¶26)
	Formação	“(…) eu acho que como tudo na nossa vida profissional quanto mais a gente conhecer quanto mais a gente souber melhor (...) eu procuro ler muito (...) muitas teses...procurar muita informação sobre as EBR’s porque eu acho que uma formação (...) só parece sempre um pouco incompleta...a gente quer mais (...) se aprofundar mais...saber

		<p>fazer melhor...eu acho que é muito importante a gente ter mais formação para a gente saber atualizar, melhorar...fazer as coisas de uma forma mais correta porque por mais que a gente se esforce há sempre um ponto que a gente pode melhorar alguma coisa (...) há sempre muitas dúvidas (...). (¶28)</p> <p>“(...) eu acho que (...) as formações deviam estar mais disponíveis...deveria haver mais formação (...)..que era preciso haver mais formação em EBR para as equipas...deveria haver (...) um consenso maior entre as equipas de trabalhar com a EBR porque nem todas as equipas trabalham nem todos os profissionais dentro das equipas trabalham...eu acho que era muito importante isso”. (¶29)</p>
--	--	---

## Anexo C

### Resumo das Perspetivas de Eva

Categorias	Sub-Categorias	Excertos da Entrevista de Eva
<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	Planificação da avaliação com a EBR	“(...) levamos já questões preparadas (...) no formulário...mas não mostramos antecipadamente as questões que vamos fazer (...) geralmente a EBR começa muitas vezes por ser iniciada (...) quando fazemos o primeiro acolhimento...elas já respondem a algumas questões e depois na continuidade (...) dos apoios com o gestor de caso depois vamos aprofundando um bocadinho (...) essa EBR sabendo quais as maiores dificuldades que as famílias têm...o que é que as crianças conseguem o que é que não conseguem (...)”. (¶1)
	Desenrolar da entrevista	“(...) as questões introdutórias geralmente (...) são baseadas nas rotinas da criança...começamos por perguntar (..) desde o levantar (...) como é que se processa (...) tudo o que envolve a rotina da criança...fazemos questões nesse sentido para depois (...) sabermos (...) como..dar resposta às dificuldades que as famílias têm em relação às crianças (...)”. (¶2)
	Procedimentos utilizados para compreender os momentos de rotina da família	“(...) como é que corre...por exemplo quando o bebé se levanta..se corre tudo bem...na hora da refeição como é que se processa..se conseguem comer se não consegue o que é que utilizam (...) na hora do banho como é que corre...quais as dificuldades que os pais sentem...e os pais vão desenvolvendo as conversas...às vezes basta dar uma ótima dica para eles depois começarem (...) a falar doutras coisas (...) vamos (...) registando o que nós achamos essencial (...)”. (¶3)
	Importância da participação da família na EBR	“(...) acho que todos os elementos da família são fundamentais (...) para nós percebermos o que está a volta da criança para a ajudarmos (...) muita vezes todos querem falar (...) tentamos valorizar toda a gente para poder...captar o máximo de informação no sentido depois de perceber o funcionamento da família para podermos ajudá-los (...)”. (¶4)
	Rotinas abordadas com mais frequência	“(...) a hora da refeição...eu acho que nomeiam com bastante frequência (...) tudo o que envolve a autonomia (...)”. (¶5)
	Estratégias e atitudes utilizadas para demonstrar interesse na informação prestada pela família	“(...) tentamos ser o mais (...) simples possíveis e (...) o mais verdadeiro possível e depois tentamos á medida que os pais vão falando á cerca dos problemas tentamos abrir caminhos (...) dar estratégias no sentido de “olhe se fizer assim...”, “experimente...”...damos já algumas dicas para que as famílias comecem a experimentar em casa (...) e depois nas outras visitas que tenhamos perguntamos...”então como é que correu?” (...) nós tentamos logo dar algumas estratégias de uma forma simples indo ao encontro da família que temos á frente (...) se for uma família já bem informada com as pesquisas que fazemos tentar dar coisas manuscritas mandar por email (...) se for uma família mais humilde que não tem às vezes nem computador (...) tem de ser através das conversas que vamos tendo com elas que vamos ajudando da melhor forma...arranjar brinquedos ou coisas que achemos que vão ao encontro da criança”. (¶6)
	Avaliação do nível de satisfação da família	“(...) isso fazemos sempre (...) depois de perguntarmos como corre a rotina temos (...) uma classificação para os pais refletirem acerca daquilo que dizem...como é que eles classificam aquela rotina (...) muitas vezes (...) de um a cinco eles

		dizem “ai realmente essa rotina corre muito mal e eu classificava com um dois” (...) “ai realmente eu precisava de muita ajuda nesta...” (...) isso depois também nos ajuda a nós nos direcionarmos mais para uma rotina ou outra. Eu acho que tentamos ser o máximo diretas (...) dizemos: “agora dependendo de todo aquilo que explicou agora gostava que avaliasse fizesse a auto avaliação daquilo que disse” (...) eles percebem logo muito bem e avaliam (...)”. (¶17)
	Tempo gasto na realização de uma EBR	“(...) geralmente é por volta de uma hora e meia..às vezes pode ser duas (...) depende muito dos pais...às vezes são mais precisos, respondem rápido e não prolongam as conversas (...) às vezes pronto eles começam a falar (...) pode-se prolongar por duas horas...duas horas e meia (...)”. (¶18)
	Profissionais envolvidos na EBR	“(...) geralmente três profissionais (...) às vezes pode estar dois..já houve momentos em que estiveram quatro (...) mas geralmente são dois/três que costumamos estar”. (¶9) “(...) quando recebemos a sinalização da criança (...) ao analisar aquele pequeno processo (...) já nos indica..já nos dá orientações..”olha esta menino acho que se calhar vai precisar de TF” ou indicações da educadora (...) ou relatórios médicos que tenham...e nós por exemplo casos que sejam sociais (...) “olha se calhar seria melhor estar a assistente social” (...) centralizar por exemplo uma zona vai este gestor”. (¶10)
<b>Participação da Família na EBR</b>	Reações das famílias	“(...) depende... uma vez por outra ficam de pé atrás mas...desde que nós expliquemos eles ficam a perceber”. (¶11)
	Elementos da família que participam	“Geralmente é a mãe (...) depende das pessoas que estejam lá em casa (...) muitas vezes também vem o casal...outras vezes vem a avó, o tio, a madrinha (...) e quem está participa (...)”. (¶12)
	Locais ou contextos da avaliação com a EBR	“(...) geralmente é (...) nos domicílios. Outras vezes (...) depende também (...) daquilo que as famílias querem (...) se elas preferem...”ai eu preferia que não fosse aqui em casa...” nós respeitamos isso quando não querem em casa...”então prefere que seja onde? Olhe pode ser no centro de saúde, pode ser no jardim de infância, na creche..como preferir”..geralmente nós damos abertura para que elas se sintam bem..onde elas querem”. (¶13)
	Estratégias que potenciam o envolvimento da família	“(...) a família para nós está acima de tudo (...) é sempre por aquilo que a família quer e pelas dificuldades que nós tentamos ir o máximo ao encontro da família isso é indiscutível”. (¶14)
	Informação obtida com a EBR	“(...) eu acho que a EBR (...) é um instrumento que nos ajuda (...) a saber..a perceber..o funcionamento da criança (...) percebemos as dificuldades (...) ao nível das funções do corpo..explicado pela mãe, ainda que tenha alguns relatórios, (...) percebemos (...) como é que a criança funciona, (...) que é o (...) necessário para irmos de encontro às necessidades e dificuldades que ela tem (...) é um instrumento excelente (...) muito bom...ajuda”. (¶15)
<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	Identificação das redes de apoio e dos recursos da família	“(...) sim (...) para perceber quem é que está á volta (...) da criança..e que outros recursos lhe podemos facilitar para que a criança tenha (...) mais sucesso possível (...) também é sempre uma das primeiras que fazemos (...) na reunião..de acolhimento (...) e realmente verifica-se que (...) há famílias que têm apoios (...) e há outras que não..quer sejam formais ou informais...pelo que elas dizem nos tentamos ajudar no máximo possível (...) encaminhá-las”. (¶17)
	Identificação de prioridades da família	“(...) fazemos a prioridade no fundo ao avaliar (...) já estamos a ver quais as prioridades delas..quais as maiores (...) necessidades e dificuldades (...)”. (¶16)
	Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos	“(...) fazemos sempre..um ecomapa (...)”. (¶17)

	Relevância da identificação prioridades e recursos	“(...) eu considero muito relevante essa avaliação porque depois também nos ajuda a..a organizar (...) as melhores estratégias para ir ao encontro das dificuldades (...)”. (¶16) “(...) nós ao ouvir (...) as..dificuldades que as famílias têm podemos (...) com muito maior facilidade (...) ajudá-las nesse sentido (...) tentar arranjar o máximo de estratégias (...) com a mãe, a mãe também colabora que é para depois dar continuidade (...) é muito em colaboração com a família...dar-lhe o maior suporte possível...que as famílias também tenham gosto e se empenhem (...) nestas tais dificuldades que as crianças têm...ajudá-las ao máximo”. (¶18)
<b>Identificação das Competências da Criança</b>	Avaliação dos níveis de envolvimento da criança	“(...) deixamos algumas estratégias á família “olhe experimente isto quando...” (...) no fundo é sempre falar daquilo que aconteceu para ver...e depois tentamos arranjar mais estratégias dependendo daquilo que ele faz que não faz...ajudá-las nesse sentido”. (¶19)
	Avaliação dos níveis de autonomia da criança	“(...) a autonomia eu valorizo muito e tento também dar essa (...) dica ás famílias que é fundamental (...) que eles comecem sozinhos (...) a fazer as coisas (...) tento sempre valorizar muito”. (¶20)
	Avaliação das relações sociais da criança	“(...) eu muitas vezes pergunto “então como é que tem brincado com ele? tem estado...” ás vezes há famílias que “ ai eu chego tarde a casa cansada tenho tanto que fazer e ele está ali a brincar...eu só quero que ele esteja ali a brincar..que não me chateie muito...”..essas coisas (...)”. (¶21)
<b>Objetivos Funcionais</b>	Seleção de objetivos	“(...) geralmente tentamos (...) que sejam poucos se bem que (...) isso não funciona muitas vezes acho que colocamos objetivos a mais (...) eu acho que nós deveríamos cingir por três ou quatro objetivos (...) e ás vezes é mais difícil de avaliar quando são muitos objetivos (...) tentamos sempre cumprir de certa forma o que colocamos (...) deverão ser avaliados....por exemplo num mês dois meses..ás vezes nós colocamos mais objetivos mas damos uma margem maior (...) colocamos mais ponho por exemplo um período de quatro cinco meses e depois vou avaliando de mês a mês (...) vamos ver se ele já consegue fazer e coloco a data (...) se ele consegue fazer (...)”. (¶22)
	Definição de objetivos	“(...) um objetivo funcional é um objetivo muito preciso que vá ao encontro daquela dificuldade...imaginemos se a criança (...) não consegue levar a colher á boca o objetivo funcional tem que ser um objetivo que diga...pega na colher...agarra na colher..leva-a á boca e...faz isto por exemplo três vezes ou duas vezes (...) que nós achemos que ele vai conseguir daqui a um mês (...) ás vezes fazemos os objetivos funcionais outras vezes menos funcionais se bem que eu acho que todos eles deveriam ser funcionais (...) nós sabemos a teoria e ás vezes pô-la em prática é mais difícil (...) tentamos sempre por o máximo funcional (...)”. (¶23)
	Implementação de objetivos	“(...) após a EBR os objetivos funcionais (...) são descritos (...) num plano (...) e são entregues á família (...) e são explicados e depois nós no momento (...) quando estamos com a criança tentamos (...) por um bocadinho em prática aquilo que está lá...para a família poder dar continuidade...família ou a educadora (...) também isto depende um bocadinho do contexto em que a criança está...se bem que mesmo estando num contexto de creche a família em casa também poderá dar continuidade (...) explicando e depois estando muito atento sempre...estando perto sempre muito da família...perguntar-lhe (...) como é que correu (...) e as famílias vão-se habituando a esta rotina que já precisam muito de nós...telefonam e...nós gastamos montes de tempo com mails e telefonemas (...) isto envolve-nos de tal forma que temos essa necessidade (...) de estar muito perto”. (¶24)
<b>Vantagens da Utilização da</b>		“(...) motiva-me porque eu (...) acho que é perfeito...vai ao encontro da..das famílias (...) ajuda-nos a perceber como é que a família funciona (...) e quais as dificuldades que tem...acho que é a entrevista indicada...para nós percebermos as rotinas...perceber a funcionalidade da família da criança de tudo o que está ali em volta...pode precisar a criança mas

<p><b>EBR</b></p>		<p>também pode precisar a família (...) nós ficamos a saber (...) muitas coisas tanto da criança como problemas da família (...) podemos ajudar em (...) diversos sentidos (...) muitas vezes há problemas ali (...) tão fundamentais (...) como (...) a falta de dinheiro que as famílias têm (...) há muita coisa que está em jogo e às vezes nós achamos tudo muito fácil e há ali problemas que nós temos (...) de os ter em conta (...) tentar ajudar ao máximo...arranjar estratégias (...). (¶25)</p> <p>“(...) as vantagens é perceber aquilo que elas fazem ou como é que correm as rotinas em casa para depois (...) poder ir ao essencial não nos perdermos (...) em coisas se calhar supérfluas...porque às vezes nós educadores principalmente (...) aqui á uns tempos via assim as coisas: o importante é eles saberem as cores as formas (...) a parte académica, e muitas vezes isso não é dependendo do caso o principal..há tantas coisas muito mais fundamentais para ajudar as crianças e a EBR ajuda-nos a ir mesmo ao essencial (...)”. (¶27)</p>
<p><b>Dificuldades na Utilização da EBR</b></p>	<p>Formação</p>	<p>“As maiores dificuldades (...) é tentar registar (...) às vezes nós envolvemo-nos de...de tal forma...quando estão dois ou três pronto um regista outro está a falar e não há problema (...) mas eu acho que até tem corrido muito bem com as famílias têm colaborado muito bem (...) só se for aquelas famílias que lá está ficam..pensam...”ai será que isto...” “não sei para que será isto...” “será..” um bocadinho mais desconfiadas...mas (...) nós explicamos (...) o porque de estarmos lá, o que vamos fazer...e acho que as famílias têm colaborado bem (...)”. (¶26)</p> <p>“(...) eu acho que é sempre fundamental nós estarmos em formação e principalmente discutir casos..vermos forma (...) como é que este técnico funciona nesta situação...porque eu acho nós estamos constantemente a aprender eu sinto (...) que cada vez preciso de aprender mais e a formação é um bocadinho para nós reflectirmos acerca daquilo que nós fazemos (...) a formação para discussão sempre em aprendizagem é fundamental ligada á intervenção precoce...sem dúvida”. (¶28)</p> <p>“(...) eu acho que é fundamental pessoas que investiguem acerca da intervenção precoce para melhorarmos mais (...) se estudarmos e percebermos como é a realidade mais facilmente conseguimos melhorar (...) a parte prática (...) eu gostava é que houvesse mais formações nesta área (...) em especifico da IP é muito difícil de encontrar (...)”. (¶29)</p>

## Anexo D

### Resumo das Perspetivas de Helena

Categorias	Sub-Categorias	Excertos da Entrevista de Helena
<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	Planificação da avaliação com a EBR	“(...) combinamos o dia em que vamos realizar (...) para a família já estar preparada para o que vamos fazer nesse dia e (...) e peço, se for possível, para alguém ficar com o miúdo para não estar...porque vai ser uma conversa mais entre adultos (...) permite-nos estar (...) mais a vontade e explico-lhe (...) as perguntas que vamos fazer e o porquê...quais são as vantagens e o que nos pode ajudar as informações que vamos tirar da EBR”. (¶1)
	Desenrolar da entrevista	“Eu tento seguir dentro do possível as indicações que vêm na EBR (...) volto a explicar á família o porquê de estar a ir a perguntas um bocadinho diferentes se calhar daquilo que eles estariam a espera que uma Terapeuta da Fala lhe perguntasse (...) e porque quero saber tanto acerca do dia deles e (...) das rotinas (...) como se passa o tempo deles em família no fundo”. (¶2)
	Procedimentos utilizados para compreender os momentos de rotina da família	“(...) depende (...) do desenrolar da conversa com as famílias...seguindo um bocadinho o protocolo mas nem sempre é possível seguir á risca (...) depois á medida que uma família se abre mais ou se abre menos nos permite ir aprofundando (...) e obter outras informações que nos possam parecer pertinentes e que nos possam parecer úteis (...) nenhuma família é igual e acabamos depois por conduzir as coisas de forma diferente”. (¶3)
	Importância da participação da família na EBR	“(...) peço se poder estar o pai e mãe seria importante claro que muitas vezes acontece o pai não pode a mãe não pode por isto ou por aquilo e acaba normalmente por ser só um dos progenitores a estar e...depois tentamos também saber o que acontece com os outros filhos ou com o resto da família (...) temos que ver realmente qual é o papel de cada elemento da família e...e...a preocupação que os pais têm não só com o filho que nós estamos a apoiar mas também com tudo...todas as pessoas que estão á volta (...)”. (¶4)
	Rotinas abordadas com mais frequência	“(...) são aquelas que nós vamos conduzindo (...) o acordar...as refeições (...) as saídas (...) a ida para a escola...o resto da escola (...)”. (¶5)
	Estratégias e atitudes utilizadas para demonstrar interesse na informação prestada pela família	“Ouvir (...) deixá-las falar...ir colocando questões sobre aquilo que eles estão a dizer (...) tentando-lhes mostrar também em que é que aquilo nos vai ajudar (...) se a família nos está no momento a falar de uma coisa e nós lhe conseguimos mostrar (...) que (...) é muito importante porque (...) vamos tentar então fazer assim, assim, assim ou vamos tentar aproveitar essa situação (...) ela começa a perceber para que é que serve então esta entrevista (...) porque é que nós estamos a utilizar...porque é que para nós é importante saber aquilo”. (¶6)
	Avaliação do nível de satisfação da família	“(...) pergunto qual é o grau de satisfação (...) as famílias com quem tenho lidado conseguem perceber perfeitamente qual é a (...) cotação (...) não tenho precisado recorrer a nenhum tipo de pistas ou estratégias (...) tenho conseguido”. (¶7)
	Tempo gasto na realização de uma EBR	“Muito variável...depende muito da família e depende do decorrer da conversa..já tivemos entrevistas a durar vinte minutos meia hora e outras que não se consegue fazer só numa (...) sessão...temos ás vezes que prolongar e

		dividir (...) depende muito (...) de como a família depois acaba por alargar ou não os temas”. (¶8)
	Profissionais envolvidos na EBR	“(…) é o gestor de caso sempre (...)”. (¶9) “(…) nem todos os profissionais ainda usam (...) é o gestor de caso que opta por fazer ou não”. (¶10)
<b>Participação da Família na EBR</b>	Reações das famílias	“Algumas no início estranham um bocadinho (...) mas depois acabam por perceber para que é que serve e a utilidade dessas informações e (...) com as sessões seguintes acabam por nos dizer ele já faz isto, já consegue fazer isto ou aquilo, agora isto está bem mas complicou aquilo (...)”. (¶11)
	Elementos da família que participam	“Normalmente é a mãe...embora cada vez mais também os pais estejam a participar...em algumas situações o casal também...mas normalmente a mãe ou o pai”. (¶12)
	Locais ou contextos da avaliação com a EBR	“(…) normalmente é aqui na instituição (...)”. (¶13)
	Estratégias que potenciam o envolvimento da família	“Vamos perguntando (...) o que se passa com os restantes elementos da família...se está tudo bem se não está...e se há alguma coisa também que os preocupa com eles (...)”. (¶14)
	Informação obtida com a EBR	“(…) dificuldades que as famílias sentem no dia-a-dia...acho que realmente não há outro instrumento para recolher (...) de forma tão estruturada (...) as dificuldades (...) e os factores que (...) as crianças conseguem fazer com facilidade (...) no dia a dia (...)”. (¶15)
<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	Identificação das redes de apoio e dos recursos da família	“(…) muitas vezes as famílias (...) alguma dificuldade numa fase inicial de identificar todos os recursos (...) depois com a conversa á medida que vamos conhecendo as famílias (...) vamos percebendo que eles têm outros (...) recursos que inicialmente não os referiam (...) acho que muitas vezes estas situações só num contato não conseguem ficar completamente preenchidas (...) depois com a criação da empatia com a família e da confiança e do à vontade é que muitas vezes conseguimos chegar mesmo á globalidade da situação (...) perceber o ecomapa na sua verdadeira dimensão(...)”. (¶17)
	Identificação de prioridades da família	“No fim para a definição dos objetivos (...) tentamos identificar quais são as áreas prioritárias (...) da família...de tudo aquilo que eles referiram como dificuldade o que é que eles acham que seria mais importante para eles ver trabalhado”. (¶16)
	Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos	“Estamos a começar a utilizar (...) o ecomapa (...)”. (¶17)
	Relevância da identificação prioridades e recursos	“(…) fundamental para a planificação (...) se estamos a trabalhar em função da família temos de respeitar quais são as suas principais preocupações e acho que nesse aspeto a EBR (...) nos ajuda a decidir isso com maior facilidade”. (¶18)
<b>Identificação das Competências da Criança</b>	Avaliação dos níveis de envolvimento da criança	“ Como é que ela faz...peço (...) para eles me dizerem: “então e neste momento o que é que ela faz? como é que ela faz?...como é que ela reage?...então e se acontecer isso como é que ela reage? e se acontecer doutra maneira?...” depende (...) da conversa que se vai criando com as famílias...porque há famílias que contam logo tudo (...) e outras que precisamos dirigir mais as questões...mas eu tento perceber exatamente o que é que a criança faz e como está a fazer e para quê que está a fazer (...) a descrição do comportamento dela...(…) fujo mais para a área da linguagem (...) se comunica, para quê que comunica, porque comunica, e como é que está a comunicar mas (...) também tento nas outras situações ver o que é que se passa”. (¶19)

	Avaliação dos níveis de autonomia da criança	“O que é que ela faz sozinha (...) e o que é que ela consegue fazer sozinha...sem orientação da mãe sem...seja na alimentação, seja no vestir, seja no ir usar a casa de banho...cada uma (...) analisar ao pormenor (...) “então ela vai sozinha á casa de banho? o que é que ela faz? como é que ela faz? Então ela vai lá e consegue ser ela a descer as cuecas?...consegue se sentar sozinha na sanita? ou tem de ter redutor ou tem de ter um banquinho?” Para conseguir imaginar ao certo o que está ali a passar para depois tentar se for essa a prioridade da família definir objetivos muito concretos que se possam depois avaliar e concretizar”. (¶20)
	Avaliação das relações sociais da criança	“Podemos sempre perguntar com quem ela brinca mais (...) quem é que a ajuda a fazer o quê (...) com que frequência se encontram (...) com essa família mais alargada se por norma vão para casa um do outro ou não depois do jardim...se lá tem mais primos ou se não tem...como funciona um bocado essa interação com as outras crianças e com os outros adultos seja mais no núcleo mais restrito ou também da família mais alargada...mesmo nas saídas como elas funcionam não é? se vão jantar em casa de amigos como é que funcionam...se vão a casa dos tios, dos primos ou de alguém como é que ela...se esse comportamento é semelhante ou não ao que é em casa se o grau de autonomia é o mesmo...ou se...se desenrascam melhor (...) perceber um bocadinho como é que funciona e como é que faz”. (¶21)
<b>Objetivos Funcionais</b>	Seleção de objetivos	“Tentando seguir um bocadinho (...) as prioridades da família..embora ainda não estejamos a usar completamente os objetivos como deveriam ser definidos em termos de EBR (...)”. (¶22)
	Definição de objetivos	“Ainda não estamos a definir objetivos funcionais como deveríamos (...)”. (¶23) “(…) não definimos de forma tão estruturada e quantificável como deveríamos”. (¶24)
	Implementação de objetivos	“(…) definimos objetivos em função das necessidades dos pais (...) damos orientações vamos trabalhando semana a semana para chegar aos objetivos que vamos seguindo...depois vamos aferindo (...)”. (¶24)
<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>		“(…) eu acho que sobretudo nas situações de crianças mais pequenas e em situações mais graves é extremamente útil até porque nos permite recolher um conjunto de...de informações que não são só da nossa área (...) EBR permite-nos perceber então que há ali outras coisas a serem trabalhadas (...)”. (¶25) “(…) acho que nos ajuda a por em sintonia com as famílias...e que os ajuda (...) a perceber em onde é que em concreto os podemos ajudar...nos ajuda a estruturar um bocado”. (¶27)
<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>		“(…) fazer esta entrevista já temos de ter algum grau de confiança e de á-vontade com os pais...eu não gosto pessoalmente de a fazer logo numa fase muito inicial prefiro deixar passar um mesinho um mês e meio para conhecer os pais...conhecer a família..e então sim começar a utilizá-la (...) vamos muito ao dia-a-dia deles...vamos muito ás rotinas...ás vivências (...) acho que é importante ter á vontade para falar dessas coisas”. (¶26)
<b>Apreciações</b>		“Eu acho que a EBR é um instrumento que todos os profissionais de IP deviam conhecer...o que não quer dizer que (...) a tenhamos que utilizar todas as vezes que se calhar há casos em que não se justifica a aplicação de uma EBR (...)”. (¶25) “(…) uma coisa que eu acho que falta aqui referir (...) a utilização no jardim-de-infância...nas rotinas do jardim...que também temos começado a utilizar e realmente também tem sido bastante positiva a experiência com as educadoras...acho que mesmo as educadoras titulares têm ajudado a estruturar um bocadinho o que é que podem fazer e o que é importante trabalhar...a indicar (...) áreas mais fortes e menos fortes e acima de tudo a organizarem a forma como trabalham com os meninos”. (¶29)

## Anexo E

### Resumo das Perspetivas de Isabel

Categorias	Sub-Categorias	Excertos da Entrevista de Isabel
<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	Planificação da avaliação com a EBR	
	Desenrolar da entrevista	“Nós procuramos seguir o guião...nem sempre de uma forma rígida (...) costumamos ter o guião da EBR como esqueleto da entrevista”. (¶2)
	Procedimentos utilizados para compreender os momentos de rotina da família	“Para além das questões do próprio guião (...) as respostas das famílias...são exploradas...caso a caso (...) procuramos manter esse esqueleto mas (...) de acordo com aquilo que a família nos diz exploramos as coisas que ficam menos claras”. (¶3)
	Importância da participação da família na EBR	“(…) dificilmente conseguimos estar com mais que um elemento da família (...) procuro tentar através desse elemento (...) saber o que se passa com os outros elementos da família...não tanto as preocupações dos outros mas tentar perceber a rotina da criança com os vários elementos da família (...)”. (¶4)
	Rotinas abordadas com mais frequência	“(…) talvez as da alimentação (...) depende dos casos (...) porque são momentos que para além das questões alimentares (...) é um momento em que se calhar a comunicação também está muito envolvida...e por vezes surgem falhas ou necessidades relacionadas com questões de comunicação e linguagem que sobressaem (...) ao seguirmos o guião eu procuro tentar levar a sequência do dia e acabamos por falar em todas as rotinas”. (¶5)
	Estratégias e atitudes utilizadas para demonstrar interesse na informação prestada pela família	“(…) não é uma coisa que eu faça de um modo forçado (...) tenho o cuidado de dar sinais de que aquilo que me está a ser transmitido é importante (...) com acenos de cabeça..mantendo o contato ocular..portanto são cuidados que eu normalmente tenho mesmo sem ser neste tipo de entrevistas”. (¶6)
	Avaliação do nível de satisfação da família	“(…) depois de conversarmos um bocadinho (...) sobre a rotina e de surgirem algumas questões ou não...algumas preocupações relacionadas (...) com a rotina (...) vou anotando essas preocupações (...) e no final procuro avaliar perguntando: “de um a cinco qual é o seu grau de preocupação...qual a intensidade de preocupação que tem (...) com esta questão?” (...)”. (¶7)
	Tempo gasto na	“Trinta minutos (...) às vezes mais...já aconteceu menos..”. (¶8)

	realização de uma EBR	
	Profissionais envolvidos na EBR	“(...) normalmente o responsável de caso...por vezes a técnica de serviço social também...mas depende”. (¶9)
<b>Participação da Família na EBR</b>	Reações das famílias	“(...) quando eu (...) explico aquilo que gostaria de fazer (..) com elas...acho que os primeiros (...) sinais que eu sinto...embora muitas vezes não de uma forma (...) muito direta...muitas vezes por expressões (...) é uma resistência...por parecer uma coisa muito longa...quando eu digo que vai ter a ver com as várias rotinas para tentarmos perceber quais são as áreas onde há mais preocupações...onde...noto algum (...) receio que seja uma coisa muito demorada (...) mas de um modo geral (...) eu sinto-me satisfeita no final da administração da EBR e noto também que as famílias estão bem (...)”. (¶11)
	Elementos da família que participam	“Nas minhas famílias tem sido mais as mães”. (¶12)
	Locais ou contextos da avaliação com a EBR	“(...) depende...já aconteceu ser no jardim-de-infância (...) já aconteceu ser aqui na instituição (...) os meninos que eu acompanho...as minhas responsabilidades de caso são crianças que são acompanhadas no jardim-de-infância (...) não tenho casos de domicílio (...) portanto nessas situações quando tento contactar a família não pergunto...não sugiro que o encontro seja na casa da família...ou é no jardim-de-infância ou é aqui (...)”. (¶13)
	Estratégias que potenciam o envolvimento da família	“(...) pergunto o que é que os outros elementos (...) está a fazer nesse momento (...) porque se eu perceber em cada momento em cada rotina o que é que todos estão a fazer...também se torna mais fácil questionar em relação a coisas relacionadas (...) com a própria criança (...) e às vezes conhecendo a rotina depois também se podem sugerir estratégias de intervenção que passam pelos outros elementos da família”. (¶14)
	Informação obtida com a EBR	“(...) se não utilizarmos a EBR e fizemos uma pergunta aberta: “quais são as suas preocupações?” ou “o que é que são as suas prioridades com o seu filho?” (...) normalmente as pessoas vão a questões mais macro mais (...) vagas...com a EBR e indo ao detalhe dos momentos da família por vezes surgem coisas, detalhes, que (...) para a própria família...nem pareciam ser um problema...não nos passaria pela cabeça que pudesse ser um problema e são...e às vezes são coisas tão pequeninas (...) e que se resolvem rapidamente com uma pequenina estratégia (...) o detalhe que as rotinas dão permitem ir a comportamentos mais pequenos...mais fáceis de isolar...mais fáceis de intervir (...)”. (¶15)
	<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	Identificação das redes de apoio e dos recursos da família
Identificação de prioridades da família		“Sim (...) porque devemos seguir aquilo que são as prioridades da família não faz sentido de outra forma..depois em termos de implementação do plano (...)”. (¶16)
Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e		

	recursos	
	Relevância da identificação prioridades e recursos	Prioridades: “(...) devemos seguir aquilo que são as prioridades da família não faz sentido de outra forma..depois em termos de implementação do plano (...)”. (¶16) Recursos: “(...) se for um objetivo que...que seja transversal...que possa ultrapassar uma questão que é meramente familiar e de momento acho que isso é útil de outro modo nem por isso”. (¶17)
<b>Identificação das Competências da Criança</b>	Avaliação dos níveis de envolvimento da criança	“Questionando diretamente sobre o que é que (...) está a fazer naquele momento...e se isso não ficar claro questionar de outra forma mas de modo a (...) que a mãe ou que o pai consigam ser muito claros em relação aquilo que a criança está a fazer realmente naquele momento”. (¶19)
	Avaliação dos níveis de autonomia da criança	“(…) com as mesmas perguntas apenas com o esclarecimento dessas perguntas conseguimos ter (...) quer o nível de envolvimento quer de autonomia (...) portanto a partir do momento em que com uma resposta para mim fica claro a autonomia e o envolvimento...não me preocupo muito com uma pergunta para esta outra para a outra (...) se já está claro passa á frente e depois faço o descritivo (...) mais detalhado...de modo que consiga visualizar de que forma se envolve e de que forma é autónomo (...)”. (¶20)
	Avaliação das relações sociais da criança	“É a mesma coisa (...) tenho dificuldade em separar isto tudo porque...amm..são coisas que estão completamente ligadas (...) por vezes se não ficou um muito claro como é que é uma delas posso explorar um pouco mais de acordo com a rotina...de acordo com o que estava a ser descrito (...)”. (¶21)
<b>Objetivos Funcionais</b>	Seleção de objetivos	“(…) de acordo com as prioridades definidas pela...pela família (...) tentamos defini-los de uma forma operacional (...) centrados naquilo que são (...) as preocupações prioritárias da família (...)”. (¶22)
	Definição de objetivos	“(…) tenho a preocupação de que sejam objetivos que..amm..não haja dúvida nenhuma em relação a ser foram atingidos ou não...quer para nós quer para a família (...) acho que esse é um bom princípio quando (...) se define um objetivo (...) recordo-me na formação da EBR na linguagem...atingido não sei quanto número de vezes (...) põe-se um bocado complicador (...) tem que ser imediatamente claro se tá atingido ou não”. (¶23)
	Implementação de objetivos	“Em articulação com a família...amm...sugerindo estratégias para os alcançar (...) acompanhando semanalmente a implementação dos objetivos...determino as dificuldades que estão a existir...reformulando as estratégias”. (¶24)
<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>		“(…) ela é mais útil quando estamos numa fase inicial de intervenção crianças (...) dos zero diria até aos três...a partir dos três...depende dos casos (...)”. (¶25) “(…) este guião (...) facilita e ajuda que haja um maior envolvimento da família...porque percebem que...ao decompor a vida deles...as rotinas deles..da forma como o fazemos e ao perceberem que é nesses contextos que é possível atuar...eu acho que se sentem mais importantes...mais responsáveis (...) pelos resultados (...) essa é uma das vantagens...ajuda não só a definir (...) objetivos e a estabelecer as prioridades...mas também o envolvimento das famílias”. (¶27)
<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>		“(…) eu (...) utilizo a EBR quando (...) as principais dificuldades que eu antecipo naquela criança estão relacionadas com questões (...) muito do foro da autonomia...normalmente isto acontece a crianças mais pequeninas...passar uma EBR a uma criança que tem cinco anos que em termos de autonomia já come...já não tem problemas a fazer chi-chi, cocó normal, lava as mãos...que em termos de autonomia está tudo bem (...) não vejo grande vantagem na (...) na administração da EBR (...) porque se vamos centrar as coisas...o plano nos objetivos que vão surgir na EBR...amm...provavelmente aqueles que são os grandes problemas daquela criança e as preocupações da família com

		<p>aquela criança não vão surgir porque...as dificuldades daquela criança surgem mais no contexto de jardim-de-infância (...) sobretudo quando tem famílias (...) que intelectualmente também podem ter algumas limitações (...). (¶25)</p> <p>"(...) o tentar passar a EBR numa situação dum criança que em termos de autonomia já está bem já não tem propriamente problemas mas que tem um défice cognitivo e que...tem um atraso de desenvolvimento global...que a faz por exemplo aos cinco anos estar ao nível dos três ou dos quatro (...) os pais sobretudo quando são pais de meios socioculturais mais desfavorecidos e com algumas limitações dizem que está tudo bem que a escola é que notou que havia problemas no menino mas que para eles está tudo bem". (¶26)</p>
	Formação	"(...) acho que é importante que o curso seja feito (...)". (¶28)
<b>Apreciações</b>		"(...) aquilo que eu sinto que precisaria de...de ter mais para utilizar melhor e mais (...) era ter mais tempo e menos crianças...neste momento as ELI estão a rebentar pelas costuras com as crianças que temos...prometem-nos alargamentos mas ficam apenas no papel (...) e é complicado com o número de crianças que cada gestor de caso tem é muito complicado fazer isto tudo (...) como deve ser". (¶28)

## Anexo F

### Resumo das Perspetivas de Joana

Categorias	Sub-Categorias	Excertos da Entrevista de Joana
<b>Processo de Utilização da EBR com as Famílias</b>	Planificação da avaliação com a EBR	“(...) nós combinamos com a família...explicamos (...) a entrevista que vamos fazer (...) peço sempre para não trazer a criança...para vir com tempo, com calma que é algo que demora (...) geralmente combinamos aqui para ser mais calmo porque em casa acaba por..chega alguém ou está alguém (...)”. (¶1)
	Desenrolar da entrevista	“(...) volto a relembrar aquilo que tinha explicado (...) e depois faço o que tem no guião (...)”. (¶2)
	Procedimentos utilizados para compreender os momentos de rotina da família	“(...) vou pelo guião (...) é a melhor forma...pergunto sempre o que é que o menino faz (...) geralmente eles têm uma interpretação de comportamento dos filhos que a nós nos pode parecer diferente porque já conhecem a rotina (...) o que é que os outros estão a fazer ao mesmo tempo...em que sitio da casa estão (...) se está sozinho...se tem apoio (...)”. (¶3)
	Importância da participação da família na EBR	“(...) quero saber o que todos estão a fazer (...) tento perceber o que é que o pai está a fazer naquela hora...a mãe e os irmãos porque às vezes os próprios irmãos ajudam ou não na rotina (...) geralmente aponto a irmã está a fazer assim...o pai está a fazer assim...para tentar perceber se o comportamento que a criança está a ter se é para copiar algum dos outros...ou se é por interesse próprio...tentar fazer a minha interpretação (...)”. (¶4)
	Rotinas abordadas com mais frequência	“(...) pergunto todas as rotinas mas...o vestir e o pequeno-almoço (...) porque é uma coisa que os pais têm de estar sempre presentes (...) o dormir também me nomeiam quase sempre (...) e geralmente com algumas queixas (...)”. (¶5)
	Estratégias e atitudes utilizadas para demonstrar interesse na informação prestada pela família	“Eu tento olhar para a pessoa (...) dar valor ao que me diz...com palavras...com gestos...tento...esmiuçar o que eles estão a dizer para eles perceberem que estou a seguir o raciocínio e que estou muito interessada no que me dizem (...) na hora vai-me saindo (...) há pais que o eu estar a esmiuçar pode mostrar interesse e noutros não (...) depende muito da família (...) tento dizer muitas vezes isso é importante...ou não faça assim (...) e depois mais para a frente na elaboração do PIIP aponto que é uma coisa que tem de ser trabalhada...e eu acho que isso lhes mostra que eu estou interessada (...)”. (¶6)
	Avaliação do nível de satisfação da família	“(...) digo sempre: “de zero a cinco em que zero é não satisfeito e cinco é totalmente satisfeito diga-me (...) o que acha desta rotina?” costumo perguntar sempre porque (...) às vezes pela descrição da rotina eu acho que a mãe não devia estar muito satisfeita e a mãe diz-me que está no nível cinco..e eu já percebi que a mãe se acomodou aquela situação mesmo ela não sendo correta (...) é como outras rotinas que na minha opinião parece normal naquela idade e a mãe me diz que está dois satisfeita...porque não devia fazer assim devia fazer assim...e dá-me para posteriormente trabalhar isso

		também com a família (...). (¶7)
	Tempo gasto na realização de uma EBR	“(...) depende dos pais (...) mas entre uma e duas horas (...) há pais que vêm e até nem vêm para conversar e eu faço perguntas e por mais que esmiuça a coisa eles num...então ai é rápido...e há pais que vêm na disposição de colaborar comigo eeee explicar-me as coisas ao certo e estamos ali aquele tempo todo e ai demora mais um bocadinho”. (¶8)
	Profissionais envolvidos na EBR	“(...) nos casos que fiz em quase todos fui só eu (...) e a mãe (...) numa ou outra esteve a assistente social também para depois tirar algumas...porque ainda não tinha feito o relatório social ou assim mas atualmente só sou eu”. (¶9)
<b>Participação da Família na EBR</b>	Reações das famílias	“(...) têm reagido sempre bem..se bem que foi feito sempre em famílias que já nos conheciam...já tínhamos à vontade...não sei se os casos daqui para a frente (...) se vão reagir bem logo na primeira porque entramos em questões assim um bocadinho pessoais do foro do funcionamento da família...mas parece-me que sim e do que eu ouço das minhas colegas todos têm reagido bem (...) nunca tive ninguém a reagir mal”. (¶11)
	Elementos da família que participam	“ A mãe...geralmente...também temos casos que vem o pai mas no meu caso sempre que vem o pai foi por impossibilidade de vir a mãe...não foi por opção vai o pai (...) poucas ou nenhuma vezes tive os dois presentes...até porque eu peço para não trazer as crianças...e às vezes fica um com as crianças e o outro vem (...)”. (¶12)
	Locais ou contextos da avaliação com a EBR	“Eu costumo fazer aqui...na instituição (...) às vezes em casa depois (...) chega alguém e é sempre mais difícil então eu peço para virem cá...um local neutro...estamos aqui sossegadinhos (...) às vezes há famílias que não podem as minhas colegas têm de fazer em casa na hora do apoio (...)”. (¶13)
	Estratégias que potenciam o envolvimento da família	“(...) eu vou perguntando por todos em todas as rotinas (...)”. (¶14)
	Informação obtida com a EBR	“(...) a integração...digamos social da criança naquela tarefa...de que forma ela está envolvida com todas as pessoas da família...em que sítio da casa está a fazê-lo...porque muitas vezes é importante principalmente na questão motora (...) há poucos instrumentos que me transmitam isso (...) dá informação muito válida sobre as rotinas que noutros instrumentos é impossível”. (¶15)
<b>Identificação de Prioridades e Recursos da Família</b>	Identificação das redes de apoio e dos recursos da família	“(...) fazemos um ecomapa numa cartolina (...) se for os pais a colar e a por...eles começam a ter noção de coisas que até nem tinham (...) que tinham (...) tanto apoio (...) eu levo já as coisinhas...uns quadradinhos...cartolina de uma cor...cartolina de outra e eles colam...escrevem eles...e fica o ecomapa deles (...)”. (¶17)
	Identificação de prioridades da família	“Faço (...) há famílias cujas prioridades eu não posso dizer que estão erradas mas (...) há famílias que não têm noção do atraso que a criança tem...por variadas razões...há famílias que mesmo o caso sendo grave ainda não têm noção ou ainda não fizeram o luto e estão na fase da negação e (...) há (...) famílias (...) de meios mais (...) rurais que não têm tanta formação não sabem o que é que as crianças deveriam saber naquela altura (...) portanto nem sempre o que me dizem como prioridades me dá para formular os objetivos e o plano de tratamento...noutros casos dá...mas eu tenho sempre em conta tudo o que eles me dizem de qualquer forma (...)”. (¶16)

	Instrumento utilizado na identificação de redes de apoio e recursos	“(...) fazemos um ecomapa (...)”. (¶17)
	Relevância da identificação prioridades e recursos	“(...) considero importante quando os pais têm noção...ou pelo menos um bocadinho de noção do problema da criança só que nem sempre posso exigir isso dos pais porque os pais nem sempre têm formação (...) é importante ir registando as prioridades mesmo (...) naquelas situações que eu sei á partida que não vão ajudar muito na formulação dos objetivos e do plano de tratamento mas dá para isso que também tem de ser trabalhado com a família...a questão de aceitar a criança e das limitações da criança (...)”. (¶18)
<b>Identificação das Competências da Criança</b>	Avaliação dos níveis de envolvimento da criança	“Geralmente é o que é que ele está a fazer...o que é que lhe parece...” como é que lhe parece que ele está?” se está a gostar se não está a gostar (...) “parece-lhe (...) que está a ser fácil para ele fazer isso? que está feliz no que está a fazer? ele gosta? ele repete a seguir? sem a mãe lhe pedir?” (...) depois dependendo dos níveis (...) de entendimento dos pais eu decomponho a pergunta ou não...mas é isso que eu quero saber”. (¶19)
	Avaliação dos níveis de autonomia da criança	“Pergunto sempre...” acha que ele consegue fazer isso? Ele leva a tarefa até ao fim?” (...) tenho de perguntar aos pais assim muito decomposto...alguns pais não explicam logo (...) tenho de partir assim a actividade por momentos: “Quem lhe preparou a comida no prato? Quem lhe serviu? Quem lhe pôs o prato á frente? E no vestir a mesma coisa...quem lhe pôs a roupa para ele vestir? (...) ele fez sentado...fez de pé (...) ele calça os sapatos?” (...). (¶20)
	Avaliação das relações sociais da criança	“(...) quando é só em casa (...) faço as questões do costume...quando quero saber como se comporta fora costume perguntar: “e no fim-de-semana costuma ir a algum sítio? (...) como é que ele se porta lá? Ele come com o avô igual ao que come com a mãe? (...) ele comporta-se na mãe como se comporta me casa? (...) e nos tios? e quando vão ao café como é que ele faz?” se toma o leite na mesma como toma em casa (...)”. (¶21)
<b>Objetivos Funcionais</b>	Seleção de objetivos	“(...) como a EBR determina...de acordo com as prioridades...defino objetivos...os principais problemas que os pais definem (...) nem sempre dá (...) quando (...) não posso é de acordo com o que estará estipulado para a idade dele...num desenvolvimento normal (...)”. (¶22)
	Definição de objetivos	“Neste momento ainda não estou (...) a definir objetivos funcionais...tento o mais funcional possível mas aquelas normas (...) ainda não faço assim (...) provavelmente agora vá começar mas ainda não estava a fazê-los porque algumas coisas tem alguma dificuldade (...)”. (¶23)
	Implementação de objetivos	“Eu estipulo os objetivos...mostro á família...geralmente a família mesmo não tendo referido isso como preocupação...como problema...habitualmente concordam e vamos trabalhando (...) quando a questão é só motora geralmente não trabalho só um objetivo de cada vez...porque a sessão depois cria-se monótona (...) escolho dois ou três...vou trabalhando (...)”. (¶24)
<b>Vantagens da Utilização da EBR</b>		“O que me motiva é de fato perceber (...) questões do funcionamento da criança...e do desenvolvimento dela...que não conseguia perceber numa avaliação (...) minha (...) técnica...há coisas que me interessa saber e que sem isso não conseguia (...) motiva-me muito perceber o comportamento dos miúdos (...) há crianças que têm comportamento motor completamente diferente em casa do que têm connosco (...) só consigo perceber isso se a mãe me disser como ele se comporta em casa dela...em casa dos avós (...)

		<p>às vezes a parte motora não avança e o problema está no foro emocional.....enquanto ele não for apoiado nesse nível não vai desenvolver para outro...e motiva-me saber esse tipo (...) coisas”. (¶25)</p> <p>“(...) parece-me importante porque ajuda os pais a ter noção de como deveria ser aquela rotina e orientá-los (...) vamos explicando...vai-se fazer assim...deve ser assim...não vamos impor (...) e os pais também vão percebendo onde está o erro...às vezes nem é erro mas temos de criar adaptações aquela rotina que auxiliam a criança a fazer as aquisições (...)”. (¶27)</p>
<b>Dificuldades na Utilização da EBR</b>		<p>“(...) o tempo que os pais têm que disponibilizar para virem ter comigo...falar comigo...é uma dificuldade grande...e depois (...) em alguns casos tirar informação daí porque nem sempre os pais (...) pelas experiências de vida...por falta de formação (...) conseguem explicar...dar-me informação (...) produtiva (...) nem sempre eles explicam da melhor maneira (...)”. (¶26)</p>
	Formação	<p>“(...) o saber não ocupa lugar (...) há coisas que eu vou sentindo dificuldade...há coisas que nós vamos aprendendo (...) de uma para a outra (...) há dúvidas que aparecem e que nunca seria demais se houvesse alguém que nos conseguisse elucidar sobre essas coisas (...) já me sinto mais segura a aplicar a EBR...de qualquer forma...ouvir outras pessoas...nem que seja a contar como foi: “senti essa dificuldade...resolvi assim...” dá-nos sempre uma ajuda melhor (...)”. (¶28)</p>



## Anexo G

### Guião da Entrevista SemiEstruturada

#### Questões Introdutórias:

Nome (Pseudónimo):

Idade:

Sexo: Feminino  Masculino

1) Formação académica: \_\_\_\_\_

2) Há quantos anos trabalha na IP? \_\_\_\_\_

3) Possui algum tipo de formação especializada em Intervenção Precoce (IP)?

Sim  Não

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Possui outro tipo de especialização? Sim  Não

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Local de realização da Entrevista: \_\_\_\_\_

Data de realização da Entrevista: \_\_\_\_\_

## **Questões Abertas de Aprofundamento da Temática:**

### **Processo de Utilização da EBR com as Famílias:**

1. Planifica com a família a avaliação com a EBR? Se sim, de que modo?
2. Como se processa o desenrolar da entrevista? (como inicia, que questões introdutórias utiliza, etc)
3. Que perguntas, procedimentos e estratégias utiliza para compreender os momentos de rotinas da família e o seu funcionamento?
4. Atribui importância a cada membro da família no momento da avaliação das rotinas? Que tipo de estratégias ou procedimentos utiliza, habitualmente, para que isto aconteça?
5. Quais as rotinas que as famílias nomeiam com mais frequência?
6. Que estratégias/attitudes utiliza para que a família saiba que está interessada no que lhe está a transmitir?
7. Questiona a família sobre o seu nível de satisfação em cada momento da rotina? Que tipo de estratégias ou procedimentos utiliza, habitualmente, para colocar esta questão?
8. Quanto tempo gasta, habitualmente, na realização de uma EBR?
9. Habitualmente quantos profissionais estão envolvidos na implementação da EBR?
10. Quem são os profissionais que fazem a EBR com a família?

### **Envolvimento efectivo das famílias no processo da EBR:**

1. Como reagem habitualmente as famílias perante a EBR?
2. Quem são os elementos da família que mais frequentemente participam na EBR?
3. Em que locais ou contextos faz habitualmente a avaliação com a EBR?

4. De que forma e em que momentos é que potencia o envolvimento da família durante o processo de aplicação da EBR?
5. Tendo em conta a sua experiencia, que informação considera obter com a EBR que dificilmente obtém com outro tipo de instrumentos ou situações?

**Identificação de prioridades e recursos da família:**

1. Aquando da aplicação da EBR faz a identificação das prioridades da família? Considera essa informação relevante para o processo de aplicação da EBR? Porquê?
2. Aquando da aplicação da EBR faz a identificação das redes de apoio e recursos da família? Utiliza algum tipo de instrumento para fazer esta identificação (ecomapa, checklist, etc)?
3. Considera a identificação das prioridades e recursos da família importante para o processo de apoio? Se sim, porquê?

**Identificação das competências da criança (envolvimento, relações sociais e autonomia):**

1. Como avalia os níveis de:
  - a. envolvimento da criança nos momentos de rotina?
  - b. autonomia da criança nos momentos de rotina?
  - c. relações sociais da criança nos momentos de rotina?

**Definição de objetivos funcionais e de estratégias para a intervenção:**

1. Como selecciona os objetivos de intervenção?
2. Define objetivos funcionais? Que preocupações tem, ao nível da formulação, quando elabora estes objetivos?

3. Após a EBR como se processa a implementação dos objetivos funcionais?

**Compreender as vantagens e as dificuldades dos Profissionais na utilização da EBR:**

1. O que o motiva a utilizar a EBR?
2. Quais são as maiores dificuldades que sente na implementação da EBR?
3. Que vantagens atribui à EBR no apoio às famílias em Intervenção Precoce?
4. Tendo em conta que já fez um curso de formação sobre EBR considera necessário obter mais alguma formação que lhe permita melhorar a sua utilização com as famílias que atende na sua ELI?
5. Para terminar gostaria de lhe perguntar se considera importante referir mais algum aspeto que não foi questionado durante a entrevista, ou se gostaria de fazer algum comentário.

Agradeço a sua disponibilidade e o seu contributo.

## Anexo H

### Declaração de Consentimento

Declaro que aceito participar na entrevista efetuada por Andreia Fernandes de Sousa, aluna do segundo ano do Mestrado em Educação Especial, Área de Especialização em Intervenção Precoce, na Universidade do Minho, no âmbito da sua tese. Declaro ainda que tenho conhecimento que a entrevista será gravada apenas para efeitos de investigação, com salvaguarda dos princípios éticos necessários neste tipo de estudos.

Vila Real, de de 2014

---

(Assinatura)